UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICAS

LUCIANO JOSÉ VIANNA

PELOS CÉUS E PELA TERRA: A CONQUISTA DE MAIORCA (1229) COMO LEGITIMIDADE DO REI JAIME I, O *CONQUISTADOR* (1208-1276)

VITÓRIA
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

LUCIANO JOSÉ VIANNA

PELOS CÉUS E PELA TERRA: A CONQUISTA DE MAIORCA (1229) COMO LEGITIMIDADE DO REI JAIME I, O *CONQUISTADOR* (1208-1276)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Alberto Feldman.

VITÓRIA
2009

LUCIANO JOSÉ VIANNA

PELOS CÉUS E PELA TERRA: A CONQUISTA DE MAIORCA (1229) COMO LEGITIMIDADE DO REI JAIME I, O *CONQUISTADOR* (1208-1276)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, em conformidade com o seu Regimento Interno e como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovada em ____ de _____ de _____

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Sergio Alberto Feldman
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

_____
Prof. Dr. Alexander Martin Fidora Riera
Universitat Autònoma de Barcelona

_____
Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

_____
Prof. Dr. Julio César Bentivoglio
Universidade Federal do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Vianna, Luciano José, 1982-
V617p Pelos céus e pela terra: a conquista de Maiorca (1229) como legitimidade do rei Jaime I, o Conquistador (1208-1276) / Luciano José Vianna. – 2009.
144 f.

Orientador: Sergio Alberto Feldman.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Jaime I, Rei de Aragão, 1208-1276 - Livro dos Feitos. 2. Legitimidade. 3. Palma de Maiorca (Espanha) - História - Conquista, 1229. I. Feldman, Sérgio Alberto. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

“E nós anam en est viatge en fe de Déu e per aquels que no·l creen.”

Llibre dels Fets del Rei En Jaume
v.2 (A cura de Jordi Bruguera). Barcelona: Barcino, 1991, cap. 56.

À minha família.
Obrigado pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram com este trabalho.

RESUMO

Neste trabalho analisamos a narrativa sobre a conquista de Maiorca em 1229 como o *primeiro grande feito de armas* presente no *Livro dos Feitos* de Jaime I, o *Conquistador*. Partimos da hipótese de que Jaime I narrou este *feito de armas* em suas memórias para legitimar-se diante de seus nobres opositores e para afirmar-se como continuador da linhagem dos condes de Barcelona. Em primeiro lugar, optamos por analisar os momentos anteriores à conquista, ou seja, os capítulos 1 a 46 do *Livro dos Feitos*, onde encontramos as primeiras experiências de Jaime I como *rei natural*, *rei feudal* e *rei cavaleiro*. Em seguida, analisamos a narrativa sobre a conquista de Maiorca presente entre os capítulos 47 a 106 do *Livro dos Feitos*, parte principal de nosso trabalho, quando o rei utilizou sua vitória para legitimar-se. Como aparato teórico-metodológico utilizamos o método hermenêutico de Hans-Georg Gadamer.

ABSTRACT

In this work we analyze the narrative of the conquest of Majorca in 1229, the first big conquest in the *Book of Deeds* of James I, the *Conqueror*. We start from the hypothesis that Jaime I narrated in his memories this arms achievement to legitimize himself in front of his noble opponents and also to affirm himself as prosecutor of Barcelona count´s line. First, we decided to examine the moments before the conquest, given in chapters 1 to 46 of the *Book of Deeds,* where we find the first experiences of Jaime I as a *natural king*, *feudal king* and *knight king*. Afterwards, we analyze the narrative about the conquest of Majorca in chapters 47 to 106 of the *Book of Deeds;* this is the main part of our work because it´s in there where the king uses his victory to legitimize himself. As theoretical and methodological apparatus we used the hermeneutical method of Hans-Georg Gadamer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1. UM REINO E O SEU *REI NATURAL*.....19

1.1. O RECONHECIMENTO DOS CÉUS: O *SIMBOLISMO CELESTE*.....20

1.2. O JURAMENTO NAS CORTES DE LÉRIDA: O *SIMBOLISMO TERRENO*.....25

2. AS RELAÇÕES VASSÁLICAS E JAIME I COMO *REI FEUDAL*.....27

2.1. UM REI CONTRA SEU VASSALO: JAIME I X DOM PEDRO AHONES.....30

2.2. UM REI QUE NÃO NECESSITA DE CONSELHOS?.....40

3. A CAVALARIA E JAIME I COMO *REI CAVALEIRO*.....46

3.1. A FORMAÇÃO DE JAIME I COMO *REI CAVALEIRO*.....48

4. MAIORCA: O *PRIMEIRO GRANDE FEITO DE ARMAS* DE JAIME I.....55

4.1. OS PREPARATIVOS.....57

4.2. A TRAVESSIA PARA A GLÓRIA.....73

4.3. O DESEMBARQUE EM SANTA PONSA.....80

4.4. A BATALHA DE PORTOPÍ: A *INICIAÇÃO PRÁTICA NO MUNDO DAS ARMAS*.....83

4.5. A MORTE DOS MONTCADA E A REORGANIZAÇÃO DOS ATAQUES.....91

4.6. NEGOCIAR TAMBÉM É CONQUISTAR.....102

4.7. 31 DE DEZEMBRO DE 1229: A CONQUISTA DA CIDADE DE MAIORCA.....115

4.8. ENFRENTAR AS CONSEQÜÊNCIAS DO *PRIMEIRO GRANDE FEITO DE ARMAS*.....120

4.9. O RETORNO AO REINO: UM NOVO REI?.....127

CONSIDERAÇÕES FINAIS.......134

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....136

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a narrativa sobre a conquista de Maiorca no *Livro dos Feitos* (1252-1276)[1] como o *primeiro grande feito de armas* de Jaime I. Partimos da hipótese de que o rei recordou esta conquista em seu *Livro* com o intuito de legitimar-se perante sua linhagem (a casa dos Condes de Barcelona) e diante da forte oposição de parte de sua nobreza nos primeiros anos de seu reinado.

Entendemos como legitimação o processo no qual há a necessidade de "explicação e justificação dos elementos de uma tradição institucional",[2] ou seja, no caso de Jaime I (considerando o seu contexto) elementos que corroborem sua legitimidade como rei. Na Idade Média as vias de acesso ao poder real eram: 1) a eleição ou designação de um sucessor; 2) a legitimidade dinástica e 3) uma vitória ou uma conquista militar.[3] Além disso, uma das três funções reais era a guerra, o que conseqüentemente implicava na legitimação do poder real.[4]

Qual seria o contexto territorial da Coroa de Aragão naquele momento? Depois da morte de seu pai, Pedro, o *Católico* (1196-1213), Jaime I herdou um território política e economicamente desfavorável. Entretanto, mesmo que tenha recebido o território da Coroa de Aragão nestas condições, foi durante seu reinado que Jaime I liderou um processo expansionista que favoreceu a conquista de novos territórios, promovendo um rompimento com toda política territorial anterior que demonstrava um forte interesse pelas regiões do Languedoc.[5]

---

1 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**. v. 2 (A cura de Jordi Bruguera). Barcelona: Barcino, 1991, cap. 8. Tradução de Ricardo da Costa (Ufes) e Luciano José Vianna com base na edição acima e confrontada com **Jaime I**. Libro de los hechos (Introducción, traducción y notas de Julia Butiñá Jiménez). Madrid: Gredos, 2003. Disponível em: http://www.ricardocosta.com/textos/cronicafeitos.htm.

2 BERGER, Peter L. y LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1968, p. 120-122.

3 LE GOFF, Jacques. Rei. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 395-414.

4 LE GOFF, Jacques. Le roi dans l'Occident Médiéval. In: _____. **Héros du Moyen Âge, le Saint et le Roi**. Paris: Gallimard, 2004, p. 1085-1087.

5 PERARNAU I ESPELT, Josep. De Catalunya als estats de la nació catalana. In: COLÓN DOMÈNECH, Germá i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (Eds.). **El rei Jaume I**: fets, actes i paraules. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 115-126.

Os limites territoriais ao norte desses territórios foram delimitados em 1213 quando Pedro, o *Católico*, morreu defendendo seus vassalos cátaros na batalha de Muret. Como foi uma derrota com perdas territoriais, este acontecimento foi decisivo para a expansão do reino de Aragão em direção ao Mediterrâneo.[6]

Assim, com a derrota em Muret, a expansão da Coroa de Aragão em direção à região do sul da França ficou obstruída.[7] A partir de então a política expansionista permaneceu inerte até 1229, data da conquista de Maiorca. Entretanto, este limite norte da Coroa de Aragão somente foi estabelecido de forma definitiva em 1258 com o *Tratado de Corbeil*.[8]

A partir do reinado de Jaime I a política expansionista da Coroa de Aragão passou a ser realizada no sentido leste-sul. Neste movimento está inserida a conquista de Maiorca, que juntamente com a conquista de Valência (1238) representou o início da "expansão marítima para o oriente peninsular".[9] Este empreendimento já estava presente nos pensamentos dos condes de Barcelona e reis de Aragão, uma vez que Pedro, o *Católico*, já manifestara esta vontade.[10]

Com essa mudança, abandonou-se a predominante "verticalidade" empreendida até meados do século XIII por uma "horizontalidade expansionista".[11] Entretanto, essa horizontalidade foi de certo modo relativa, pois a expansão da Coroa de Aragão direcionou-se também para o sul. Nessa opção pelo Mediterrâneo, os condes de Barcelona e reis de Aragão obtiveram sucesso em suas conquistas e realizaram um intenso comércio com o norte da África, Sicília, Sardenha e o sul da Itália.[12] É neste contexto que está inserida a conquista da ilha de Maiorca.

---

6 SANTAMARIA, Alvaro. La expansión político-militar de la Corona de Aragón bajo la dirección de Jaime I: Baleares. In: **Jaime I y su época**. X Congreso de Historia de la Corona de Aragón. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", 1979, p. 91-146.

7 RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995, p. 185.

8 HILLGARTH, J. N. **El problema d'un imperi mediterrani català – 1229-1327**. Palma de Maiorca: Moll, 1984, p. 38-39.

9 SÁNCHEZ, Esteban Sarasa. Aragón y su intervención militar en el Mediterráneo medieval. **Militaria**: Revista de Cultura Militar, Madrid, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, n.º 12, p. 31-48, 1998.

10 BALCELLS, Albert. **Història de Catalunya**. Barcelona: L'esfera dels llibres, 2004, p. 233.

11 SÁNCHEZ, op. cit., p. 31-48, nota 9.

12 HILLGARTH, J. N. Vida i Importància de Ramon Llull en el context del segle XIII. **Anuario de Estudios Medievales**, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, v. 2, n.º 26, p. 967-978, 1996.

Para compreender esta expansão devemos lembrar que o contexto que analisamos coincide com o que chamamos modernamente de *Cruzadas*. As *Cruzadas* (nomenclatura que é muito posterior ao período) em direção ao Oriente, que na época que aqui nos referimos eram conhecidas pelo termo *passagium generale*,[13] foram definidas nos textos papais como uma forma especial de se fazer a guerra, já que seus participantes receberiam privilégios como a indulgência;[14] a liberação do vínculo entre servo e vassalo; o estabelecimento de tréguas nas guerras entre cristãos; a proteção episcopal às propriedades dos nobres que se ausentassem; privilégios aos cruzados de serem julgados por cortes eclesiásticas e isenções de impostos e de moratórias.[15] Ela foi uma "peregrinação armada em direção a Jerusalém" e promoveu uma operação militar de reconquista dos lugares santos prescrita aos guerreiros (*crucesignati*) em troca da remissão de seus pecados.[16]

A motivação para a realização destas empresas guerreiras em direção ao Oriente deve ser entendida tanto pela política de reforma do papado, iniciada na metade do século XI, quanto pela ameaça islâmica no Oriente. Este foi o cenário onde atuou Urbano II (1088-1099) em 1095. Promulgava-se, assim, a *Guerra Santa Cristã* (*bellum iustum*) contra os infiéis, uma empresa promovida para libertar a Terra Santa em uma luta contra os muçulmanos.[17]

No caso da Península Ibérica, desde o século VIII já ocorria uma guerra contra os invasores muçulmanos. Porém, até o século XI estas empresas guerreiras não eram estimuladas por uma mentalidade religiosa: tratava-se de empreendimentos autônomos onde os interesses financeiros e políticos prevaleciam sobre qualquer outro. Depois da metade do século XI, alguns acontecimentos como a prática da guerra como remissão dos pecados e a invasão dos Almorávidas (c. 1086-1203), fizeram com que ocorresse uma transformação nesta guerra até então dessacralizada. A partir de então se estabeleceria o que conhecemos

---

13 REBOIRAS, Fernando Domínguez. Introducción. In: COSTA, Ricardo da e VENTORIM, Eliane. **Raimundo Lúlio e a idéia de Cruzada**. Rio de Janeiro/São Paulo: Angelicvum/CEMOrOc, 2009, p. 6-25.

14 LEHMANN, Johannes. **Las cruzadas.** Los aventureros de Dios. Barcelona: Martinez Roca, 1989, p. 32-34.

15 COSTA, Ricardo da. **A Guerra na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998, p. 73.

16 FLORI, Jean. Jerusalém e as Cruzadas. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 7-24.

17 TYERMAN, Christopher. **Las Guerras de Dios**: Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2007, p. 56-63.

modernamente como a *Reconquista* ou *Cruzadas Espanholas*.[18] Nessa ocasião, a luta contra os inimigos da Cristandade estava sacramentada, uma vez que ocorria um processo de expansão territorial estabelecido por uma motivação religiosa.[19] Neste último caso, o termo de época que serviu para designar a conquista que aqui analisamos foi *passatge*, palavra que indicava a natureza cruzada da conquista de Maiorca e que aparece muitas vezes no decorrer do *Livro dos Feitos*.[20]

Assim, observando o momento de composição do *Livro dos Feitos* concluímos que esta obra foi produzida dentro do contexto acima explicado e possui uma clara mentalidade religiosa, pois os textos são um produto histórico.[21] Desse modo, é importante compreender a concepção de Deus na mentalidade dos homens medievais para se compreender a Idade Média e, de uma forma específica, a guerra medieval. Nessa época, no campo de batalha, tanto os reis quanto os súditos pensavam como parte de um só corpo.[22] Para eles, era no momento das batalhas que Deus mostraria sua decisão e indicaria de qual lado estava a justiça divina.[23]

Deus significava a concepção de mundo para estes homens,[24] tanto que já no primeiro capítulo do *Livro dos Feitos* Jaime I salientou essa idéia. Era muito importante que os reis cristãos estivessem em harmonia com Ele, pois, caso contrário, as gentes arcariam com as faltas de seu senhor.[25] Além disso, nunca é demais relembrar que a sociedade do Ocidente medieval era *hierofânica*, ou seja, interpretava os fenômenos naturais do cotidiano como uma manifestação divina.[26]

Os medievais entendiam seu mundo e sua existência a partir de premissas e conceitos totalmente diferentes dos atuais. Dessa forma, para realizar um trabalho

---

18 TYERMAN, op. cit., p. 66-68, 849-852, nota 17.

19 COSTA, op. cit., p. 79, nota 15.

20 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., caps. 55, 75, 84, 104, 106, 109, 125, 483, 484, 488, 489 e 531, nota 1.

21 TUCHMANN, Barbara. **A prática da História**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 274-275.

22 DUBY, Georges. **O tempo das catedrais**. Lisboa: Estampa, 1978, p. 67.

23 DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines**. 27 de Julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 157.

24 SCHMITT, Jean-Claude. Deus. In: LE GOFF, Jacques. & _____. (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 301-317. Ver também LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

25 COSTA, Ricardo da. Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de *Alarcos* (1195) e *Las Navas de Tolosa* (1212). In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (Org.). **Guerras e Imigrações**. Campo Grande, Editora da UFMS, p. 73-94, 2004,

26 FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Peregrinos, monges e guerreiros**: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 40.

de investigação sobre a Idade Média devemos recordar que estudamos um mundo onde muitos conceitos atuais não existiam e não eram vigentes naquela época.[27] Conseqüentemente, as concepções políticas que os mesmos vivenciaram eram diferentes das que nós vivenciamos. Desse modo, para realizar este trabalho de compreensão é fundamental utilizar um conjunto conceitual e metodológico que facilite a ação do historiador na apreensão do "espírito passado",[28] um método que privilegie a interpretação do texto e do universo social estudado.[29]

Para isso, antes de estudarmos as fontes sobre este período, devemos repensar nossas pré-concepções para não suspeitarmos das informações fornecidas pelo texto.[30] Segundo Gadamer, esse processo mental é chamado de "radicalização do ato de compreender": antes de tudo, devemos eliminar toda e qualquer idéia sobre o objeto que estudamos para que assim possamos nos dirigir somente a ele.[31] Seguindo este procedimento, poderemos nos aproximar com mais segurança das palavras contidas no *Livro dos Feitos* e assim compreender o pensamento de Jaime I quando formulou sua narrativa.

Esta fonte é composta por feitos de guerra, o que é normal vindo das memórias de um *rei guerreiro*. Como veremos, Jaime foi educado pela Ordem do Templo, local onde as crianças não eram rejeitadas.[32] Nessa Ordem ele recebeu uma educação militar e iniciou seu aprendizado cavaleiresco. Além disso, devemos levar em conta o contexto ao qual a obra se refere: era o auge da Reconquista na Península Ibérica, principalmente após a vitória cristã em *Las Navas de Tolosa* (1212),[33] vista como um triunfo da Cristandade sobre o Islã.[34]

---

27 SOLER I LLOPART, Albert. **Literatura catalana medieval**. Barcelona: UOC, 2003, p. 13.

28 GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 37.

29 COSTA, Ricardo da. Apresentação: pensar como na Idade Média. In: **A árvore imperial.** Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316). 2000. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

30 COSTA, Ricardo da. O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras. In: ZIERER, Adriana (Coord.). **Outros Tempos**. Pesquisa em Foco – História. São Luís, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), v. 1, n.º 1, 2004, p. 53-65. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/volume01/vol01art04.pdf. Acesso em 15 de Fevereiro de 2008.

31 GADAMER, op. cit., p. 62 e 65, nota 28.

32 DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo.** As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 85.

33 Para este assunto ver GARCIA FITZ, Francisco. **Las Navas de Tolosa**. Barcelona: Ariel, 2008.

34 HEERS, Jacques. **História Medieval**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 177.

Desta forma, é dentro deste contexto espiritual e político que devemos compreender as palavras que Jaime I nos deixou em seu relato autobiográfico. Assim, para realizarmos nosso trabalho contextualizaremos também o período historiográfico da época.

O *Livro dos Feitos* representa uma das primeiras obras historiográficas escritas em catalão. Além disso, é um dos poucos relatos autobiográficos produzidos por um rei da Idade Média e que está conservado até hoje.[35] Quando Jaime narrou seus feitos, construiu de pouco a pouco sua imagem como alguém que acreditava ser predestinado por sinais divinos para realizar grandes gestas, e através da força das palavras o rei identificou um passado, um presente e um futuro de sua vida. Dessa forma, o *Livro dos Feitos* é uma investigação do passado e representa uma mudança na forma e no significado da escrita histórica.[36]

Além disso, o *Livro dos Feitos* apresenta uma mudança em relação à característica historiográfica anterior, cuja maior representação é a *Gesta Comitum Barcinonensium*.[37] Ao invés de buscar um passado distante, especificamente a origem da linhagem como esta obra o faz, o *Livro dos Feitos* apresenta brevemente a ascendência de Jaime I, regressando até os tempos de seus avôs, Guilherme VIII de Montpelier (1140-1202) e Afonso II, o *Casto* (1162-1196).[38]

Para se compreender a diferença de conteúdo entre estes dois documentos é necessário relacionar estes textos aos seus contextos de produção. No caso da *Gesta*, temos de retornar ao reinado de Afonso II, o *Casto*, primeiro conde de Barcelona que foi rei de Aragão. Foi durante seu reinado que surgiu o texto primitivo da *Gesta Comitum Barcinonensium*, um dos textos fundadores da historiografia catalana e escrito em uma forma genealógica como uma necessidade de estabelecer uma genealogia, real ou imaginária, com o seu fundador o conde Guifre, o *Peludo* (878-897). Escrita em latim e produzida no monastério de Ripoll, a *Gesta*

---

35 CINGOLANI, Stefano Maria. **Historia y mito del rey Jaime I de Aragón**. Barcelona: Edicions 62, 2008, p. 18.

36 CINGOLANI, Stefano Maria. De historia privada a historia pública y de la afirmación al discurso: una reflexión en torno a la historiografía medieval catalana (985-1288). **Talia Dixit**: revista interdisciplinar de retórica e historiografía, Cáceres – Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, ano 3, n.º 3, p. 51-67, 2008.

37 **Gestes dels comtes de Barcelona i Reis d'Aragó** (A cura de Stefano Maria Cingolani). València: Universitat de València/Monuments d'Història de la Corona d'Aragó, 2008.

38 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 2, nota 1.

analisa a sucessão cronológica dos condes de Barcelona, destacando sucintamente os principais acontecimentos e o ano de cada reinado.[39]

Por outro lado, o *Livro dos Feitos* apresenta características diferentes em relação à obra comentada anteriormente. Provavelmente o texto primitivo fora escrito em catalão e produzido na corte dos condes de Barcelona. Seu conteúdo demonstra o explendor da monarquia, detalhando todas as conquistas dos reinos pertencentes à Coroa de Aragão.[40]

Ainda em comparação com a *Gesta*, uma das principais diferenças de conteúdo entre estas duas obra é que o *Livro dos Feitos* apresenta a "história de Jaime I" e não a da linhagem dos condes de Barcelona, embora ainda mantenha uma forte ligação com esta durante a narrativa.

Dessa forma, a produção do *Livro dos Feitos* deve ser entendida dentro da política realizada por Jaime I direcionada para uma *localização ibérica* da Coroa de Aragão. A partir daquele momento, ao contrário do que apresenta a *Gesta Comitum Barcinonensium*, esta região não pertencia ao *regnum Francorum*. O rei, como conde de Barcelona, sabia que a região da Catalunha por muito tempo estivera sob a órbita francesa. Agora, não mais submetidos a este domínio, os condes de Barcelona eram representados por Jaime I e, mesmo que durante a obra o rei freqüentemente recorde sua linhagem, o resultado é que o *Livro dos Feitos* nos conta uma *história independente*. Esta constatação reforça ainda mais a nossa hipótese de que a conquista de Maiorca serviu como elemento legitimador de Jaime I como conde de Barcelona perante sua linhagem e perante parte de sua nobreza, realizando um *grande feito de armas* com a ajuda divina (como ele acreditava) e, por fim, relatando-o em seu *Livro*.

Dessa forma, a partir tanto do seu reinado quanto de seus sucessores surgiu uma consciência de identidade onde o papel literário foi essencial para a formulação de

---

39 AURELL, Jaume. From genealogies to chronicles: the power of the form in medieval catalan historiography. **Viator**, Berkeley, n.º 36, p. 235-264, 2005. Ver também SPIEGEL, Gabrielle M. Genealogy: Form and Function in Medieval Historical Narrative. **Hystory and Theory**, Middletown, v. 22, n.º 1, p. 43-53, 1983.

40 SOLDEVILA, Ferran. La Crònica de Jaume I i el manuscrit de Poblet. In: **Cronistes, joglars i poetes**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrart, 1996, p. 53-59. Ver também SPIEGEL, Gabrielle M. Political Utility in Medieval Historiography: A Sketch. **History and Theory**, Middletown, v. 14, n.º 3, p. 314-325, 1975.

um imaginário que correspondesse a essa formação.[41] Dessa forma, entendemos que o *Livro dos Feitos* nos apresenta uma história *independente e contemporânea*. Contrariamente à *Gesta*, o *Livro dos Feitos* apresenta dados contemporâneos à vida do seu autor. Esta característica, que aparece em muitas outras crônicas da época, é apresentada por alguns autores como um fenômeno que ocorreu em outros contextos europeus. Dentro desta definição esta literatura apresentou as conquistas mais recentes e que foram utilizadas como componentes legitimadores das realezas ou daqueles que patrocinaram estes textos.[42]

Como aparato metodológico para a realização deste trabalho utilizaremos os fundamentos propostos pela *hermenêutica gadameriana* com o intuito de realizar uma compreensão do nosso objeto de estudo, levando em consideração que o texto que analisamos: 1) pertence ao conjunto de obras do autor e ao gênero literário da época em que foi composto; 2) é uma manifestação literária de certo momento e 3) que somente a partir da análise de todo o texto é que o processo de compreensão pode ser realizado.[43]

De acordo com Márcia Schuback, o homem moderno situa-se *à frente* do passado e *de frente* para o mesmo. Conseqüentemente, temos uma distância em relação a esse passado. Dessa forma, para exercermos essa atitude de compreensão para com o objeto de estudo nada melhor que nos colocarmos *de frente* para o mesmo. É isso o que faremos aqui: colocaremos-nos *à frente* e *de frente* para a Idade Média,[44] mais especificamente para o *Livro dos Feitos* para compreendermos as palavras e os gestos que legitimam Jaime I como rei.

Por meio da realização de leituras de nossa fonte tentaremos compreender as palavras e os gestos que o rei Jaime I nos deixou como registro histórico. Para realizar esta tarefa, tentaremos participar de uma perspectiva comum com o texto,

---

41 SOLER I LLOPART, op. cit., p. 20, nota 27. Referimo-nos aqui à produção historiográfica conhecida como as *Quatro Grandes Crônicas*, das quais o *Livro dos Feitos* foi a primeira produção. Em comparação com a historiografia posterior, representada pela *Gesta Comitum Barcinonensium*, estas obras apresentam a história dos condes de Barcelona como reis de Aragão, destacando todos seus feitos e conquistas e a expansão da Coroa de Aragão pelo Mediterrâneo.

42 SPIEGEL, Gabrielle M. **Romancing the Past**: the rise of vernacular prose historiography in thirteenth-century France. Berkeley: University of California Press, 1995, p. 214-215.

43 GADAMER, op. cit., p. 58-59, nota 28.

44 SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais.** Ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 13-14.

apreendendo o sentido que as palavras presentes no mesmo nos transmitem e construindo, assim, um jogo de espaço entre o texto e nossa análise.[45] Dessa forma, sempre teremos como ponto de partida nossa fonte, através da qual tentaremos apreender o significado da conquista de Maiorca como legitimação da imagem de Jaime I.

De acordo com a metodologia proposta, o olhar do intérprete deve-se dirigir à coisa mesma para manter a autenticidade da interpretação e para manter-se fiel ao sentido das palavras.[46] Para isso, como direcionaremos nosso olhar para o passado, para algo que está distante de nós, faremos aqui uma *regressão temporal*, no intuito de simplesmente compreender as palavras e os gestos que Jaime I deixou em seu *Livro*.[47]

---

45 GADAMER, op. cit., p. 59, nota 28.
46 GADAMER, op. cit., p. 61, nota 28.
47 COSTA, op. cit., p. 53-65, nota 30.

1. UM REINO E O SEU *REI NATURAL*

Os primeiros capítulos do *Livro dos Feitos* apresentam a vida de Jaime I de uma forma resumida. Porém, ainda que o sejam assim, compreendemos que os mesmos possuem uma forte característica simbólica e que foram utilizados para demonstrar a existência da legitimidade de Jaime I ainda nos primeiros anos de seu reinado como um *rei natural*.

Os símbolos representam o núcleo dos sistemas culturais, uma vez que é através deles que são formados pensamentos, idéias e representações da realidade.[48] Além disso, o simbolismo, ou seja, a representação por meio de símbolos foi a forma padrão pela qual os homens medievais expressavam sua realidade.[49] Dessa forma, neste primeiro capítulo tentaremos nos aproximar dos significados simbólicos destacados por Jaime I no *Livro dos Feitos* para compreendermos como que o rei representou o início de seu reinado sempre com a intenção de legitimar-se perante seus nobres e diante de sua linhagem. Contudo, para realizar essa proposta de compreensão devemos sair de nós mesmos e estar disponíveis a escutar o que o outro tem a nos dizer, a nos revelar, e assim sermos enriquecidos ao nos propormos a escutar, a dialogar com o outro.[50] A partir desta postura analisaremos as palavras e os gestos transmitidos pelo rei Jaime I.

Quando analisamos o *Livro dos Feitos*, uma pergunta nos intriga: como era a imagem de Jaime I nos primeiros anos de seu reinado, mais especificamente antes da conquista de Maiorca? Para encontrarmos uma possível resposta, importa estudarmos como se formou a imagem de Jaime durante o início de seu reinado, abordando principalmente os sinais que o representaram como um *rei natural*. Para

---

48 JOHNSON, Allan G. **The Blackwell dictionary of sociology**: a user's guide to sociological language. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 321.

49 FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média:** nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001, principalmente o capítulo 3 "As estruturas políticas". Para o assunto referente a este primeiro capítulo, ver VIANNA, Luciano José. Simbolismo e naturalidade nos primeiros tempos do reinado de Jaime I (1208-1276), o Conquistador. **XIV Seminario Académico APEC**. Compartiendo el Conocimiento. Barcelona: Casa Amèrica Catalunya, p. 109-118, 2009.

50 FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o Estudo da Idade Média. LAUAND, Luiz Jean (coord.). **Revista VIDETUR**, n.º 6, 1999. Disponível em: http://www.hottopos.com.br/videtur6/raul.htm. Acesso em 16 de Fevereiro de 2008.

isso, vamos seguir duas pistas: as palavras e os gestos do rei e a mentalidade da época.

1.1. O RECONHECIMENTO DOS CÉUS: O *SIMBOLISMO CELESTE*

Quando um rei medieval iniciava seu reinado existiam dois pressupostos. O primeiro era a *potestas*, ou seja, a possibilidade de obter um poder e utilizá-lo durante o seu reinado. Conseguir este poder dependia única e exclusivamente do rei, de sua personalidade, coragem e inteligência. Assim, segundo Villacañas, um rei era uma *potestade*, mas nem sempre uma *autoridade*, ou seja, detinha o poder, mas não o exercia. No caso de Jaime I, levando em consideração o ambiente feudal dos primeiros anos de seu reinado, isso é fato. Assim, para obter a autoridade sobre o espaço público dotado de poder ao qual tinha direito, o rei devia conquistá-la ao longo de sua vida por meio das ações que realizava.[51]

O segundo elemento era a continuidade da linhagem que confirmava e autorizava a subida do rei ao trono.[52] A importância da linhagem para Jaime I, o décimo-quarto conde de Barcelona (como ele mesmo afirmou no *Livro dos Feitos*),[53] se faz presente em toda a narrativa de sua obra, onde o rei referiu-se à mesma não somente no sentido de comprovar a sua legitimidade, mas também no sentido de superar os feitos e comportamentos de seus antecessores.[54] Superando seus antepassados e realizando os feitos que os mesmos não realizaram, Jaime se afirmaria como rei.

Antes de ter sido jurado nas Cortes Gerais de Lérida, em 1214, Jaime passou por uma situação que o confirmaria como *rei natural*, um *seyor natural* legitimado pelos

---

51 VILLACAÑAS, José Luis. **Jaume I el Conquistador**. Barcelona: Espasa Calpe, 2004, p. 19.

52 VILLACAÑAS, op. cit., p. 19, nota 51.

53 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 31, nota 1.

54 CINGOLANI, Stefano Maria. **La memòria dels reis.** Les Quatre Grans Cròniques i la historiografia catalana, des del segle X fins al XIV. Barcelona: Base, 2008, p. 37. Ver também o artigo do mesmo autor CINGOLANI, Stefano Maria. Seguir les vestígies dels antecessors. Llinatge, reialesa i historiografia a Catalunya de Ramon Berenguer IV a Pere II (1131-1285). **Anuario de Estudios Medievales**, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, v. 1, n.º 36, p. 201-240, 2006.

céus. Referimo-nos aqui ao momento logo após seu nascimento, quando foi levado à Igreja de Notre-Dame das Madeiras. Eis o que aconteceu:

> E nossa mãe, assim que nascemos, enviou-nos à Santa Maria, levando-nos nos braços e dizendo as matinas na igreja de Nossa Senhora. E assim que nós passamos pelo portal, cantaram *Te Deum laudamus*. Os clérigos não sabiam que nós iríamos entrar ali, mas nós entramos quando eles cantavam aquele cântico.[55]

No instante em que Jaime fora introduzido na Igreja, lugar supremo onde o poder sagrado estava presente, os clérigos cantaram *Te Deum Laudamus*, um hino litúrgico. Compreendemos que este cântico entoado pelos clérigos era direcionado para louvar o Rei Celeste, que governava reino dos céus. Entretanto, ao citar esta coincidência, Jaime I frisava que o mesmo cântico também fora direcionado para ele, que governaria um reino terrestre.

Curiosamente, o rei fez questão de lembrar em suas memórias que os clérigos *não sabiam* que ele seria introduzido naquele lugar sagrado. Este detalhe, introduzido pelo rei no seu relato faz com que o reconhecimento dos céus em relação a Jaime como um rei continuador de sua linhagem seja ainda mais forte.

Como o rei interpretou este acontecimento? Provavelmente, ao introduzir este fato em sua narrativa, Jaime interpretou aquela coincidência como um sinal positivo em relação ao seu reconhecimento como rei. Assim, já no início de sua narrativa, o rei apresenta-se como um continuador da linhagem legitimado pelos sinais simbólicos que acompanharam seu nascimento e que assinalava um bom desígnio divino para ele.[56]

Para compreendermos as palavras de Jaime I devemos ter em mente que, levando em consideração o contexto em que o *Livro dos Feitos* foi composto, ao construir sua narrativa o rei tinha a consciência de que necessitava de legitimar-se tanto em relação ao passado (como conde da casa de Barcelona) quanto ao presente

---

55 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 5, nota 1.

56 SOLER LLOPART, op. cit., p. 21, nota 27.

(perante os seus nobres). Para isso, reconstruiu seu nascimento envolvido por uma concepção religiosa onde as forças celestes intervinham a todo o momento. Dessa forma, Jaime articulou elementos que poderiam legitimá-lo perante sua linhagem e seus nobres, e inseriu os mesmos em sua narrativa.

No trecho acima, o rei destacou os significados simbólicos dos primeiros momentos de sua vida, o que nos faz concluir que ele se entendia como um continuador de sua linhagem e que também desejava que todos que lessem ou escutassem suas palavras no *Livro dos Feitos* estivessem cientes de sua legitimidade.

O que aqui nos interessa é o *simbolismo transcendental* do momento, algo que ligou a imagem de Jaime I aos céus. O rei, ainda uma criança, pois o levavam "nos braços", estava em uma igreja, um ambiente religioso. E nesse mesmo momento iniciou-se um cântico de louvor a Deus: assim, Jaime I apresenta-se no início da narrativa do *Livro dos Feitos* como um rei que era louvado na terra: um soberano reconhecido pelos céus. Dessa forma, compreendemos que Jaime elaborou seu relato buscando sua legitimidade perante sua linhagem no intuito de superá-la, e perante parte da nobreza opositora, a qual, durante sua infância, se opusera firmemente à sua autoridade.

Em uma época em que o poder do rei devia obrigatoriamente ser reconhecido pelo supremo poder de Deus, o simbolismo assumia um significado muito forte. Por exemplo, Marc Bloch demonstrou isso ao analisar todo o processo da crença de que os reis possuíam o poder de curar as escrófulas através do toque real. Segundo Bloch, esse milagre foi a expressão de uma concepção particular de poder político supremo.[57]

Retomamos um pouco a explicação sobre o contexto historiográfico da época. Antes do século XIII, as obras históricas compostas no território catalão eram escritas em latim e consistiam em breves anotações sobre os acontecimentos históricos. Posteriormente, recolheram também alguns fatos relacionados à monarquia francesa ou aos condados catalães. Entretanto, ao largo do século XIII, a produção literária vernacular se fortaleceu e foram compostas crônicas sobre os fatos históricos mais recentes, utilizando a experiência dos escritores e também os fatos

[57] BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

vividos pelos próprios cronistas.[58] Foi assim que surgiram as *Quatro Grandes Crônicas* da literatura catalã, as quais formam um corpo historiográfico compreendido entre os séculos XIII e XIV.[59]

Como dissemos em nossa introdução, diferentemente da função genealógica apresentada na *Gesta Comitum Barcinonensium*, o *Livro dos Feitos* oferece uma visão contemporânea dos fatos. Nesta obra, Jaime I narrou os acontecimentos do seu reinado, apresentando sua interpretação dos mesmos. Como afirmamos, foi durante seu reinado que ocorreu a definitiva conquista de Maiorca diante dos muçulmanos, fato que representa o início da expansão do reino de Aragão pelo Mediterrâneo.[60]

Expressado em uma língua vernacular sobre a forma narrativa e apresentando um encadeamento de idéias, o *Livro dos Feitos* expõe a vida de Jaime I e como este evocou seu passado. Com isso, o rei transportou seu passado para o presente, falou especificamente da sua vida e apresentou suas interpretações neste relato com o intuito de apresentar sua legitimidade.

Voltamos nosso olhar para a narrativa: essa legitimação, esse *simbolismo transcendental* foi confirmado em outro momento, dessa vez na Igreja de São Firmino:

> Depois disso nos levaram para São Firmino. E quando aqueles que nos levavam entraram na igreja de São Firmino, cantavam *Benedictus Dominus Deus Israel*. E quando nos levaram de volta para a casa de nossa mãe, ela ficou muito alegre com esses prognósticos ocorridos conosco.[61]

Maria de Montpelier (1180-1213), mãe de Jaime I, ficou feliz ao saber de todos os presságios que aconteceram com seu filho, os quais confirmaram que ele era

---

58 MACHIRANT, Francesc. Introducció. **Llibre dels fets.** Jaume I. Alzira: Bromera, 2008, p. 15.

59 SOLDEVILA, Ferran. Introducció a les Quatre Grans Cròniques. In: **Les Quatre Grans Cròniques**. Barcelona: Selecta, 1971, p. 3.

60 SÁNCHEZ, op. cit., p. 31-48, nota 9.

61 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 5, nota 1.

reconhecido por Deus, seu senhor feudal por excelência.[62] Assim, Jaime I estaria preparado espiritualmente para enfrentar os problemas que surgiriam durante seu reinado. Mais que isso: tinha toda a proteção celeste para empreender o governo de seu reino terrestre.

Crônica histórica, análise simbólica. Qual seria a importância do *Livro dos Feitos* para o reinado de Jaime I? Porque nos apresenta todos estes acontecimentos localizados no início do seu reinado? Talvez um sinal que podemos seguir para encontrar uma possível resposta seja o *momento* da vida de Jaime em que tudo isso ocorreu e que foi relatado em seu *Livro*. Assim, ao analisarmos esta fonte, devemos não somente destacar a importância de ser reconhecido *pelos céus*, mas também o momento em que isso ocorreu na vida de Jaime I: sua infância.

Depois de certo tempo, tornou-se costume entre os monarcas medievais coroarem ou sagrarem seus filhos antes mesmo que estes iniciassem seus reinados.[63] Isso aconteceu com Jaime I? Vejamos: Pedro o *Católico* e Maria de Montpelier morreram em 1213, quando Jaime tinha somente cinco anos; além disso, o juramento nas Cortes de Lérida ocorreu em 1214, ou seja, depois da morte de seus pais.

Desse modo, o fato de ser levado a uma igreja e ser reconhecido pelos céus (idéia que se fortalece devido às coincidências ocorridas) não deve ser visto como um simples evento, mas sim como uma "necessidade" para sua legitimação. Dessa forma, compreendemos que Jaime relatou esta passagem simbólica em seu *Livro* não somente porque acreditava nela, mas também porque antes mesmo de ter sido jurado pelos seus nobres na terra recebera uma confirmação celeste interpretada pelos acontecimentos que narrou e que aconteceram logo após seu nascimento, difundindo, assim, a idéia de que era um rei escolhido e confirmado por Deus.[64]

Assim, ao afirmar que os feitos do *Conquistador* estavam adequados às suas crenças, o *Livro dos Feitos* transformou a historiografia em um legado exemplar e nesse sentido transcendeu a história e referindo-a à vontade de Deus.[65] Mais

---

62 LE GOFF, op. cit., p. 67, nota 24.

63 LE GOFF, op. cit., p. 395-414, nota 3.

64 BELENGUER, Ernest. **Jaume I i el seu regnat**. Lleida: Pagès Editors, 2007, p. 33.

65 HAUF, Albert G. Més sobre la intencionalitat dels textos historiogràfics catalans medievals. **Medieval and Renaissance Studies in honour of Robert Brian Tate**. Oxford: The Dolphin Book Co., 1986, p. 47-61.

importante que isso: aqueles simbolismos protegeram não somente a continuidade dinástica dos condes de Barcelona no reino de Aragão, mas também o próprio direito de Jaime I como rei.

Mas Jaime não apresentou somente um *simbolismo celeste* em relação aos primeiros anos de seu reinado. Os simbolismos terrestres também eram necessários para fortalecer sua autoridade que, antes de tudo, fora legitimada pelos céus. Diante disso, o *Livro dos Feitos* nos apresenta alguns fatos interessantes sobre o juramento nas Cortes de Lérida ocorrido em 1214.

1.2. O JURAMENTO NAS CORTES DE LÉRIDA: O *SIMBOLISMO TERRENO*

Analisando a narrativa, observamos que a cerimônia de juramento do rei nas Cortes de Lérida, ocorrida em novembro de 1214, pode ser entendida como um *simbolismo terreno*, pois se referiu autoridade do rei entre seus nobres. Com a morte de seus pais, Pedro o *Católico* e Maria de Montpelier, o Papa Inocêncio III (1161-1216) determinou Pierre de Douai como legado papal para cuidar dos assuntos referentes aos territórios da Coroa de Aragão. Dessa forma, o representante papal convocou as Cortes Gerais em Lérida para que os nobres, os clérigos e os representantes das cidades jurassem fidelidade ao rei.[66] Eis as palavras de Jaime sobre o juramento:

> E tiveram outro conselho: que em nosso nome e com um novo selo que mandariam fazer, ordenariam uma corte de catalães e aragoneses em Lérida, na qual também iriam o arcebispo, os bispos, abades, ricos-homens de cada um dos reinos e de cada cidade, e dez homens com a autoridade dos outros para fazer o que fosse necessário. E todos vieram no dia da corte, exceto Dom Fernando e o conde Dom Sancho, pois tinham a esperança que cada um fosse rei. Ali todos juraram que guardariam nosso corpo, nossos membros e nossa terra, e que nos guardariam de todas as coisas e de todos.[67]

---

66 CAWSEY, Suzanne F. **Reialesa i propaganda.** L'eloqüència reial i la Corona d'Aragó, c. 1200-1450. València: Publicacions Universitat de València, 2008, p. 34.

67 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 11, nota 1.

Com a intenção de legitimar-se, Jaime recordou o primeiro juramento feito pelos seus nobres diante da sua pessoa. A partir daquele momento, o poderio de Jaime I seria representado por um selo, decisão tomada na celebração de uma corte composta por catalães, aragoneses, religiosos, ricos-homens e cidadãos. A função do selo seria simbólica, representando Jaime I por toda Coroa de Aragão.

Devemos frisar que esta representação terrena foi a primeira que ocorreu com o rei logo no início de seu reinado. Além disso, serviu para difundir a sua legitimidade frente não apenas aos outros reis, mas também diante de seus súditos. Dessa forma, a cerimônia que Jaime nos transmitiu por meio de seu *Livro* representou sua consagração política, apesar de que alguns de seus parentes não o tenham reconhecido inicialmente.[68]

Entretanto, é notório que Jaime I não poderia ser "efetivamente" um rei desde aquele momento. Mesmo com este juramento, o começo do reinado de Jaime I foi muito conturbado. As lutas entre os nobres pela disputa do reino são constantemente citadas no *Livro dos Feitos*. Além disso, o *Conquistador* herdou um reino em constante turbulência, pois, em suas próprias palavras, quando entrou em Monzón pela primeira vez "Por isso, quando entramos em Monzón não tínhamos sequer do que comer para um dia, pois nossa terra estava destruída e penhorada!"[69] Apesar disso, Jaime se apresenta em seu *Livro* como um rei que fora auxiliado especialmente pela fortuna e pela Divina Providência.[70]

Levando em consideração todos os acontecimentos precoces que aconteceram com Jaime I, o *Livro dos Feitos* nos passa a informação de que o mesmo acreditava que era um *rei natural* e que se fundamentou, ao menos nos primeiros anos de seu reinado, na função do simbolismo que o auxiliou em sua apresentação como rei desde o princípio de seu reinado. Recordamos: um simbolismo tanto celeste quanto terrestre, que fazia com que o rei estivesse envolvido por um reconhecimento dos céus e da terra já nos primeiros anos como conde de Barcelona e rei de Aragão.

Ao relacionarmos estes fatos com o reinado de Jaime, entendemos que o rei os comentou por dois motivos: primeiro porque acreditava no significado simbólico dos

---

68 VILLACAÑAS, op. cit., p. 62-63, nota 51.
69 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 11, nota 1.
70 VILLACAÑAS, op. cit. p. 56, nota 51.

mesmos e porque necessitava de incluí-los em suas memórias para buscar uma legitimidade perante seus nobres e perante sua linhagem.

Assim, ao apresentar os primeiros anos de seu reinado com base nos simbolismos terrestres e celestes, Jaime I, através de seu *Livro*, objetivava demonstrar uma imagem perante a nobreza que lhe fazia oposição e também com o intuito de legitimar-se perante sua linhagem. Relacionando estes acontecimentos ao seu contexto, compreendemos que Jaime I acreditava que era um rei designado por Deus, um *rei natural* e continuador da sua linhagem, o que dentro da "política medieval" era imprescindível.

2. AS RELAÇÕES VASSÁLICAS E JAIME I COMO *REI FEUDAL*

Depois de todas as representações simbólicas (celestes e terrestres) apresentadas por Jaime I e analisadas no capítulo anterior, Jaime teria que reinar efetivamente sobre seus nobres e impor sua legitimidade. Como explicamos, quando iniciou seu reinado ele apenas detinha a *potestas*, mas não a *auctoritas*, ou seja, não apresentava autoridade para conduzir seu reino. Como veremos, ele a obteve lutando contra as oposições que encontrou durante os primeiros anos de seu reino.

Desse modo, nessa parte de nosso trabalho dissertaremos sobre as atitudes de Jaime I como um *rei feudal*, inserindo a narrativa dentro do contexto em que o rei viveu. Antes disso, é preciso lembrar que nossa distância com o passado aumenta o desconhecimento do mesmo. Essa é a primeira medida, a primeira precaução que devemos tomar antes de estudar um rei do século XIII. Nossa distância em relação a Jaime I é justificada pelo simples fato de que ele representa um tipo humano com o qual não acesso imediato e tampouco nenhum tipo de elemento para comparação.[71]

Mas como modificar esse quadro, como estabelecer uma ponte com esse passado distante sem desvirtuar seu significado? Como compreender esse momento distante? Um caminho a ser seguido é ter como referência o próprio período

[71] VILLACAÑAS, op. cit. p. 19, nota 51.

estudado, metodologia que apenas se iniciou em pleno século XX. A partir de então, passou-se a olhar a Idade Média com os olhos dela mesma, e não com aqueles que viveram ou viviam outro momento histórico.[72]

Aproximar-se da Idade Média implica não apenas suspender nossos pensamentos modernos, uma vez que eles não eram vigentes naquela época,[73] mas também estabelecer um elo com o passado; conexão que será proporcionada por meio da análise das palavras e dos gestos transmitidos por Jaime I e escritas em seu *Livro* com o intuito de legitimar-se politicamente perante parte de sua nobreza e também perante a linhagem dos condes de Barcelona. Assim, o que procuramos aqui é estabelecer uma conexão com o passado, com as palavras de Jaime I para compreendê-lo pela sua própria perspectiva.

Seguindo a narrativa, encontramos uma pista para nossa resposta. Em 1214, durante a reunião das Cortes Gerais em Lérida, quando o rei ainda era uma criança com seis anos. Novamente, analisamos o trecho do juramento de Jaime I:

> E tiveram outro conselho: que em nosso nome e com um novo selo que mandariam fazer, ordenariam uma corte de catalães e aragoneses em Lérida, na qual também iriam o arcebispo, os bispos, abades, ricos-homens de cada um dos reinos e de cada cidade, e dez homens com a autoridade dos outros para fazer o que fosse necessário. E todos vieram no dia da corte, exceto Dom Fernando e o conde Dom Sancho, pois tinham a esperança que cada um fosse rei. Ali todos juraram que guardariam nosso corpo, nossos membros e nossa terra, e que nos guardariam de todas as coisas e de todos.[74]

Primeiramente, após sair da tutela de Simon de Montfort (c. 1165-1218), os naturais do rei instituíram uma corte de catalães e aragoneses em Lérida, na qual compareceram os representantes da Igreja, os ricos-homens de cada reino e dez representantes de cada cidade, para que Jaime fosse apresentado, ou melhor, para que Jaime fosse jurado como rei.

---

72 FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 13, nota 49.
73 SOLER I LLOPART, op. cit., p. 13, nota 27.
74 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 11, nota 1.

Analisando a passagem destacada e levando em consideração nossa hipótese, acreditamos que não foi uma simples coincidência que o rei destacara em seu *Livro* a participação de todos os *braços reais* que já existiam em sua época e que cada vez mais se fortaleceriam diante dos sucessores de Jaime I.[75] Desse modo, embora tenha destacado que dois de seus parentes não participaram da cerimônia, Jaime I recordou o juramento que seus vassalos lhe fizeram, e que assim, já no começo de seu reinado, era reconhecido por todos os representantes da Coroa de Aragão.

Analisando o trecho acima destacado, veremos que uma palavra importante é "juraram", em catalão, *juraren*. De acordo com o *Diccionari català-valencià-balear*,[76] *jurar*, cuja etimologia vem do latim *iūrare*, significa "afirmar ou prometer apelando a Deus, a coisas sagradas ou a sanções superiores com um testemunho da verdade daquilo que se afirma ou se promete".

Ao ser jurado pelos seus homens, a cerimônia de consagração real de Jaime I confirmou a ligação do rei com seus vassalos. Conseqüentemente, o contrato vassálico gerava obrigações para ambas as partes.[77] Desse modo, todos compareceram à corte de Lérida em 1214 juraram fidelidade e estabeleceram uma relação vassálica com Jaime I, muito mais no sentido de reconhecê-lo e legitimá-lo como continuador da linhagem dos condes de Barcelona que propriamente estabelecer um contrato, pois no juramento não há a contrapartida por parte de Jaime, o que caracterizaria o contrato como *sinalagmático*, ou seja, recíproco.

Assim, compreendemos que este foi o primeiro momento na narrativa do *Livro dos Feitos* que Jaime I pode ser considerado como um *rei feudal*, mesmo que ainda não pudesse proporcionar a contrapartida do juramento vassálico. No juramento acima destacado identificamos que a preocupação maior refere-se à proteção do rei, o que já implica o seu reconhecimento. Isso significa que o juramento foi feito muito mais no sentido de garantir o reino ao rei quando o mesmo retornasse de sua tutela templária que estabelecer uma relação recíproca desde aquele instante.

---

75 CAPDEFERRO, Marcelo. **Otra historia de Cataluña**. Barcelona: Acervo, 1990, p. 178-189.

76 **Diccionari catalã-valencià-balear**. Disponível em: http://dcvb.iecat.net. Acesso em 12 de Março de 2008.

77 GANSHOF, F. L. **Que é o Feudalismo?** Lisboa: Publicações Europa-América, s/d., p. 112-113.

Depois de sair do Castelo de Monzón com aproximadamente nove anos de idade, Jaime participou de diversos combates[78] e convocou cortes,[79] apresentando um fortalecimento de sua autoridade perante seus vassalos. Não podemos esquecer que o rei, nesses primeiros anos, reinava sobre "bandos e partidas", que já existiam desde a sua permanência no castelo de Monzón:

> Quando estávamos em Monzón, levantaram-se bandos e *partidas* entre os ricos-homens de Aragão. Dom Pedro Ahones, Dom Atorela, Dom Jimeno de Urrea, Dom Arnau Palacin, Dom Bernardo de Benavente e Dom Blasco Massa, e outros que não nos lembramos, além de ricos-homens e cavaleiros, fizeram um bando e uma *partida* com o conde de Rossilhão, Sancho, que era seu líder, e seguiram seu caminho. Dom Pedro Fernandez de Albarracin, Dom Rodrigo Lizana e Dom Blasco de Alagón, estavam com Dom Fernando, e fizeram dele seu líder.[80]

Sabemos que o contexto que conhecemos como período feudal caracterizava-se principalmente pela dispersão do poder. De posse desta informação e analisando a passagem acima selecionada, Jaime I novamente revelou-se como um *rei feudal*, uma vez que reinava sobre bandos e partidas, grupos que lutavam entre si e, em algumas vezes, até mesmo contra o próprio rei.[81]

Para nosso trabalho, identificamos este como o segundo momento na narrativa em que a imagem de Jaime aparece como um *rei feudal*: embora estivesse jurado, havia células de poder representadas por bandos e por partidas. Jaime era um rei em um contexto feudal, pois reinava não sobre um reino estabelecido, mas sim sobre homens, seus vassalos, e esses sobre seus bandos e partidas.

2.1. UM REI CONTRA SEU VASSALO: JAIME I X DOM PEDRO AHONES

---

78 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., caps. 15, 21, 26 e 27, nota 1.
79 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 20, nota 1.
80 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 12, nota 1.
81 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., caps. 22 e 24, nota 1.

Para ser um *rei feudal*, Jaime devia reinar sobre os *feudais*, tentando sempre exercer sua legitimidade sobre os mesmos. Desse modo, para falarmos de Jaime I como um *rei feudal*, a guisa de exemplo examinaremos a relação de poder entre o rei e um de seus vassalos conhecido como Dom Pedro Ahones, um nobre aragonês.

Recordemos. Já identificamos dois momentos que Jaime foi caracterizado em sua narrativa como *rei feudal*: o primeiro durante sua consagração e o segundo quando bandos e partidas disputavam entre si o poder do reino quando o rei ainda estava no castelo de Monzón. O terceiro momento seria sua relação com Dom Pedro Ahones, um de seus vassalos.

Como iniciou a relação entre Jaime I e Dom Pedro Ahones? Quais foram os momentos que o rei recordou seu vassalo em suas memórias? Encontraremos esta resposta no trecho onde Dom Pedro Ahones apareceu pela primeira vez na narrativa, pertencendo ao bando de Dom Sancho, tio de Jaime que não compareceu ao seu juramento. Devemos lembrar que esta era uma forma de união comum àquela época, onde alguns cavaleiros seguiam a um senhor e este seguia a outro, até mesmo a um rei.[82]

Mais adiante Jaime I narrou o episódio do seqüestro de Dom Lope de Albero e a tomada de dois castelos, localizados em Albero e em Lizana, realizada pelo rei juntamente com seus guerreiros,[83] fato que demonstra que a guerra era um motor político e muito utilizado pela realeza.[84] Aqui Dom Pedro Ahones, juntamente com seu bando, uniu-se a Jaime para auxiliá-lo. Desse modo observamos que em um primeiro momento Ahones está unido a outro senhor e contra Jaime; depois, lidera sua própria *partida* a favor de Jaime. Como dissemos, este era um típico comportamento dos homens dessa sociedade, onde a mentalidade feudal traduzia-se por solidariedades verticais e horizontais, num juramento de superiores e inferiores.[85]

Um terceiro momento que Jaime recordou Dom Pedro Ahones em suas memórias foi quando comentou sobre o casamento de seu vassalo, comprovando, dessa forma, o

---

82 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 12, nota 1.
83 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 15, nota 1.
84 LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 312.
85 LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. v. 1. Lisboa: Estampa, 1995, p. 124.

poder de recordação dos medievais.[86] Inclusive, o rei elogiou o conde ao afirmar que "Com exceção de Dom Pedro Ahones, seu irmão, Dom Pelegrino, e Dom Guilherme de Poyo, os outros nos serviam tão mal e tão falsamente quanto podiam, (...)."[87] Além disso, é bem possível que Ahones participara do casamento e da consagração de Jaime como cavaleiro, uma vez que ainda não houvera nenhuma intriga diretamente entre o rei e o vassalo.[88]

Adiante, Jaime I destacou o rompimento de amizade entre Dom Nuno Sanchez e Dom Guilherme de Montcada, nobres do reino de Aragão. Este episódio ocorreu devido a uma discussão entre Dom Nuno Sanchez e Dom Guilherme de Cervelió por causa de um falcão. Nesse momento, Dom Pedro Ahones foi solicitado a estabelecer, juntamente com Dom Fernando, um laço de vassalagem a Dom Nuno, pois este não mantinha mais laços vassálicos com Dom Guilherme de Cervelió e com Dom Guilherme de Montcada.[89] Isso demonstra que o jogo político no sistema feudal era permitido tanto pelo contrato de vassalagem quanto pela pluralidade de compromissos dos vassalos.[90]

Cabe ainda destacar a relação de parentesco presente no texto e exposta por Jaime: preocupado com Dom Nuno, o rei afirmou que "(…) pesavam muito as palavras que ele nos dizia por este motivo: nós teríamos como nossa a sua desonra, tão forte era o parentesco que havia entre nós e ele."[91] Segundo Anita Guerreau-Jalabert, o parentesco formulava-se como um conjunto de relações socialmente definidas e construídas.[92] Em suma, o *Livro* de Jaime I nos revela que os homens de guerra possuíam um entrelaçamento de solidariedades entre si, assim como os guerreiros da batalha de Bouvines, em 1214: laços de família, laços complementares de vassalagem e laços de vizinhança.[93]

---

86 GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 167-181.

87 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 16, nota 1.

88 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., caps. 17, 18 e 19, nota 1.

89 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 20, nota 1.

90 LE GOFF, op. cit., p. 127, nota 85.

91 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 20, nota 1.

92 GUERREAU-JALABERT, Anita. Parentesco. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 321-336.

93 DUBY, op. cit., p. 45, nota 23.

Na tomada dos castelos e das torres próximas a Cervelhó, Dom Pedro Ahones estava novamente ao lado de Jaime. Entretanto, nesse momento da narrativa, Dom Guilherme de Montcada estabeleceu um pacto com Dom Fernando e com Dom Pedro Ahones. Assim, quando Jaime se deslocava para a cidade de Alagón, os cavaleiros de Dom Guilherme de Montcada chegaram com Dom Pedro Ahones e Dom Fernando e entraram na cidade de Alagón, onde estava o rei, com o consentimento de Dom Nuno e Dom Pedro Ahones. Curiosamente, Jaime acusou de traição somente a Ahones.[94] Isso fica claro na queixa que o rei faz à rainha Dona Leonor:

> Saibais que todos os cavaleiros que vieram com Dom Fernando, com Dom Guilherme de Montcada e com Dom Pedro Ahones entraram e que os temos aqui em Alagón.[95]

Em seguida, o *Livro dos Feitos* apresenta o discurso dos traidores, os quais se arrependeram e aceitaram a idéia de retornarem a ser vassalos do rei. Assim convidaram-no para entrar em Saragoça, pois eles estavam "(…) preparados para fazer por vós o que se faz a um senhor."[96] Mas era uma cilada: quando chegou a noite, cerca de cem homens armados fizeram com que Jaime permanecesse isolado durante três semanas nesta cidade.[97]

> Ao chegar a noite, disseram-nos que havia cerca de cem homens armados entre a nossa porta e uma portinhola que por onde se chegava ao muro da vila. Em seguida, convocaram G. Bohí e Pedro Sanz de Martel, que vieram à nossa casa, fizeram seus leitos e dormiram ali, onde as senhoras costumam dormir. A rainha, quando ouviu os homens armados que estavam do lado de fora e aqueles que tinham entrado na casa para dormir diante de nós, se pôs a chorar muito fortemente e nós, que estávamos com ela, a confortamos. E entrou diante de nós G. Bohí e Pedro Sanz de Martel, e G. Bohí disse à rainha: "Senhora" disse ele "não chorais, porque logo poderás se confortar, pois pelas lágrimas vertidas se perde a razão. Ademais, todas

---

94 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 21, nota 1.
95 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 21, nota 1.
96 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 22, nota 1.
97 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 22, nota 1.

> estas lágrimas retornarão em gozo, e vossa ira passará". A guarda de prontidão dia e noite diante de nós durou cerca de três semanas.[98]

Diante desta situação, percebe-se claramente que a intenção desses cavaleiros era eliminar a possibilidade de Jaime I exercer seu poder, sua autoridade. Isso levou o rei a romper o pacto com Dom Pedro Ahones. A partir de então, ele não mais seria seu vassalo.

> Depois disso, chamamos Dom Pedro Ahones em um canto e lhe dissemos: Dom Pedro Ahones, temos lhe amado muito e lhe honrado por parte de Dom Artal de Alagón. E vós retribuís com essa desonra tão grande como a que estamos recebendo! Pois a partir de agora rompemos com vosso amor. Enquanto vivermos, não vos amaremos. Ele perguntou: Por qual razão? Nós respondemos: Por que vedes nossa desonra e nosso dano, e se não estivésseis ausente não teríamos recebido essa desonra e este dano, pois poderíeis desfazê-lo, mas não o desfizestes. Ele então discutiu conosco sobre isso, disse que não nos desonrava, nem nos causava dano com seu comportamento, e não deu importância às nossas palavras.[99]

Jaime estava em Saragoça e acabara de receber o juramento da parte de Dom Fernando, de Dom Guilherme de Montcada e de Dom Pedro Ahones, os quais disseram que fariam as vontades de Jaime como se fizessem a um senhor. Entretanto, o rei ficou sitiado nesta vila, o que o deixou irritado com os homens que acabaram de jurar fidelidade à sua pessoa.

O que Jaime reclamou no trecho acima foi a falta de assistência de seu vassalo, uma vez que necessitara de sua ajuda naquela situação de perigo. Um dos deveres dos vassalos era abster-se de causar dano ao seu senhor.[100] O vassalo devia o *consilium*, ou conselho, onde ele deveria participar das assembléias, e o *auxilium*, ou auxílio, que poderia ser tanto militar quanto financeiro. Além disso, estava obrigado a

---

98 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 22, nota 1.

99 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 22, nota 1.

100 DUBY, Georges. Castelos: poder e soberania. **Revista História Viva**, São Paulo, ano 2, n.º 18, p. 60-64, 2005.

contribuir na administração das terras dos senhores, na justiça e no exercício senhorial,[101] desde que o senhor lhe dispensasse tratamento equivalente.[102]

Ao reclamar da falta de seu vassalo, Jaime indicou um comportamento contrário por parte do mesmo. O rei deixou bem claro que o amava, o honrava e mesmo assim ele "retribuía" com uma "desonra tão grande". Diante disso, a atitude de Jaime foi romper com a relação vassálica existente entre os dois, já que Dom Pedro Ahones conhecia suas obrigações como vassalo e não as cumpria, ausentando-se em um momento que o rei precisava de seu auxílio. Caso o senhor faltasse com suas obrigações, o vassalo podia desafiá-lo, ou seja, retirar a fé que depositou em seu senhor. Da mesma forma, caso o vassalo faltasse com seus compromissos, o senhor podia acusá-lo de *felonia*, ou seja, traição.[103]

Porque o rei representou toda esta relação com Dom Pedro Ahones já no começo de seu reinado? Jaime necessitava legitimar-se perante seus nobres e perante sua linhagem. Para isso, devia representar sua história construindo uma narrativa onde sua imagem fosse legitimada como um rei que exercia a autoridade sobre seus vassalos. Entretanto, observando atentamente a narrativa sobre a relação entre Jaime I e Dom Pedro Ahones, reconhecemos que Jaime não exercia a autoridade sobre seus vassalos e sim tentava estabelecer a mesma. Ao recordar suas memórias sobre este vassalo e estabelecê-las por escrito, compreendemos que o rei desejava que seus sucessores soubessem de todas suas tentativas de conseguir a *auctoritas* perante seus vassalos. Por isso, compreendemos que o rei descreveu sua narrativa de uma forma consciente e legitimadora, pois a cobrança feita por Jaime foi uma conseqüência da falta de auxílio de seu vassalo. Dessa forma, Jaime se representava como um *rei feudal* que buscava estabelecer sua autoridade sobre aqueles que lhe deviam fidelidade.

Seguindo o itinerário do rei, de Saragoça ele foi para Tortosa e depois para Horta. Nesse local, ordenou para que todos os ricos-homens que possuíam feudos por ele fossem ao seu encontro na cidade de Teruel, pois desejava atacar a cidade de

---

101 LE GOFF, op. cit., p. 125-126, nota 85.
102 DUBY, op. cit., p. 60-64, nota 100.
103 LE GOFF, op. cit., p. 125-126, nota 85.

Valência.[104] Porém, no dia marcado, chegaram apenas alguns de seus vassalos, como Dom Blasco de Alagón, Dom Artal de Luna e Dom Ato de Foces. Tal fato demonstra a dificuldade do rei em estabelecer a autoridade sobre seus súditos, pois um senhor não obtinha obediência de seus vassalos caso não mantivesse com os mesmos uma relação pessoal.[105] Isso seria uma característica do reinado de Jaime, pois, pela documentação disponível, vemos que o mesmo realizou uma intensa locomoção entre as suas terras, mesmo que com o passar dos anos este deslocamento tenha diminuído.[106]

O sítio de Valência não se realizou e como conseqüência Jaime estabeleceu uma trégua com *seid* Abu Seid, na qual este pagaria ao rei uma quinta parte das rendas de Valência e de Múrcia.[107] Em troca, Jaime devia proteção a essa localidade e se limitava a não atacar a mesma. Estas exigências financeiras e defensivas, que aconteceram durante o processo de Reconquista da Península Ibérica, foram realizadas tanto de muçulmanos para cristãos quanto de cristãos para muçulmanos, e favoreceram o rápido enriquecimento das partes credoras. Estes procedimentos ocorreram normalmente nos séculos XI, XII e XIII,[108] em um momento que a guerra era a forma mais rápida de enriquecimento.[109]

Ao retornar para Aragão, Jaime encontrou Dom Pedro Ahones juntamente com mais cinqüenta ou sessenta cavaleiros. Ao saber que este tinha intenção de "entrar na terra dos mouros, ele e seu irmão, o bispo de Saragoça", Jaime o convenceu a retornar, e os dois se dirigiram para Burbáguena, onde se encontravam alguns nobres.[110]

Este é um claro exemplo da ineficiência do poder do rei no início de seu reinado. Depois de estar preso pelos próprios vassalos em Saragoça,[111] humilhação

---

104 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1.

105 DUBY, Georges. Los Feudales. In: **Obras selectas de Georges Duby**. México: Fondo de cultura econômica, 1999, p. 103.

106 UTRILLA UTRILLA, Juan F. Jaime I (1213-1276): aspectos más sobresalientes de un reinado. In: COLÓN DOMÈNECH, Germá i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (Eds.). **El rei Jaume I**: fets, actes i paraules. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 53-73.

107 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1.

108 NAVARRO, Francesc. **Historia Universal.** La expansión musulmana. Madrid: Salvat, s/d, p. 437, 479.

109 FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 185-187, nota 26.

110 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1.

111 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 22, nota 1.

irreparável para um rei, agora suas ordens não eram acatadas. E pior: eram contrariadas, pois a intenção de Ahones era atacar as terras valencianas depois que o rei estabelecera uma trégua com o líder muçulmano.[112]

Na cidade de Burbáguena, Jaime cobrou de Ahones a sua falta por não ir à cidade de Teruel, onde fariam uma *cavalgada*[113] às terras dos mouros. E ainda disse que por isso,

> A esse respeito *seid* Abu Seid nos disse que daria as quintas de Valência e de Múrcia para que tivéssemos uma trégua com ele, e as tomamos. Por isso, vos rogamos, Dom Pedro Ahones, e vos ordenamos que tenhais estas tréguas e não as rompais.[114]

O rei demonstrou preocupação com a possibilidade de seu vassalo romper uma trégua, fato ilícito que atingiria a moral de Jaime.[115] Os reis dedicavam muita atenção aos assuntos relacionados à justiça, pois ela era um sinal de sua autoridade e um meio para alcançar a supremacia em seus reinos.[116] Assim, contrariando o seu suserano, Ahones disse que pelo custo da reconciliação que fizera com o seu irmão, o bispo de Saragoça, não acataria o pedido de seu senhor. Mas o rei voltou a insistir:

> Dom Pedro Ahones, grande erro nos dissestes, pois fizemos aquela trégua por vossa falta, já que não viestes no dia que dissemos. E agora dizeis que não deixareis esta ida por nossa ordem. Olhais o que fazeis, pois vós vireis contra o nosso senhorio, coisa que não esperamos. Assim, desejamos saber se vós deixareis de fazer isso apesar dos nossos pedidos e das nossas ordens.[117]

---

112 VILLACAÑAS, op. cit., p. 104-105, nota 51.

113 As *cavalgadas* eram aventuras violentas que ocorriam a cada primavera, realizadas pelos cavaleiros. COSTA, Ricardo da. A violência da cavalaria medieval e o processo civilizador dos *oratores*. **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n.º 13, p. 174-186, 2001.

114 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1.

115 GAUVARD, Claude. Justiça e Paz. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 55-62.

116 STRAYER, Joseph R. **As origens medievais do Estado moderno**. Lisboa: Gradiva, 1972, p. 36.

117 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1.

Jaime insistiu três vezes com Dom Pedro e em todas elas foi mal sucedido. Essa insistência de Jaime mostra que o rei dispensava atenção e cuidado a Ahones, além de estar preocupado com o rompimento da trégua que fizera com Abu Seid. É interessante a passagem onde Jaime diz que "vós vireis contra o nosso senhorio". Teria Jaime perdoado a primeira falha de Ahones? Isso não fica claro na leitura do *Livro*. Mas, vendo que o conde não mudava de idéia, o rei sentenciou: "já que desejais romper uma coisa tão preciosa como essa, dizemos que desejamos prendê-lo."[118] Assim, depois de aconselhar, o rei passou a ordenar, a última forma do vínculo feudal;[119] porém Ahones não acatou.

Este foi o momento em que Jaime I e seu vassalo, acusado de *felonia*, ficaram frente a frente. Esta parte da narrativa merece uma atenção especial para a análise, principalmente por que ela irá desembocar na morte de Dom Pedro Ahones e este acontecimento possui um importante significado para nosso trabalho.

Os cavaleiros que acompanhavam o rei o desampararam e somente observaram-no lutar contra Dom Pedro Ahones.[120] Esta atitude não deve ser entendida pejorativamente, como se os cavaleiros do rei o tivessem abandonado: esta postura tinha a intenção de demonstrar a coragem e a força cavaleiresca de Jaime à altura de sua honra, pois a realeza era vista como uma combinação de poderes militares, civis e religiosos.[121]

Provavelmente Jaime recordara este confronto entre ele e seu vassalo para representar os primeiros anos de seu reinado: turbulentos, difíceis e desanimadores. Porém, ao refletir sobre seus feitos, compreendemos que o rei destacara esta relação entre senhor e vassalo não somente para representar as dificuldades pelas quais passara, mas também para demonstrar sua busca pela legitimidade e autoridade que o tornaria um rei respeitado perante seus súditos. Dessa forma, a relação entre Jaime I e Dom Pedro Ahones deve ser compreendida no sentido de que o rei almejava que todos soubessem que diante de tal situação agia com

---

118 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1.
119 VILLACAÑAS, op. cit., p. 105, nota 51.
120 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 26, nota 1.
121 LOYN, op. cit., p. 312, nota 84.

nobreza, destreza e convicção de seus atos. Não esqueçamos: o rei, ao ditar seus feitos, refletia sobre seu passado e desejava que todos o conhecessem. Nesse sentido, compreendemos que o mesmo narrou esta relação com o intuito de que soubessem sobre as suas dificuldades em reinar.

Retomando a narrativa, Jaime e Ahones entraram em luta corporal, mas o *Livro dos Feitos* nos apresenta em sua narrativa que Ahones fora auxiliado pelos seus cavaleiros, os quais seguraram Jaime e o impediram de prender seu vassalo.[122] Após isso, Ahones e seus cavaleiros fugiram e rapidamente sendo perseguidos por Jaime, Dom Ato, Dom Blasco e Dom Artal.[123]

A partir desse ponto o que decidiu este episódio foram as condições de estratégia de guerra até o momento da trágica morte de Dom Pedro Ahones. Afirmamos anteriormente que o fato de não ter sido obedecido por Dom Pedro Ahones demonstra a ineficiência do poder de Jaime sobre seus vassalos no início de seu reinado. Porém, em nossa análise, a morte do mesmo representou um momento que Jaime adquiriu consciência sobre seu papel como rei: um rei devia reinar a qualquer custo. Desse modo, conforme a narrativa progride, a imagem de Jaime como *rei feudal* se fortalece. Devido às circunstâncias em que viveu, Jaime I adquiriu experiência e com o tempo vivenciou sua imagem de rei dentro de um ambiente feudal. Um jovem *rei feudal*, destacamos. Como um esboço, a realeza de Jaime se aperfeiçoou aos poucos, formou-se com o passar dos anos.

Estes primeiros anos do reinado de Jaime têm um significado especial: receber o reino como um patrimônio familiar não significava que o rei exerceria o poder de fato; este deveria ser conquistado. Desde que saíra do castelo de Monzón e que estivera entre os seus naturais nada estava garantido. Assim, ao refletir sobre o seu passado e colocá-lo por escrito, Jaime o elaborou com a intenção de legitimar-se perante seus vassalos opositores e perante sua linhagem no intuito de superar seus antecessores; além disso, o rei sabia que dependia única e exclusivamente de si mesmo para efetuar o exercício da realeza.[124]

---

122 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 26, nota 1.
123 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 26, nota 1.
124 VILLACAÑAS, op. cit., p. 106, nota 51.

Diante da busca pela sua legitimidade, Jaime narrou em suas memórias a morte de seu vassalo. Esta, pela análise da narrativa, foi uma conseqüência da vontade do rei em impor sua vontade, impor seu poder sobre seus vassalos, buscando, dessa forma, arregimentar seus nobres ao seu redor e assim fortalecer seu poder. Nestes primeiros anos de reinado, a imagem que representou de si mesmo em relação ao contexto de seu reino era um a de um rei que lutava para exercer seu poder e impor sua autoridade perante seus vassalos.

Assim, pouco a pouco, conforme o desenrolar dos acontecimentos, o *Livro dos Feitos* nos apresenta certa aquisição de maturidade por parte do rei. Aos poucos sua legitimidade adquire contornos, uma grande diferença em comparação aos primeiros anos de seu reinado. Jaime viveu em um mundo de transformações; seu mundo ainda era, mesmo que com algumas mudanças, o mundo feudal. Nesse ambiente o rei necessitava dos conselhos dos seus nobres, principalmente um rei como Jaime, novo e sem experiência neste cotidiano.

Por várias vezes no decorrer da fonte, o próprio rei admitiu que ainda não tinha idade para dar conselhos. No total, antes do trecho referente à conquista de Maiorca, Jaime afirmou três vezes que não possuía senso para dar conselho, que não sabia guiar a terra e que, por isso, era necessário que os nobres o aconselhassem. Na última afirmação, o rei tinha não mais que catorze anos.[125]

Até quando o rei necessitaria de conselho? Vimos que Jaime afirmou isso por três vezes nos capítulos referentes aos primeiros anos de sua vida. Diante dessa pergunta, o capítulo 29 do *Livro dos Feitos* torna-se importante para ser analisado. Mesmo sem esta experiência, neste momento da narrativa o rei recusou um conselho. Seria uma aquisição de consciência ou imaturidade? Vejamos o motivo.

2.2. UM REI QUE NÃO NECESSITA DE CONSELHOS?

[125] **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., caps. 15, 16 e 21, nota 1.

Identificamos dois momentos cruciais nos quais a narrativa do *Livro dos Feitos* apresentou Jaime I com certa maturidade e que conseqüentemente fortaleceu sua autoridade como *rei feudal*. Após a morte de Dom Pedro Ahones em 1226, ocorreu uma sublevação da nobreza aragonesa, a qual formou uma coalizão contra o rei.[126] Quando estava na localidade de Lascellas, Jaime foi aconselhado por seu vassalo, Dom Pedro Pomar, a se refugiar em um monte "muito forte", ou seja, difícil de ser conquistado. Porém, Jaime não aceitou este conselho:

> Dom Pedro Pomar, nós somos rei de Aragão por nosso direito, e estes que vêm contra nós são nossos naturais e fazem o que não devem, pois vem combater contra nós. Nós temos o direito, eles têm o erro. Por isso, Deus nos ajudará, e nós não deixaremos a vila a não ser morto; e mesmo com tudo isso nós os venceremos. Assim, dessa vez não tomaremos vosso conselho.[127]

O rei, que tanto necessitava de conselho, que tanto precisava de ajuda durante os primeiros anos de seu reinado agora rejeitava auxílio. Ou melhor, devido à sua posição, recusava algo que não devia fazer. Não por orgulho ou por qualquer pecado, mas sim porque amadurecia e ganhava experiência neste cotidiano de guerra.

Desse modo, o que nos importa não é a recusa do conselho e sim o *motivo da dispensa*. Ao analisar este trecho por este viés observamos que o motivo da recusa está relacionado ao amadurecimento de Jaime. Ele sabia que era rei por direito e aqueles que o combatiam estavam no erro, pois combatiam contra o rei, contra seu senhor. Em um ambiente feudal, este confronto ocorria porque havia um choque entre diferentes concepções de poder: a de Jaime e de seus conselheiros diretos, e a dos membros da aristocracia que lhe faziam oposições.[128]

Para a mentalidade da época, estar ao lado do direito era importante para o desenvolvimento dos acontecimentos terrestres. Como uma crença geral, Deus não abandonava quem era justo e seguramente Jaime pensava assim. A morte de Dom

---

126 UTRILLA UTRILLA, op. cit., p. 53-73, nota 106.
127 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 29, nota 1.
128 UTRILLA UTRILLA, op. cit., p. 53-73, nota 106.

Pedro Ahones, o senhor mais importante de Aragão naquela época, fato que gerou uma rebelião no reino, não fora por um motivo fortuito: este nobre estava contra o senhorio do rei, e este apenas cumprira seu direito.[129]

Por pensar conscientemente no que era correto, Jaime acreditava que Deus o ajudaria, pois tinha como verdade que Ele sempre estava do lado certo nas batalhas, típica concepção dos medievais.[130] Nas próprias palavras de Ferran Soldevila, Jaime "deveria, de pouco a pouco, pelo próprio esforço e pela dura aprendizagem da vida, cobrar autoridade diante dos soberbos ricos-homens e barões".[131]

O *Livro dos Feitos* é uma narração das ações de um rei que está situado em um momento de mudança específico do reino de Aragão. Jaime se encontrava em uma "encruzilhada" da história da Europa, vivia a experiência de um "homem de fronteira", algumas vezes cavaleiro, outras conquistador, mas sempre muito consciente do que fazia.[132]

Ao ditar sua vida, Jaime desejou que seus feitos fossem relembrados por todos. Seu *Livro* representa suas memórias, suas recordações sobre seu reinado. E é por meio de suas recordações que encontramos o segundo momento em que esta fonte nos apresenta uma mudança de personalidade de Jaime, não totalmente concreta, mas com uma notável diferença: seu primeiro discurso perante os nobres aragoneses. Nesta mensagem o rei manifestou toda sua insatisfação com a nobreza aragonesa e com tudo que acontecera até então. Era aproximadamente abril de 1227:

> Barões, cremos que sabeis e deveis saber que nós somos de longo tempo vosso senhor natural; que conosco Aragão teve quatorze reis, e quanto mais distante é a natureza entre nós e vós, mais aproximação deve existir, pois ao se estender o parentesco, por essa extensão a natureza se estreita. Nunca lhes fizemos mal, nem falamos mal, pelo contrário, temos em nosso coração a intenção de amá-los e honrá-los, e lhes faremos ter todos os bons costumes que temos tido de nossa linhagem, e lhes daremos ainda

129 VILLACAÑAS, op. cit., p. 107-108, nota 51.
130 DUBY, op. cit., p. 157, nota 23.
131 SOLDEVILA, Ferran. **Els grans reis del segle XIII.** Jaume I i Pere el Gran. Barcelona: Vicens-Vives, 1965, p. 15 (A tradução é nossa).
132 RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. Salvar la imagen del caballero. In: **Jaime I, Rey y Caballero.** Los arneses y la cultura caballeresca en el siglo XIII. València: LAIMPRENTA CG, 2008, p. 91-95.

> melhores, se não tiveres aqueles que são bons. Por isso, maravilhamo-nos muito em ter que nos proteger de vós, que não possamos entrar nas cidades que Deus nos deu e que nosso pai nos deixou, e nos pesa muito que haja guerra entre nós e vós. Assim, rogamos e ordenamos que isso não aconteça, pois nos pesa muito, e podeis perceber isso, pois vim somente para estar entre vós, pois confio em vós e em vosso amor, e vos tenho guardados com amor no coração.[133]

Quando narrou seus feitos o próprio rei confessou que em alguns momentos não era capaz de dar conselho, pois não estava preparado para guiar seu reino. Porém, compreendemos que em seu primeiro discurso Jaime apresentou uma personalidade diferente, principalmente pela influência do meio em que vivia: guerras constantes, disputas, um universo militar onde se exigia maturidade de qualquer líder.

Este Jaime, muito diferente do "Jaime" do início do reinado, cerca de uns dez anos antes, é um rei que está tomado pela consciência de sua autoridade e está em condições de explicá-la aos seus nobres. Da mesma forma que Villacañas e Belenguer, acreditamos que este primeiro discurso de Jaime representa um momento muito importante na narrativa, pois aqui o mesmo está consciente do seu papel de rei e da sua intenção de se legitimar diante de seus nobres e de sua linhagem. Seguramente não ocorrera o mesmo em Saragoça, onde as lágrimas de sua primeira esposa, Leonor, caíram ao saber que estava presa naquela cidade. Agora, ao contrário do que acontecera em Saragoça, o rei se libertava sozinho, com a sua própria força, valor e decisão.[134]

Até aqui percebemos que há um encadeamento dos feitos contados por Jaime. Aos poucos o descobrimos, compreendemos suas palavras relacionadas ao contexto em que viveu e conseqüentemente sua autoridade surge vagarosamente depois de uma densa interpretação. De pouco a pouco compreendemos as pistas que Jaime nos deixou por escrito e que fazem, no seu entendimento, um rei legitimado. De acordo com a metodologia proposta, o possível resultado desta análise seria uma possível

---

133 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 31, nota 1.

134 VILLACAÑAS, op. cit., p. 110, nota 51; BELENGUER, op. cit., 71-72, nota 64.

reconstituição da época.[135] Em outras palavras, o que prentendemos com aqui é estabelecer uma aproximação com o rei nos primeiros anos de seu reinado.[136]

A cada capítulo, o *Livro dos Feitos* nos apresenta um rei que adquire consciência do seu papel como conde de Barcelona na formação do reino de Aragão. Afirmamos isso tomando as próprias palavras de Jaime, pois quando refletiu sobre a sua história e afirmou que era o décimo quarto rei de Aragão recordou não apenas a naturalidade de sua linhagem, mas também construiu uma ponte com o passado e tornou este "passado" presente em suas palavras, reforçando, desse modo, sua autoridade sobre seus vassalos.

Quando recordou que era conde de Barcelona e rei de Aragão, Jaime retomou e reforçou a continuidade dinástica, destacando que por um longo tempo a casa de Barcelona reinava naquelas terras. Dessa forma, no decorrer de seus feitos, Jaime se estabelecia de uma maneira estável perante os seus vassalos; ainda não possuía o poder de fato, a *potestas*, como explicamos anteriormente. A única coisa que possuía verdadeiramente eram os direitos de sua herança;[137] por isso a utilizou em seu primeiro discurso.

Para compreendermos melhor a utilização do passado por parte do rei, passado revivido em suas memórias, dividimos seu discurso em quatro partes onde Jaime: 1) explicou a natureza da relação entre ele e seus nobres, obviamente a natureza feudal; 2) recordou a intenção e o dever dele para com os barões; 3) ficou surpreso em ter que se proteger de seus nobres e não poder reinar como um rei e; 4) rogou e ordenou que aquilo não acontecesse novamente.

Ao invocar a relação de parentesco e destacar que a mesma existia há um longo tempo (*lonch temps*), Jaime identificou as bases sobre as quais seu poder estava

---

135 SCHUBACK, op. cit., p. 34, nota 44.

136 "A idéia de que as fontes, se dignas de fé, oferecem um acesso imediato à realidade ou, pelo menos, a um aspecto da realidade, me parece igualmente rudimentar. As fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a *espelhos deformantes*. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção, como procuro mostrar nas páginas que se seguem, não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível." GINZBURG, Carlo. Introdução. In: **Relações de força**: História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 44-45.

137 VILLACAÑAS, op. cit., p. 59, nota 51.

constituído. Na verdade, com a intenção de acabar com a "anarquia" que existia em seu reino, Jaime exaltou a natureza feudal para aproximar-se de seus vassalos e submetê-los ao seu comando, o que faria com que eles o reconhecessem como rei.

Em seguida destacou seus deveres como *rei feudal*, onde teria por seus vassalos "a intenção de amá-los e honrá-los". Cumprindo a obrigação de um senhor, Jaime faria todo o bem pelos seus *naturais*. Vale notar que, sem compreender o motivo de ser atacado por pessoas que lhe deviam fidelidade, Jaime primeiro lembrou seu dever, ou seja, honrar seus homens e "amá-los", e somente no final do discurso destacou a reciprocidade dessa relação: "pois confio em vós e em vosso amor".

A terceira parte do discurso é representada pela insatisfação do rei com os acontecimentos ocorridos. São três queixas: 1) o fato de que ele tinha que se proteger de seus próprios vassalos; 2) de que não podia entrar nas cidades que seu pai, Pedro o *Católico*, deixara e 3) que lamentava muito pela guerra que existia entre ele e seus vassalos.

Nesse estado de coisas, compreendemos que não havia possibilidades para Jaime exercer sua função de rei, um rei que teria que governar seu reino, comandar seus vassalos e mobilizar seus exércitos que lhe deviam obediência. Por isso é que discursou aos seus vassalos com a intenção de acabar com tudo o que acontecia. Todos estes problemas com a nobreza aragonesa se acabariam momentâneamente com o estabelecimento da Paz de Alcalá em 1227.[138] Este pacto representou um período de transição no contexto da Coroa de Aragão, relacionado tanto com o fim de sua adolescência quanto com o fim dos problemas com a nobreza. A partir de então, surgira um bom e favorável momento para o rei que agora empreendesse suas conquistas.[139] Nessa ocasião, pela análise da narrativa, sua maturidade já é bem notável se o compararmos com momentos anteriores, onde o rei não tinha capacidade para aconselhar.

Por fim, rogou e ordenou para que aquilo não mais acontecesse, uma vez que ele confiava em seus vassalos e os tinha em uma relação de reciprocidade guardados

---

138 GONZÁLEZ ANTÓN, L. La revuelta de la nobleza aragonesa contra Jaime I en 1224/1227. **Homenaje a Don José María Lacarra en su jubilación del profesorado**. Zaragoza, 1977, p. 143-163.

139 SOLDEVILA, op. cit., p. 18, nota 131.

em seu coração. Jaime já estaria cansado de tanta desordem? É o que parece. Mas também já apresentava certa maturidade e certa competência para exercer seu ofício: ao menos é essa a mensagem que compreendemos que o rei ofereceu em suas reflexões sobre estes momentos de sua vida.

Ofício não apenas como *rei feudal*, mas também como um *rei cavaleiro*, um rei que durante sua infância passara por momentos de preparação cavaleiresca e que agora, juntamente com a consciência adquirida, poderia realizar sua primeira conquista. Porém, para exercer esta função guerreira inerente à sua pessoa e que serviria como legitimação,[140] um rei devia se preparar. Agora, analisaremos o caso de Jaime e sua preparação cavaleiresca durante seus primeiros anos.

3. A CAVALARIA E JAIME I COMO *REI CAVALEIRO*

Na Espanha cristã do século XIII, os *bellatores* formavam parte de uma nobreza variada. Além disso, existia também uma nobreza bem peculiar, representada pelos cavaleiros *villanos* ou cavaleiros populares.[141] Em Maiorca, no tempo de Ramon Llull (1232-1316), os cavaleiros estavam integrados na parte superior da estrutura social.[142]

Mas, o que era a cavalaria? Antes do século XII, o significado da palavra "cavalaria" indicava as qualidades do cavaleiro ou uma ação digna de um cavaleiro. A partir da segunda metade do século XII, essa palavra passou a designar o conjunto dos cavaleiros, ou seja, o grupo profissional e ético. Por fim, já no século XIV, no decorrer da Guerra dos Cem Anos (1337-1453), ela passou a definir confrarias

---

140 LE GOFF, op. cit., p. 1086, nota 4.

141 BEJDER, Maria Silveira. A disputa entre *Bellatores* e *Oratores* na Castela do século XIII. **Atas da III Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro, p. 111-117, 1995.

142 CHACÓN, Jorge Maíz. La argumentación filosófica del Caballero medieval. El modelo e ideal luliano en el Libre del Orde de Cavaleria. COSTA, Ricardo da. TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana. **Mirabilia.** Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, nº 05, 2005. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num5/art4.htm. Acesso em 05 de Fevereiro de 2008.

destinadas a concentrar os adeptos de um grupo ou de uma convicção.[143] Na verdade, falar de cavalaria é falar ao mesmo tempo de uma forma de viver e de pensar que foi reflexo de uma sociedade.[144]

Para este trabalho, especificamente nos interessa o contexto da cavalaria no século XIII. Neste momento, ela estava inserida em uma ordem social,[145] fazia parte do cotidiano e estava integrada em uma mentalidade que se formara há bastante tempo. Fazia parte de um conjunto e era responsável pela harmonia do mesmo.[146] Ela se legitimava ao realizar sua tarefa defensiva e era necessária para que a ordem se mantivesse harmônica. Ela possuía dois sentidos, um militar e outro social: era um grupo profissional e também um título nobiliário.[147]

Os homens que participavam desta ordem necessitavam de muitos atributos. Por exemplo, deviam ser honrados, pois tal característica fazia com que o guerreiro estivesse adornado de uma áurea purificadora que o legitimava em suas ações cavaleirescas. Além disso, ser honrado era indispensável a um cavaleiro, uma vez que era regido por um código de regras e de normas que o levavam a ter atitudes devidas e bem direcionadas para sua função.[148]

Também deviam ser corajosos para realizarem suas tarefas. Nessa época, nada melhor a um guerreiro que demonstrar vontade de vencer nas lutas que participava. Esforço tanto para si quanto para Deus, pois os guerreiros que participaram do que conhecemos modernamente como Cruzadas e Reconquista estavam não somente

---

143 LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 1**. Da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 148.

144 FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-199.

145 IOGNA-PRAT, Dominique. Ordem(ns). In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 305-319.

146 Segundo Emilio Mitre Fernández, os estamentos/estados/condições/ordens estão inseridos em um esquema onde cada um deve desempenhar sua função no grupo a que pertence para que a harmonia permaneça. Isso porque o pensamento medieval considerava o mundo como uma integração harmoniosa dos homens com Deus, com a natureza e com eles mesmos. FERNÁNDEZ, Emilio Mitre. **História del Cristianismo.** v. 2. El mundo medieval. Madrid: Trotta, 2004, p. 98.

147 FLORI, op. cit., p. 185-199, nota 144.

148 COSTA, Ricardo da e NUNES, Daniele Werneck. As funções sociais e políticas do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (c. 1279-1283) de Ramon Llull. COSTA, Ricardo da. TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana. **Mirabilia**. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, nº 05, 2005. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num5/art9.htm. Acesso em 05 de Fevereiro de 2008.

preocupados em conquistar honras e poderio, mas também em ser reconhecidos como guerreiros que lutavam para defender sua crença contra os infiéis.[149]

Deviam ter rendas para se sustentarem. Assim, falar de cavalaria é falar de homens que possuíam rendimentos, homens que eram sustentados pelo trabalho de uma imensa parte da população medieval, os camponeses. Ao serem sustentados por estes, os cavaleiros tinham tempo para se dedicarem integralmente às suas ações cavaleirescas e se tornarem especialistas na arte da guerra. No século XIII, trabalhar com as mãos não era uma atividade nobre, e a cavalaria, instituição ligada à nobreza, desprezava o trabalho nesta atividade produtiva e valorizava a largueza.[150] Neste capítulo investigaremos a formação de Jaime I como cavaleiro durante seus primeiros anos de vida.

3.1. A FORMAÇÃO DE JAIME I COMO *REI CAVALEIRO*

> Ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu Filho para encarnar na virgem gloriosa Nossa Senhora Santa Maria, e para a fé ser honrada e multiplicada, sofreu neste mundo muitos trabalhos e muitas afrontas e grande morte. Daí que, assim como Nosso Senhor elegeu clérigos para manter a Santa Fé com escrituras e com provocações necessárias, pregando aquela aos infiéis com tão grande caridade que até a morte foi por eles desejada, assim o Deus da glória elegeu cavaleiros que por força das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja. Onde, por isso, Deus honrou neste mundo e no outro tais cavaleiros que são mantenedores e defensores do ofício de Deus e da fé pela qual nos havemos de salvar .[151]

---

149 CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 473-487.

150 ZIERER, Adriana M. S. **Paraíso, Escatologia e Messianismo em Portugal à época de D. João I**. 2004. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

151 RAMON LLULL. **O Livro da Ordem de Cavalaria** (Tradução, revisão e notas Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Giordano, 2000, p. 23.

Uma das características mais relevantes do *Livro dos Feitos* é a exaltação do mundo da guerra, além das virtudes cavaleirescas como a proeza e a coragem;[152] coisa normal, uma vez que o mesmo é um fruto das reflexões de um rei que duplicou a extensão dos reinos que recebeu em sua infância. Esta característica está diretamente relacionada com uma instituição muito conhecida durante este período e que Jaime fez parte desde os seus primeiros anos de vida: a Cavalaria. Além disso, as próprias palavras de Jaime no *Livro dos Feitos* contêm uma vontade de ser reconhecido e contemplado como um *rei cavaleiro*.[153]

Não podemos esquecer que a educação cavaleiresca de Jaime I ocorrera ainda durante sua infância. Quais foram estes períodos? Pela leitura do *Livro dos Feitos* identificamos três momentos importantes para a formação de Jaime como um cavaleiro.

Em um primeiro momento, por volta de 1211, Jaime permaneceu sob os cuidados de Simon de Montfort em Carcassone, quando este ainda mantinha boas relações com o seu pai, Pedro, o *Católico*, antes da batalha de Muret que opôs estes dois cavaleiros e terminou com a morte deste último:

> Passado o tempo de nosso nascimento, Dom Simon de Montfort, que tinha as terras de Carcassonne, de Bèziers e de Toulouse, as quais ganhou do rei de França, quis ter o amor de nosso pai e pediu-lhe que nos entregasse a ele para ele nos educar. E ele confiou tanto nele e em seu amor que nos entregou a ele para nos nutrir.[154]

O pacto que o rei nos apresenta foi realizado em janeiro de 1211; Jaime tinha então três anos.[155] Ainda que a narrativa omita a informação, de acordo com este pacto

---

152 PORREDON, Romi. Introducció. In: **Jaume I.** La conquista de Mallorca del Llibre dels fets. Barcelona: La Magrana, 1997, p. 13.

153 VILLACAÑAS, op. cit., p. 23, nota 51.

154 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 8, nota 1.

155 TOURTOULON, Ch. **Don Jaime I el Conquistador, rey de Aragón.** v. 1. Valencia: Frederico Doménech, 1874, p. 88-89.

Jaime se casaria com a filha de Simon de Montfort, Amicia e, enquanto este matrimônio não se realizasse, seria educado na corte do nobre francês.[156]

Seria neste espaço turbulento que Jaime viveria os primeiros anos em um ambiente cavaleiresco. A batalha de Muret ocorreria dois anos mais tarde; porém, os primeiros sinais de que a união entre Inocêncio III e o rei Felipe Augusto (1165-1223) (o primeiro interessado na paz no Languedoc e o segundo na expansão territorial para este mesmo local) já se faziam presentes antes mesmo de Jaime permanecer sob os cuidados do conde Simon de Montfort.[157] Assim, os primeiros anos de vida de Jaime I (entre 1211 e 1214) seriam vivenciados pela preparação e efetiva cruzada contra os cátaros e os seus senhores occitanos, declarada por Inocêncio III desde 1208.[158] Este perdera o seu legado pontifício no mesmo ano que o rei Jaime nascera. Como conseqüência, resolveu responder esta violência com violência. Por isso prometia que:

> Diante de tal ameaça concedemos a remissão dos pecados, para que sem demora remediais a tão grandes perigos. Esforçai-vos em pacificar estas populações em nome de Deus, da paz e do amor. Aplicai-vos em destruir a heresia por todos os meios que Deus os inspire. Com mais firmeza ainda que com os sarracenos, porque são mais perigosos, combateis os hereges com mãos poderosas e braços estendidos.[159]

Jaime permaneceu na fortaleza de Carcassone por três anos. Coincidentemente, o conde Simon faria desta inexpugnável fortaleza o seu centro de operações durante a formação do teatro da guerra, durante as negociações entre Pedro o *Católico* e Roma; até que todos os personagens estivessem presentes para a grande cena final, aquela que decidiu o futuro da política dos condes de Barcelona e reis de Aragão: Muret. Podemos imaginar, pois é bem provável, que Jaime permanecera neste ambiente, embora não o recorde com toda força de detalhes em seu *Livro*.

---

156 SOLDEVILA, op. cit., p. 12, nota 131.

157 VILLACAÑAS, op. cit., p. 35-39, nota 51.

158 ALVIRA CABRER, Martín. **Muret 1213.** La batalla decisiva de la cruzada contra los cátaros. Barcelona: Ariel, 2008, p. 34.

159 ALVIRA CABRER, op. cit., p. 36, nota 158 (A tradução é nossa).

Um ano depois de Muret, em 1214, Jaime retornou aos seus naturais por intermédio de Inocêncio III. A partir desse momento, logo após ter sido jurado nas Cortes de Lérida, o rei novamente retomou seus aprendizados na arte cavaleiresca desta vez em Monzón, pois pelas palavras do rei onde estivemos dois anos e meio entregue a um tenente.[160] Palavras significativas, pois relacionam a infância do rei, pela primeira vez, diretamente com o âmbito militar.

O limiar da vida. Era a idade correta para aprender a ser cavaleiro, aprender o que significava esse ofício, entender a mentalidade cavaleiresca. Ao repetir um velho provérbio carolíngio, Marc Bloch nos contou que isso era fato: "aquele que, sem saber montar a cavalo, ficou na escola até aos doze anos, só serve para ser padre."[161] Pode soar estranho às nossas mentes contemporâneas, mas tal atitude era corrente naquela sociedade. Foi provavelmente durante estes anos que Jaime recebeu sua educação cavaleiresca. Sua iniciação nas armas e a aprendizagem da função da cavalaria se processou durante os anos iniciais de sua vida.

O segundo momento da formação de Jaime como cavaleiro é representado pela tutela sob os Templários. Após sair dos cuidados de Simon de Montfort, o rei afirmou que os nobres:

> E eles acordaram quando estiveram em Catalunha quem nos educaria, e todos concordaram que quem nos educaria seria o mestre do Templo em Monzón. O nome daquele mestre era Dom Guilherme de Montredon, natural de Osona e mestre do Templo em Aragão e Catalunha.[162]

Segundo cenário da infância de Jaime: castelo de Monzón, uma fortaleza templária ideal para a formação de um cruzado.[163] Embora sua regra não permitisse, os templários aceitavam para serem educadas em um ambiente militar. O aceite ocorria porque essas crianças eram filhas de benfeitores da Ordem. Por exemplo, Guilherme VI de Montpelier (1102-1162),[164] ao fazer seu testamento, legou a

---

160 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 11, nota 1.
161 BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 308.
162 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 10, nota 1.
163 VILLACAÑAS, op. cit., p. 77, nota 51.
164 Senhor de Montpelier entre os anos de 1121 e 1149.

herança ao primogênito e destinou o secundogênito para ser educado pelos irmãos do Templo.[165]

Assim, podemos conjecturar que, devido a sua *educação templária*, Jaime foi iniciado definitivamente no ofício de cavaleiro, o qual, nas palavras de Ramon Llull, ajudaria a "manter e defender a santa fé católica."[166] Foi então entre os cavaleiros do Templo que o rei Jaime iniciou sua aprendizagem no mundo das armas, a qual devia começar desde muito cedo. Provavelmente fora entre estes mesmos cavaleiros que Jaime aprendeu suas primeiras competências gráficas, como ler e escrever um pouco de latim, base de qualquer educação naquela época.[167]

Mas não podemos esquecer outro fator que fez com que Jaime aprendesse seu ofício: o contexto em que nasceu e viveu representado pela retomada dos territórios cristãos ocupados pelos sarracenos. Isso provavelmente influenciou muito a construção da noção do dever de cavaleiro na concepção de Jaime, uma vez que, a partir da conquista de Maiorca, seu contato com os sarracenos, com os infiéis, seria cada vez maior. Dessa forma, seu aprendizado cavaleiresco ocorreu ao longo de sua vida e Maiorca foi seu *primeiro grande feito de armas* a serviço de Deus. *Grande feito de armas* que destacou no *Livro dos Feitos* como legitimação diante de seus nobres e também como continuador da linhagem dos condes de Barcelona.

A defesa da Santa Fé, função cavaleiresca, já havia sido destacada desde os tempos de São Bernardo de Claraval (1090-1154), que escreveu o sermão *De laude novae militae*.[168] Este tratado foi uma das fontes do desenvolvimento do ideal da cavalaria,[169] principalmente porque foi feita uma separação entre *militia* e *malitia*.[170]

---

165 DEMURGER, op. cit., p. 84-85, nota 32.

166 RAMON LLULL, op. cit., p. 23, nota 151.

167 CINGOLANI, op. cit., p. 83-84, nota 35.

168 RODRÍGUEZ-PICAVEA MATILLA, Enrique. **Los monjes guerreiros en los reinos hispánicos**. Las órdenes militares en la Península Ibérica durante la Edad Media. Madrid: La esfera de los libros, 2008, p. 25-30.

169 PREVITÉ-ORTON, C. W. **Historia del mundo en la Edad Média**. Ramon Sopena: Barcelona, 1995, p. 1261.

170 São Bernardo distinguiu, desta forma, a cavalaria do século da cavalaria de Deus: aqueles que lutavam contra os preceitos cristãos e aqueles que lutavam a favor dos mesmos. GRABOIS, Areyh. Militia and Malitia: The Bernardine Vision of Chivalry. **De Re Militari**: The Society for Medieval Military History. Disponível em: http://www.deremilitari.org/resources/articles/grabois.htm. Acesso em 20 de Fevereiro de 2008.

Na visão do monge de Claraval, estes soldados eram considerados instrumentos de Deus para castigar os malfeitores e defender os justos.[171]

A vida do rei em Monzón seria provavelmente regada pela disciplina ascética dos cavaleiros templários, os quais o protegiam dos possíveis atentados que poderia sofrer. Foi durante esse período que o rei passou por uma educação muito mais que militar: passara por uma educação religiosa, marcada pelo ódio aos infiéis, pelo incentivo à conquista das terras pertencentes ao Islã e pelo estímulo de retomar o Santo Sepulcro.[172]

Reinado este que fora muito conturbado, principalmente nos seus primeiros anos. Como o próprio rei afirmou em seu *Livro*, partidas lutavam entre si para tomar terras e obterem o controle do reino, momento em que a nobreza aproveitou para expor suas reivindicações.[173] Tanto que, logo após sua saída do castelo de Monzón, Jaime narrou seu início na utilização das armas:

> Nós saímos de Monzón ao alvorecer. E quando chegamos à ponte, a comitiva que nos esperava nos disse que o conde Dom Sancho estava em Selgua com todo o seu poder, e que nos combateria. Nós tínhamos então somente nove anos e, por causa do temor da batalha na qual pensávamos entrar, um cavaleiro nos emprestou uma loriga para que nos vestíssemos. Esse foi nosso princípio nas primeiras armas que vestimos.[174]

Eis o terceiro e mais importante momento que Jaime recebeu uma educação cavaleiresca: a ocasião em que voltou para seus naturais, sua primeira entrada no reino de Aragão. A partir desse momento, Jaime se dividiu entre aventuras (cavalgadas)[175] e realidades (problemas de seu reino). Foi dentro desse contexto que ele se formou como cavaleiro, que lutou e adquiriu experiência nas armas, que se preparou para a conquista de Maiorca; a qual acreditava que conquistara com a ajuda de Deus, legitimando-se, dessa forma, diante de sua nobreza e como continuador de sua linhagem.

---

171 SILVA, Pedro. **História e Mistérios dos Templários**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 14.
172 BELENGUER, op. cit., p. 47-48, nota 64.
173 RODRÍGUEZ-PICAVEA MATILLA, op. cit., p. 185, nota 168.
174 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 14, nota 1.
175 Ver nota 113.

Estamos em 1217, momento em que Jaime saiu do castelo de Monzón. O rei, com nove anos de idade, passou pela sua primeira experiência com as armas. Ainda pequeno, teve de enfrentar os problemas de seu reino. Problemas que muitas vezes se desenrolavam em batalhas. É dentro desse contexto que devemos compreender a narrativa que o rei faz sobre si mesmo, suas reflexões sobre seu reinado, sua construção como *rei cavaleiro*. A mesma tomou mais contorno em Maiorca, onde o rei encontrara-se pela primeira vez com os mouros.

Depois de toda preparação, todo cavaleiro devia ter sua *cavalaria*, ou seja, o dia oficial em que se formava cavaleiro. Assim como todo cavaleiro, Jaime passou pela sua, um dia inesquecível na vida de qualquer aspirante à ordem e que o próprio rei não se esqueceu de destacar em suas memórias:

> Nossa cavalaria aconteceu em Santa Maria de Horta, em Tarragona. Ouvida a missa do Espírito Santo, cingimos a espada que tomamos do altar. Podíamos ter então doze anos completos, entrando no décimo terceiro ano.[176]

Tornar-se cavaleiro era obter um reconhecimento, uma colocação hierárquica na ordem social.[177] Para ser sagrado cavaleiro havia um local: uma igreja. No caso de Jaime, toda cerimônia ocorreu em um âmbito religioso, cristianizado. Era a igreja que o abençoava, que fazia com que a consagração se tornasse transcendente, pois não era um cavaleiro que seria nomeado, mas um cavaleiro de Cristo, que iria compor o exército cristão contra os infiéis. Ao ser nomeado na casa de Deus, Jaime presenciou que devia protegê-la a todo custo.

Havia uma preparação: escutava-se uma missa. Era um momento em que Cristo se fazia presente através da comunhão e onde o cavaleiro podia eximir-se dos seus pecados. Ele devia estar purificado de tudo para receber esta ordem, já que serviria de exemplo tanto para seus *pares* quanto para os que iria defender.

---

176 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 19, nota 1.
177 VILLACAÑAS, op. cit., p. 94, nota 51.

Desse modo, vemos que a cavalaria de Jaime aconteceu bem depois que ele havia iniciado sua preparação. Provavelmente por volta dos seis anos iniciou seus treinamentos e por volta dos doze ou treze, de acordo com as informações do *Livro dos Feitos*, tornou-se cavaleiro. Um bom tempo para adquirir certa aprendizagem nas armas. Aprendizagem, pois a experiência apenas viria durante a sua vida: e Maiorca seria o primeiro *locus* onde o rei aplicaria todos seus conhecimentos cavaleirescos.

4. MAIORCA: O *PRIMEIRO GRANDE FEITO DE ARMAS* DE JAIME I

Na primeira parte do nosso trabalho analisamos as primeiras experiências de Jaime I no *Livro dos Feitos*, as quais representam os momentos anteriores à conquista de Maiorca. Mesmo apresentando um reconhecimento por meio de simbolismos celestes e terrestres, os quais o rei acreditava que o legitimavam como um *rei natural*, mesmo apresentando sua cerimônia de juramento e sua busca pela legitimação perante seus vassalos como um *rei feudal*, e mesmo destacando sua formação como um *rei cavaleiro*, Jaime ainda necessitava de legitimar-se de uma forma mais concreta. Para isso, recordou em seu Livro seu *primeiro grande feito de armas*, sua primeira grande conquista.

Como dissemos anteriormente, as possíveis formas de acesso ao poder real eram a eleição ou designação de um sucessor, a legitimidade dinástica e uma vitória ou conquista militar.[178] Como vimos, Jaime foi designado como sucessor de seu pai e buscou sua legitimidade dinástica. Mas ainda lhe faltava uma conquista. Esta seria representada por Maiorca.[179]

A partir da conquista de Maiorca o *Livro dos Feitos* apresenta um momento importante na vida do rei. Alguns autores, como Ferran Soldevila, afirmam que esta conquista ao menos condicionou a decisão real de escrever um livro onde a mesma

178 LE GOFF, op. cit., p. 395-414, nota 3.
179 CINGOLANI, op. cit., p. 37, nota 35.

fosse recordada.[180] Era um momento em que o rei já amadurecera bastante, principalmente pelas circunstâncias em que vivera. Além disso, a conquista de Maiorca não significava uma simples incorporação de um novo reino à Coroa de Aragão: uma conquista seria uma legitimação política diante dos problemas encontrados pelo rei, e isso faria com que Jaime, ao mesmo tempo se confirmasse como continuador da linhagem e também a superasse os seus antepassados realizando um feito de armas de um porte que nenhum deles realizara. Tanto que o rei, logo após o seu *primeiro grande feito de armas*, avisou sobre a conquista ao rei de Castela, Fernando III (1217-1252), e ao rei da França, São Luís (1226-1270).[181]

Alguns autores insistem que a pirataria na região das ilhas Baleares e a decadência do Império Almôada foram os principais motivadores para a conquista das Ilhas Baleares.[182] Nós não descartamos estas hipóteses; entretanto, ao analisar a narrativa do *Livro dos Feitos* sobre a conquista de Maiorca, temos a idéia de que, de acordo com as palavras do rei, o principal motivo para a realização desta empresa, a qual depois reforçou a legitimidade de Jaime I como conde de Barcelona e perante a oposição de parte de sua nobreza, foi a crença de que Jaime cumpria uma missão divinamente apoiada.

A partir dos capítulos que descrevem a conquista da ilha o *Livro dos Feitos* apresenta um rei mais consciente comparado com os primeiros momentos de sua vida. Vale lembrar que este pensamento se desenvolveu também durante a conquista. Repetimos: este foi o momento em que Jaime definitivamente vivenciou o contexto presente na Península Ibérica representado pela reconquista dos territórios cristãos frente aos muçulmanos. Além disso, foi durante esta mesma empresa guerreira que as três facetas de Jaime I que analisamos anteriormente se tornaram mais definidas ou seja, se tornaram claras, tomaram contornos e, dessa forma, favoreceram a aparição de um autêntico rei: um *rei natural*, crente no auxílio dos céus e consciente da natureza de sua linhagem; um *rei feudal*, que lutava para impor sua autoridade sobre seus vassalos; e um *rei cavaleiro*, controlador dos seus exércitos e utilizador de estratégias e táticas de guerra. Ao recordar suas memórias,

---

180 SOLDEVILA, op. cit., p. 14, nota 59.

181 CINGOLANI, op. cit., p. 44-45, nota 54.

182 BENNÀSSER, Pau Cateura. Jaume I: conquesta i organització del regne de Mallorca. In: COLÓN DOMÈNECH, Germá i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (Eds.). **El rei Jaume I**: fets, actes i paraules. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 33-51.

era dessa forma que o rei desejava ser visto por todos aqueles que lessem ou ouvissem as palavras de seu *Livro*.

Desse modo, nesta parte de nosso trabalho analisaremos a narrativa sobre a conquista de Maiorca a partir da perspectiva e dos objetivos políticos reais, recordando que realizaremos um trabalho de compreensão relacionando nossa fonte sempre com a mentalidade da época, a qual fazia parte da mentalidade do rei e que se reflete ao longo da narrativa do *Livro dos Feitos*.

A conquista de Maiorca representou uma vitória definitiva no processo de Reconquista na Península Ibérica. É uma data significativa para a história não somente da ilha, mas também das Baleares. De acordo com Álvaro Santamaria, esta conquista representa uma das três datas mais importantes da história de Maiorca: as outras seriam o momento em que os primeiros homens chegaram na ilha, há uns seis mil anos atrás, e o ano 123 a. C., quando a conquista romana acelerou o processo de romanização da ilha. Em relação ao nosso estudo, o que nos importa é que esta empresa, incitada pelos nobres catalães e levada a cabo por Jaime I, representou tanto a integração de Maiorca no quadro político da Coroa de Aragão quanto a sua reintegração no seio da cultura cristã ocidental.[183]

De pouco a pouco, a narrativa nos coloca diante de um rei que se forma aos poucos, que se apresenta consciente de seu dever e de seu papel naquela sociedade. A partir de agora, o *Livro dos Feitos* nos apresenta o *primeiro grande feito de armas* de Jaime I, o qual, em nossa hipótese, foi utilizado pelo rei e escrito em suas memórias tanto para legitimar-se diante de seus nobres quanto legitimar-se como conde de Barcelona e continuador de sua linhagem.

4.1. OS PREPARATIVOS

[183] ARÁNDEZ, Alvaro Santamaría. Determinantes de la conquista de Baleares. **Mayurqa**: revista del Departament de Ciències Històriques i Teoria de les Arts, Mallorca, n.º 8, p. 65-133, 1972.

> Passado meio ano, fomos à Tarragona. Nosso Senhor desejou que, sem convocarmos as cortes, pois nós ainda não a ordenáramos, a maior parte dos nobres da Catalunha estivesse conosco.[184]

Uma vontade divina. As primeiras reuniões para a conquista de Maiorca são apresentadas por Jaime I como um propósito divino: este, na visão do rei, foi o motivador para que a conquista de Maiorca se realizasse, o que fazia de Jaime o representante celeste para reinar sobre a terra e para reconquistar as terras (até então ocupadas pelos muçulmanos) para o Cristianismo.[185]

A vontade de Deus se produzira antes da vontade do rei: a reunião dos nobres ocorreu antes da convocação das Cortes. Pelas palavras de Jaime, Deus o determinara para aquela conquista. Além disso, neste pequeno, mas significativo trecho presente no capítulo inicial sobre a conquista de Maiorca, encontra-se o prestígio que o rei possuía naquele momento frente aos seus nobres, principalmente entre os catalães.[186]

Assim, tudo começou em Tarragona. De uma conversa entre Pedro Martel, capitão de galés, e a maior parte dos nobres de Catalunha surgiu o assunto: Maiorca.[187] De acordo com o *Livro dos Feitos*, os nobres de Jaime I perguntaram a Pedro Martel, que estivera duas vezes na ilha, "que terra era Maiorca e quanto aquele reino tinha de extensão".[188] Cidadão de Barcelona e experiente navegador, Pedro Martel descreveu com segurança a geografia das Ilhas Baleares. Segundo ele, Maiorca tinha trezentas milhas de diâmetro, Minorca era oposta à ilha da Sardenha, a qual recebia o vento grego, e Ibiza recebia o vento nordeste.[189] Isso demonstra que os navegadores da época tinham um bom conhecimento sobre os assuntos marítimos de cada região. Nessa época muitas informações marítimas eram reunidas e comunicadas oralmente,[190] o que apresenta a Idade Média como um período de rica

---

184 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

185 VIANNA, Luciano José. A redefinição de fronteiras entre cristãos e muçulmanos: a reunião das Cortes Gerais para a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos de Jaime I, o Conquistador (1208-1276). Trabalho apresentado no **VI Encontro Regional da ANPUH-ES. Territórios e Fronteiras: limites e deslocamentos**, 2006, Vitória.

186 VILLACAÑAS, op. cit., p. 122, nota 51.

187 VIANNA, op. cit., nota 185.

188 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

189 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

190 LOYN, op. cit., p. 271, nota 84.

circulação marítima e fluvial. Nesta época houve um progressivo estudo sobre a navegação mediterrânea, tanto que no fim do século XIII os catalães avançaram em matérias de mapas costeiros.[191]

Segundo as informações de Pedro Martel, Maiorca era a ilha principal de onde o rei muçulmano Abû Yahya (c. 1203-1229) governava as outras ilhas. Esta presença muçulmana explica-se pelo fenômeno das expedições de pirataria realizadas contra as ilhas do Mediterrâneo entre os séculos IX e X.[192] Além dessas principais ilhas, havia outra chamada Fomentera que estava cerca de uma milha distante de Ibiza.[193]

Encorajados com os belos relatos de Pedro Martel, os nobres da Catalunha foram diante do rei e contaram tudo o que ouviram.[194] Em seguida, propuseram ao rei a conquista daquela ilha por duas razões. A primeira porque o rei e seus vassalos valeriam mais.[195] Isso é fato, pois a nobreza medieval buscava realizar grandes feitos de armas e proezas cavaleirescas.[196] A segunda razão era porque as pessoas que soubessem desse feito ficariam maravilhadas, admiradas[197] com a conquista de um reino dentro do mar. Na verdade, a empresa de Maiorca foi a primeira, no âmbito da Reconquista, realizada em um território ultramarino.

Quando os nobres solicitaram ao rei esta conquista, sabiam que essa era uma obrigação inerente à sua pessoa. Os deslocamentos reais eram realizados por necessidade, uma vez que eles eram chefes de guerra, atividade da qual dependiam para aumentar seu prestígio e sua legitimidade junto aos seus próximos.[198] Conseqüentemente, deviam freqüentemente tomar o caminho da expedição

---

191 LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 148-149.

192 GUICHARD, Pierre. Islã. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 633-648.

193 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

194 SOLDEVILA, Ferran e VALLS I TABERNER, Ferran. **Història de Catalunya**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2002, p. 134-135. Segundo o *Livro dos Feitos*, os nobres eram Dom Nuno Sanchez, filho do conde Dom Sancho, Dom Guilherme de Montcada, o conde de Ampúrias, Dom Ramon de Montcada, Dom Guerau de Cervelió, Dom Ramon Alamano, Dom Guilherme de Claramunt, Dom Bernardo de Santa Eugenia, senhor de Torroella. **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

195 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

196 FLORI, op. cit., p. 185-199, nota 144.

197 Ou seja, admiradas com este feito. Para o conceito de maravilhoso, ver LE GOFF, Jacques. Maravilhoso. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 105-120.

198 COSTA, op. cit., p. 86, nota 15.

militar.[199] Até mesmo porque no discurso dos nobres está identificada a primeira alusão à conquista de Maiorca como uma cruzada: “o que Deus deseja ninguém pode desviar ou tomar.”[200]

Antes de continuar nossa análise, devemos fazer uma pergunta: o que motivou a conquista de Maiorca empreendida por Jaime I em 1229? No decorrer deste trabalho, veremos que durante as negociações entre Dom Nuno e o rei de Maiorca Abû Yahya comentou-se sobre os atos de pirataria que os sarracenos de Maiorca realizavam na costa oriental da Península Ibérica. É bem provável que Jaime desejava acabar com o foco de pirataria naquela região do Mediterrâneo.[201] Isto está diretamente relacionado com o fato de que a empresa de Maiorca também fora uma motivação dos comerciantes barceloneses em aniquilar a pirataria que obstruía o tráfico mercantil naquela região.[202]

Desse modo, a simples presença do mercador Pedro Martel no início da narrativa sobre a conquista de Maiorca representa para Soldevila o objetivo primordialmente marítimo e comercial da conquista de Maiorca.[203] Entretanto, não estamos plenamente de acordo com essa afirmação. É correto que a Coroa de Aragão estava impedida de expandir-se em direção ao norte e ao oeste e que os navegadores e comerciantes catalães, desejosos de expandir-se pelo Mediterrâneo (como o fizeram), deveriam eliminar as ações de pirataria promovidas pelos sarracenos de Maiorca. Entretanto, ao analisarmos toda a narrativa sobre a conquista de Maiorca sob o olhar de Jaime I, observamos que ela fora envolvida no contexto da Reconquista, o qual explicamos na introdução deste trabalho. E mais importante: as palavras do rei (quando se refere à reunião dos nobres na casa de Pedro Martel) e as palavras dos nobres diante do rei (propondo a conquista da ilha) demonstram uma clara relação com o contexto histórico peninsular do momento, o qual devemos considerar para nossa análise.

Assim, o que aqui nos interessa são as palavras de Jaime e o seus significados relacionados ao período estudado, pois, mais que uma vontade de exterminar a

---

199 LE GOFF, op. cit., p. 395-414, nota 3.
200 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.
201 SOLDEVILA i VALLS I TABERNER, op. cit., p. 135, nota 194.
202 NAVARRO, op. cit., p. 504-505, nota 108.
203 SOLDEVILA, op. cit., p. 22, nota 131.

pirataria, mais que uma vontade de estabelecer em Maiorca um ponto estratégico para o domínio comercial de parte do Mediterrâneo, a conquista daquela ilha, de acordo com as palavras do rei, fora objetivada pela vontade de Deus. Jaime acreditava nisso, e por isso escreveu em seu *Livro*. Havia uma luta contra o infiel, contra o muçulmano, contra todos aqueles que fossem contrários à crença cristã: ao mesmo tempo que as Cruzadas no Oriente, ocorria o movimento de Reconquista na Península Ibérica. Desse modo, nos cabe uma pergunta: como Jaime se apresentou no decorrer desta conquista?

Como salientamos antes, temos que observar o contexto histórico da obra que analisamos. Ao contextualizarmos o período de formação de Jaime, identificamos que esta mentalidade já estava presente no ambiente em que Jaime cresceu: recordamos a sua estada entre os Templários. Dessa forma, agora, com aproximadamente 20 anos, o rei sabia que devia reconquistar aquelas terras para o Cristianismo. Por isso que o *Livro dos Feitos*, um livro sobre as reflexões políticas e pessoais de Jaime, reflete esta idéia.

Retornamos à narrativa: diante da proposta de boas obras, Jaime ficou satisfeito e decidiu convocar as Cortes Gerais em Barcelona em dezembro de 1228.[204] Deveriam comparecer "o arcebispo de Tarragona, os bispos, os abades, os ricos-homens e os cidadãos da Catalunha para que naquele dia estivessem em Barcelona conosco."[205] Este foi um momento chave, importante para a história da Catalunha: era a prova concreta de que os nobres começavam a aceitar Jaime I como seu rei. Dessa forma, pela primeira vez em seu reinado estava estabelecida a concordância entre a política real, a vontade expansiva da nobreza e os interesses comerciais catalães.[206]

De acordo com Jaime, após a reunião das cortes em Barcelona, todos estavam reunidos no Palácio Maior ou Palácio Condal. A partir de então, alguns representantes discursaram e questionaram como e com o que ajudariam naquela empresa. Abrindo a sessão das Cortes, o primeiro a discursar foi Jaime, que rogou a Deus e à Virgem Santa Maria para que pudesse pronunciar palavras em honra de

---

204 BENNÀSSER, op. cit., p. 33-51, nota 182.
205 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.
206 VILLACAÑAS, op. cit., p. 123, nota 51.

todos. Assim, Jaime iniciara a narrativa sobre o *grande feito* que representaria uma mudança em sua trajetória como rei.[207]

> Nós rogamos a Nosso Senhor Deus e à Virgem Santa, Sua Mãe, para que possamos dizer algumas palavras em honra de nós e de vós, as quais escutareis, e que elas sejam prazerosas a Deus e à Sua Mãe, Nossa Senhora Santa Maria. Nós queremos falar de boas obras, pois as boas obras vêm Dele e são Suas. E aquelas palavras que nós dissermos, assim serão. E queira Deus que nós possamos chegar a um bom termo.[208]

Estamos diante do discurso de um rei. Nele há um assunto: boas obras. Boas obras que viessem de Deus. Em seguida, Jaime remeteu o discurso para o início de sua vida e recordou o casamento de seus pais e as maravilhas que aconteceram no dia de seu nascimento, tudo isso para destacar a virtude de Deus.[209] Jaime I, interpretando como fora sua vida quando ditava o *Livro dos Feitos*, apresentou seu nascimento como um fato improvável e que assim seu reinado era o resultado de um milagre.[210] Dessa forma, tudo que acontecesse de extraordinário em sua vida, tudo aquilo que fosse notável para ele seria entendido como uma vontade divina, a qual estivera presente desde os seus primeiros anos de vida.[211]

Além disso, relembrou a todos que se tornou rei quando ainda era jovem, quando então encontrou os reinos de Aragão e Catalunha conturbados. Por isso, não havia acordo entre as vontades de uns e de outros e havia ainda muita "má fama" no mundo por tudo o que acontecera.[212] Mas, segundo o rei, havia uma forma desse mal ser reparado:

> Este mal nós não podemos reparar a não ser de duas maneiras, isto é, pela vontade de Deus, que nos endereça em nossos assuntos para que façamos tais coisas, e se vós e nós fizermos isso com prazer, para que a coisa seja

---

207 CINGOLANI, op. cit., p. 203-204, nota 35.
208 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 48, nota 1.
209 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 48, nota 1.
210 BELENGUER, op. cit., p. 33, nota 64.
211 VILLACAÑAS, op. cit., p. 55, nota 51.
212 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 48, nota 1.

> tão grande e boa que a má fama que está entre vós termine, porque a claridade das boas obras desfaz a escuridão.[213]

Estas seriam as duas condições para o empreendimento: a vontade de Deus e o prazer de todos. Dessa forma, Jaime buscava reunir uma dupla proteção: o amparo divino e a proteção de seus vassalos.

Para contrapor o antes e o depois da história da Coroa de Aragão, o rei utilizou o tema da luz e da escuridão, uma das oposições binárias do Ocidente medieval cristão.[214] Ao utilizar essa oposição, o rei demonstrou que se a obra que pretendiam realizar fosse boa e grande toda a escuridão do reino seria desfeita. Esta "escuridão" refere-se às lutas internas que ocorreram na Coroa de Aragão entre os vassalos de Jaime, e também entre estes e o rei, conforme analisamos anteriormente. Portanto, no pensamento do rei, com a conquista da ilha a "luz" voltaria para o reino de Aragão e essa luz dissiparia a "má fama" existente.

Este detalhe é importante para nossa análise. Até aqui observamos que o rei utilizou elementos simbólicos para justificar sua legitimidade. Neste caso, o rei fez uma oposição entre o antes e o depois da história da Coroa de Aragão relacionando-a com o tema da luz e da escuridão. Dessa forma, por meio de suas palavras, compreendemos que o rei apresentou a conquista de Maiorca em seu discurso como uma possibilidade de fortalecer sua autoridade como rei, tanto diante de seus nobres e quanto perante a linhagem dos condes de Barcelona.

Nesse momento, muito mais consciente do seu papel de rei e de sua necessidade de realizar uma grande conquista, Jaime solicitou ajuda e conselho aos seus vassalos em um momento em que ele precisava:

> Assim, nós vos rogamos encarecidamente por duas razões: a primeira por Deus; a segunda, pela natureza que temos convosco, que vós nos aconselhais e ajudais em três coisas: a primeira, que nós possamos colocar

---

213 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 48, nota 1.

214 Além dessa oposição, há outras, como céu/terra, dia/noite, clérigo/leigo, fiel/infiel. Todas elas, porém, refletiam de alguma forma a oposição básica Deus/Diabo. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 81.

> nossa terra em paz; a segunda, que possamos servir a Nosso Senhor nesta viagem que desejamos fazer ao reino de Maiorca e às outras ilhas que pertencem a ele; e a terceira, que deis conselho, de maneira que possamos cumprir a honra de Deus. E dito isto, findamos as nossas palavras.[215]

Jaime sabia das obrigações de seus vassalos; por isso solicitou conselho e ajuda aos seus mesmos em três coisas: 1) colocar o reino em paz, 2) auxiliar na viagem para o reino de Maiorca e 3) aconselhar para que aquilo se cumprisse em honra de Deus. Nesse contexto feudal, um documento que expressa muito bem os deveres dos vassalos para com os senhores é o que o bispo Fulbert de Chartres (c. 960-1028) enviou ao duque Guilherme V (c. 995-1030), da Aquitânia:

> Aquele que jura fidelidade a seu senhor deve ter sempre presente na memória estas seis palavras: incólume, seguro, honesto, útil, fácil e possível. *Incólume*, na medida em que não deve causar prejuízos corpóreos ao seu senhor; *seguro*, para que não traia os seus segredos ou as armas pelas quais ele possa manter [-se] em segurança; *honesto*, para que não enfraqueça os seus direitos de justiça ou de matérias que pertençam à sua honra; *útil*, para que não cause prejuízo às suas possessões; *fácil* ou *possível*, visto que não deverá tornar difícil ao seu senhor o bem que ele facilmente poderia fazer, nem tornar impossível o que para ele seria possível. Todavia, se é justo que o (vassalo) fiel evite estas injúrias, não será só por isto que merece *benefício*; porque não é suficiente abster-se do mal, a menos que faça também o que é bom. Portanto, deverá em adição conceder fielmente conselho e ajuda ao seu senhor nas seis coisas acima mencionadas, se deseja ser considerado merecedor do seu benefício e digno de confiança na fidelidade que jurou.[216]

Este documento nos aproxima bastante do pensamento dos homens medievais sobre as obrigações contidas no contrato de vassalagem. Caso o vassalo possuísse tais peculiaridades certamente seria justo e fiel, obedeceria ao seu senhor e nunca desobedeceria suas ordens; em contrapartida, este não sofreria ferimento, traição, desonra e prejuízos. Enfim, um sentimento resumia todos os atributos do bom súdito: a fidelidade. Era o que Jaime esperava de seus nobres.

---

215 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 48, nota 1.

216 **De FULBERT DE CHARTRES ao Duque de Aquitânia GUILHERME V (1020)**. In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000, p. 94 (Os grifos são nossos).

Após a solicitação da ajuda, Jaime apresentou em sua narrativa as respostas dos nobres. Antes de analisarmos as mesmas, entendemos esta apresentação como uma legitimidade do rei: antes, nos primeiros anos de seu reinado, Jaime recordara todos os problemas pelos quais passara, principalmente derivados da oposição que seus nobres lhe faziam. Diante de um ambiente feudal, o rei necessitava obter o apoio des seus vassalos; agora, com este intuito, seus nobres apresentam sua ajuda ao rei.

Seguindo a narrativa, o primeiro a discursar foi o arcebispo de Tarragona, Dom Espàrech. Este afirmou que o rei tinha grande necessidade de conselho e que eles responderiam em honra de Deus, deles e do rei. Em seguida, levantou-se Dom Guilherme de Montcada e disse que os nobres deveriam fazer um grande conselho para responder às solicitações do rei. A mesma opinião teve Dom Berenguer Girart, identificado no *Livro dos Feitos* como cidadão de Barcelona. Assim, conforme as palavras do arcebispo de Tarragona, cada ordem deveria se reunir em separado para discutir o assunto: "O clero se reunirá de um lado, os ricos-homens de outro e os cidadãos acordarão entre si."[217]

Em seguida as Cortes se dissolveram. Entretanto, antes da nova reunião geral, o rei reuniu-se com os ricos-homens. Estes, através do conde de Ampúrias anteciparam o conselho e incitaram o rei a realizar a conquista, afirmando que recuperariam a honra que perderam. Para recuperar o bom nome perdido, o rei, juntamente com os nobres e os demais, devia fazer boas obras. Para recuperar este bom nome, o reino dos sarracenos, que estava dentro do mar, devia ser conquistado.[218] Percebe-se claramente a incitação dos nobres para que Jaime fizesse este empreendimento, já que eles pertenciam de corpo e alma à função guerreira: para eles esta era a razão de viver.[219]

Nas palavras do conde de Ampúrias, a conquista da ilha de Maiorca seria o melhor feito que os cristãos já teriam realizado em mais de cem anos. O conde ainda

---

217 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 49, nota 1.
218 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 49, nota 1.
219 BLOCH, op. cit., p. 321, 324, nota 161.

confirmou o rei Jaime como seu senhor natural e solicitou que fizesse as boas obras com a ajuda de seus nobres.[220]

Na manhã seguinte, após terem celebrado as missas matinais, foi iniciada mais uma sessão das Cortes Gerais. Estamos no final do ano de 1228. Novamente, todos discursaram. Dessa forma, para nos aproximarmos das intenções destes homens nos aproximaremos de suas palavras e, por meio destas, tentaremos nos aproximar dos seus respectivos pensamentos.

Os nobres que discursaram foram Dom Guilherme de Montcada, Dom Nuno Sanchez e o conde de Ampúrias. Em suas palavras percebemos três assuntos importantes: a legitimidade real, a relação entre senhores e vassalos e as relações entre as linhagens. Além disso, de todos os discursos, os dos nobres são os mais enfáticos, o que nos autoriza afirmar que a nobreza estava realmente interessada nessa conquista. Vejamos as palavras de Dom Guilherme de Montcada:

> Quando chegou a manhã, celebradas as missas matinais, todos vieram à corte e deram a palavra a Dom Guilherme de Montcada, para que a mostrasse segundo o que eles tinham acordado. Então ele se levantou e disse: 'Senhor, é coisa verdadeira que Deus vos fez para nos reger, e nos fez para que vos servíssemos bem e lealmente. Mas não poderemos vos servir bem nem lealmente se vossa fama e vossa honra não forem elevadas com todo o nosso poder, pois vossa exaltação é a nossa exaltação, e o vosso bem nos atinge. Portanto, a razão diz que, quando estes dois motivos concordam, nós também devemos querer. E semelhantemente àquele feito que vós falastes, o de conquistar o reino de Maiorca, que está dentro do mar, ele nos seria uma maior honraria que se conquistássemos três reinos em terra. E por vossa honra, senhor, devemos nos esforçar acima de todas as coisas do mundo. Assim, nós vos dizemos os três conselhos que vós nos solicitastes, que pacifiqueis vossa terra e que vos ajudemos de maneira que aquele feito se possa cumprir em honra de vós e de nós. Primeiramente, que façais Paz e Trégua por toda a Catalunha e colocais em seus escritos todos aqueles que a aceitarem. E Dom Nuno, que está aqui e é neto do conde de Barcelona, estará nesta paz conosco por duas razões: pelo bom parentesco que tem conosco, e pelas boas obras que vós quereis fazer. E caso alguém na Catalunha não quiser aceitar isso, nós o obrigaremos, por bem ou por mal. Além disso, queremos que recebais o *bovatge* de nossos homens, mas oferecemos-vos como doação, porque já o haveis tomado por vosso direito, como é costume que os reis o recebam uma vez. Assim, este vos damos por graça e por amor, para que vós façais bem a vossa obrigação. E ofereço-vos, eu e minha linhagem, servir-vos com quatrocentos cavalos armados e cavaleiros, até que Deus vos tenha dado a ilha de Maiorca com as senhorias das outras ilhas que estão em volta, ou seja, Minorca e Ibiza. Nós não partiremos de vós até que a conquista esteja

220 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 49, nota 1.

> cumprida. E Dom Nuno e os outros dirão por si a ajuda que cada um vos fará. Assim, rogamos-vos que, depois que nós fizermos estas três coisas por vós, que nos concedeis parte da conquista que vós fareis conosco, as coisas móveis e imóveis, porque vos serviremos, e desejamos fazer parte, para que, por todos os tempos, permaneça na memória o serviço que nós vos faremos.[221]

Primeiramente, Dom Guilherme confirmou a legitimidade real de Jaime I, dizendo que era verdade que Deus o colocara como rei para reger aqueles nobres e para que estes o servissem. Desse modo, ao se prepararem para a conquista de Maiorca, Dom Guilherme reconhecia a autoridade de seu soberano, questão muito discutida durante o início do reinado de Jaime.[222]

Suas palavras enfatizam que não poderiam servir bem a Jaime se sua fama e sua honra não estivessem elevadas. Para solucionar este problema, a conquista da ilha, que seria um empreendimento maior do que conquistar três reinos em terra, elevaria a fama e a honra tanto do rei quanto dos nobres, pois o rei era considerado como um elo de salvação dos súditos.[223] Portanto, para a nobreza, a conquista da ilha elevaria a fama e a honra do rei, e todos deveriam se esforçar "acima de todas as coisas do mundo", ou seja, todos os nobres tinham a obrigação de participar desta empresa.

As palavras de Dom Guilherme de Montcada também confirmam a dinâmica existente entre senhores e vassalos no período feudal, os quais se uniam pelo contrato de vassalagem. Por meio desse compromisso, o vassalo passava a ter deveres para com o senhor e este para com o vassalo. Este aspecto tinha por nome *feudalidade* e representava basicamente as relações de obediência inerentes à

---

221 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 50, nota 1.

222 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 11, nota 1.

223 COSTA, Ricardo da. O Espelho de Reis (Speculum Regum) de Frei Álvaro Pais (1275/1280-1349) e seu conceito de tirania. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). **Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, p. 338-344, 2001.

aristocracia.[224] Este aspecto não se confundia com a vivência entre senhores e camponeses, que eram as relações senhoriais,[225] totalmente diferentes daquelas.

Quais eram os deveres que os vassalos deviam prestar aos seus senhores? Através de Guilherme de Montcada, vassalo de Jaime, percebemos o dever do *consilium* quando este nobre aconselhou o rei para que estabelecesse a "Paz e Trégua" por toda a Catalunha e deixasse por escrito todos que a aceitassem.[226]

Nesta época, a "Paz e Trégua" já fazia parte do aparelho legislativo básico da realeza. Entretanto, esta instituição passou por diferentes transformações no decorrer dos séculos. Primeiramente, ela foi utilizada como uma reação da Igreja diante da violência feudal, sendo o Abade Oliba (970-1046) um dos principais personagens que estavam à frente desta organização. A primeira assembléia de "Paz e Trégua" cujos estatutos ainda estão conservados foi celebrada em Toluges, no Rossilhão, em 1027. Basicamente ordenava o respeito e a guarda pelo domingo como um dia santo, a proibição do assalto de qualquer habitante do condado e do bispado, além de proteger os monges e as famílias que se dirigiam a ou que retornavam das igrejas. Estas primeiras constituições de "Paz e Trégua" devem ser observadas como uma decidida e preeminente defesa dos homens e dos bens da Igreja, os quais eram atacados constantemente. Nesta proteção estavam incluídos os fiéis, ou seja, os camponeses desprotegidos, expostos à qualquer agressão contra as suas vidas e os seus bens.[227]

Com o passar do tempo, esta instituição foi utilizada em benefício primeiro dos condes de Barcelona e depois dos condes-reis de Aragão. O primeiro conde de Barcelona a utilizar a "Paz e Trégua" em benefício próprio foi Ramon Berenguer III, o *Grande* (1096-1131), em um momento em que se consolidava a supremacia do

---

224 BONNASSIE, Pierre. Feudalismo. In: **Dicionário de História Medieval**. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 87.

225 Para Jacques Heers, o senhorio rural formava um conjunto de terras, tanto exploradas diretamente quanto divididas e arrendadas ou confiadas a camponeses. Além disso, esta denominação não nasceu do feudalismo: sua existência é muito anterior. HEERS, Jacques. **A Idade Média, uma impostura**. Lisboa: Asa, 1994, p. 189. Pierre Bonnassie salienta que é necessário distinguir o regime feudal (que define os laços estabelecidos no seio da classe nobre entre senhores e vassalos) do regime senhorial (que caracteriza as relações entre senhores e camponeses). BONNASSIE, op. cit., p. 87, nota 224.

226 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 50, nota 1.

227 GONZALVO I BOU, Gener. Les Constitucions de Pau i Treva. **Documents jurídics de la història de Catalunya**. Barcelona: Generalitat de Catalunya/Departament de Justícia, 1992, p. 31-35.

condado de Barcelona sobre os outros condados catalães. Além disso, foi durante a união com a casa real de Aragão que a Igreja perdeu definitivamente o seu papel de dirigente das assembléias de "Paz e Trégua". Desde então esta instituição se transformou na "Paz Pública" ou "Paz Territorial", ou também conhecida como "Paz do Rei", e passou a fazer parte do aparelho legislativo da realeza. Durante o reinado de Jaime I, estas assembléias se transformaram, de fato, nas primeiras Cortes Gerais, com a incorporação dos representantes das vilas reais às suas sessões, ao lado dos prelados e da nobreza, como ocorreu na Corte Geral de Lérida, em 1214. O seu máximo desenvolvimento jurídico seria alcançado na Corte Geral de Barcelona, em 1228, momento que agora analisamos.[228]

Aqui há uma preocupação estratégica: a imposição da "Paz e Trégua" foi visada para assegurar as fronteiras do reino contra possíveis invasões durante a conquista, como acontecera durante a empresa de Ramon Berenguer III à Maiorca, em 1114-1115, quando os Almorávidas aproveitaram a ausência das tropas no condado de Barcelona para atacá-lo.[229]

Retornamos para o discurso de Guilherme de Montcada: o *consilium* oferecido pelo nobre representava a obrigação, por parte do vassalo, de participar nas assembléias reunidas pelo senhor e também de administrar a justiça em seu nome. Além de aconselhar, o nobre ainda afirmou para o rei que, caso alguém não aceitasse aquelas condições, seria obrigado a fazer por bem ou por mal. Assim, Dom Guilherme de Montcada, Dom Nuno Sanchez e o conde de Ampúrias ofereceram em doação não somente o *bovatge*[230] de seus homens, para que o rei fizesse a sua obrigação, mas também cavaleiros armados (quatrocentos, cem e sessenta, respectivamente), embarcações e galés armadas para que a conquista da ilha pudesse ser efetivada com sucesso.

Outro assunto presente no discurso de Dom Guilherme de Montcada, de Dom Nuno Sanchez e do conde de Ampúrias é com relação à linhagem: "E ofereço-vos, eu e

---

228 GONZALVO I BOU, op. cit., p. 35-38, nota 227.

229 ARÁNDEZ, op. cit., p. 65-133, nota 183.

230 Tributo que se pagava aos reis de Aragão por cabeças de gado e por bens móveis (doze dinheiros por parelha de bois). Ao rei Jaime se havia outorgado pouco antes de sua saída de Monzón, em 1217. "O tributo chamado *bovatge* se cobrava somente no início do reinado como deferência ao novo rei e como uma prova popular de submissão." CAPDEFERRO, op. cit., p. 178, nota 75.

minha linhagem, servir-vos com quatrocentos cavaleiros (...).” “(...) ele fala bem por si e por sua linhagem, mas eu vos responderei pela minha.” Os nobres não oferecem sozinhos esse auxílio ao rei: suas linhagens também participarão do empreendimento. O período de florescimento das relações de proteção e de subordinação pessoais foi marcado por um verdadeiro estreitamento dos laços de sangue. Essa força, a força da linhagem, foi um dos elementos essenciais da sociedade feudal.[231] O *Livro dos Feitos* revela que os homens de guerra possuíam um entrelaçamento de solidariedades entre si, como, por exemplo, os guerreiros da batalha de Bouvines em 1214: laços de família, laços complementares, laços de vassalagem e laços de vizinhança.[232] O próprio rei, no início do nosso trabalho, proferiu um discurso onde destacava a sua natureza de linhagem e também o *lonch temps* da mesma.

Em seguida os bispos de Tarragona, de Barcelona, de Girona e o abade de São Felux de Guíxols discursaram. Da mesma forma que os discursos dos nobres, encontramos alguns temas ligados não só ao feudalismo, mas também ao contexto das cruzadas. Estes discursos referem-se à afirmação do empreendimento de Maiorca no contexto da Reconquista, pois os bispos ratificam os procedimentos para a tomada da ilha que então estava em poder dos mulçulmanos. Vejamos, por exemplo, as palavras do arcebispo de Tarragona, Dom Espàrech:

> A seguir, levantou-se o arcebispo de Tarragona e disse: ‘*Viderunt occuli mei salutare tuum*. Esta é a palavra de Simeão quando recebeu Nosso Senhor em seus braços e disse ‘Os meus olhos viram a tua salvação.’ Portanto, eu também afirmo isso, apesar de a Escritura não dizer que ao vermos a vossa, vemos a nossa. Porque ela é a vossa salvação, quando vós subirdes em estima, em honra e em valor. Pois, se o vosso valor e a vossa exaltação são obras de Deus, tomaremo-nas por nossas, e este pensamento que vós e estes nobres que estão convosco tendes e quereis iniciar é em honra de Deus e de toda a corte celestial, e é o proveito que vós e vossos homens recebem e receberão neste mundo e no outro que não tem fim. Assim, agrada a Nosso Senhor que esta corte esteja reunida e que esteja ao Seu serviço e em proveito de vós e de todos os nobres que aqui estão reunidos. Que cada um dos vossos nobres façam tal oferta, que vós deveis muito agradecer. Quando Deus vos der aquele reino que tens a intenção e haveis de conquistar, e eles convosco, que vós façais bem e repartais as terras e os bens móveis com aqueles que quiserem vos ajudar e servir. E dir-vos-ei, tanto por mim quanto pela Igreja de Tarragona, que eu nunca estive em feito de armas e sou tão velho que poderia lutar mal. Mas, sobre meus bens

231 BLOCH, op. cit., p. 167, nota 161.
232 DUBY, op. cit., p. 45, nota 23.

> e meus homens, vos dou poder para que vós vos sirvais como faríeis se fossem vossos. E, se algum bispo ou abade quiser ir e vos servir pessoalmente, o que nos agradará muito, lhes damos liberdade da parte de Deus e de nós, porque todos devem ajudar, tanto na palavra quanto na obra, em tão boa e ousada ação. E Deus, que veio a terra para nos salvar, vos permitiu fazer este feito e os outros à vontade vossa e nossa.[233]

Jaime utilizou o discurso do arcebispo de Tarragona para a confirmação da conquista de Maiorca como uma cruzada contra os sarracenos: toda preparação para a passagem para Maiorca seria em honra de Deus e da corte celestial. Além disso, os bispos confirmaram que o empreendimento agradaria a Deus e conseqüentemente seria em proveito do rei e de todos nobres que estavam presentes. Por fim, recordando a recompensa celestial que estava relacionada àquela empresa, concedeu a recompensa divina no outro mundo a quem participasse da conquista.[234]

Mas a questão que mais nos interessa neste discurso do bispo de Tarragona é a referência à sacralização da guerra. Na última frase de seu discurso o prelado afirmou para Jaime que "Deus, que veio a terra para nos salvar, vos permitiu fazer este feito e os outros à vontade vossa e nossa". Em um momento em que a guerra já estava sacralizada, a Igreja concordava com as empresas que tinham como objetivo destruir os muçulmanos, inimigos exteriores da Cristandade.[235]

Vejamos o que os homens da cidade de Barcelona disseram. Basicamente o *Livro dos Feitos* reproduz somente o discurso de Dom Pedro Grony:

> Senhor, toda a cidade de Barcelona agradece a Deus a boa vontade que Ele vos destes, e temos confiança em Nosso Senhor que vós concluireis a vossa vontade. Oferecemos primeiramente os nossos corpos, as naus e os barcos que estão em Barcelona, para servir-vos nesta hoste honrada em honra de Deus. E faremos isso de tal maneira que reteremos vossa gratidão por todos os tempos pelo serviço que agora faremos.[236]

---

233 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 52, nota 1.

234 VILLACAÑAS, op. cit., p. 126, nota 51.

235 TÔRRES, Moisés Romanazzi. A repressão à heresia na Baixa Idade Média. **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n.º 13, p. 146-156, 2002.

236 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 54, nota 1.

Nas palavras de Grony há o oferecimento dos corpos, ou seja, dos homens, das naus e dos barcos que estavam em Barcelona. Essa seria a contribuição que os cidadãos fariam para a conquista. Além dessa cidade, Tarragona e Tortosa concordaram com as palavras que foram ditas pelo cidadão de Barcelona.[237] Nessa época, as cidades, juntamente com seus representantes, eram convocadas para participar nestas discussões fosse enquanto terceira ordem, fosse por serem competentes para determinadas questões.[238] No caso dos cidadãos de Barcelona, sua convocação seria imprescindível tratando-se da conquista de um reino dentro do mar.

Nobreza, Igreja e comerciantes: estes foram os que pronunciaram discursos na preparação para a tomada de Maiorca. Agora parecia verdadeiro que a primeira empresa expansionista que Jaime I desejava realizar se tornaria efetiva.[239]

Em Maio de 1229 todos deveriam estar no porto de Salou para realizarem a *passagem*. Após a dissolução das Cortes Gerais todos foram se armar e os nobres juraram que estariam no primeiro dia de maio em Salou com suas armas para ir à Maiorca.[240]

Para designar esta cruzada contra Maiorca, Jaime utilizou a palavra *passagem* (*passatge*, em catalão). Essa palavra era usada na Idade Média para designar a cruzada. Além disso, ela possuía sentidos escatológico-apocalítpicos muito profundos que hoje estão perdidos.[241] Nesta época, a guerra, em sua maior parte, era travada em nome de Deus.[242] A luta contra os inimigos do Cristianismo já adquirira uma maior sistematização com Inocêncio III e com o IV Concílio de Latrão (1215), quando ocorreu a formação de um direito de Cruzada. Antes, o que havia era uma confusão entre a idéia de Cruzada e a de peregrinação.[243]

---

237 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 54, nota 1.
238 LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 142.
239 BELENGUER, op. cit., p. 33, nota 64.
240 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 55, nota 1.
241 COSTA, Ricardo da. **Ramón Llull y la Orden del Temple (Siglos XIII-XIV)**. 2003. Tese de Pós-Doutorado. Universitat Internacional de Catalunya, Barcelona, 2003.
242 COSTA, op. cit., p. 73-94, nota 25.
243 COSTA, op. cit., p. 73-74, nota 15.

Porém, por motivos não explicados pelo rei, a preparação para a passagem durou até o início de setembro. A quantidade de embarcações era grande: vinte e cinco naus, dezoito barcos, doze galeras e cento e cinqüenta barcos, excluídos os barcos menores! Presume-se que foram transportados entre dez e onze mil homens e oitocentos cavalos, além das máquinas de guerra.[244] A imensidão da esquadra fez Jaime admirar-se com o que via, de modo que elogiara a imensidão da mesma.[245]

Jaime I não sabia que essa conquista seria o início da construção de um vasto império mediterrânico, pois a mesma representou o precedente da expansão catalã para o Mediterrâneo.[246] Entretanto, esta intenção expansionista não estava nos pensamentos de Jaime no momento da tomada de Maiorca. Pelas palavras de Jaime, aquela conquista representava uma Cruzada.[247]

O domínio no campo naval já era presenciado nos séculos XI-XII, quando ocorreram investidas contra os muçulmanos que já habitavam algumas localidades no Mediterrâneo. No século XIII, os aragoneses, com a colaboração de Barcelona, Valência e Maiorca, eram os únicos concorrentes desses domínios.[248] Isso prova a força e o desenvolvimento das esquadras da Coroa de Aragão nessa região posteriormente à conquista de Maiorca.

Na visão de Jaime I, assim foram as preparações para a *passagem* para Maiorca. Nas palavras do rei, desde o encontro com Pedro Martel percebemos que as ações realizadas pelos homens foram feitas para agradar a Deus, pois organizavam algo em Seu nome, para Sua glória. Assim, no pensamento do monarca, Deus permitia que aquele feito fosse realizado, uma vez que, de acordo com a mentalidade da época, Ele desejava que os muçulmanos fossem perseguidos e destruídos.

4.2. A TRAVESSIA PARA A GLÓRIA

---

244 CINGOLANI, op. cit., p. 225, nota 35. Sobre o vocabulário marítimo presente no *Livro dos Feitos*, ver BRUGUERA, Jordi. Vocabulari marítim de la Crònica de Jaume I. In: **Randa.** Homenatge a Francesc de B. Moll III. Barcelona: Curial, 1981, p. 63-69.

245 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.

246 HEERS, op. cit., p. 178, nota 34.

247 BELENGUER, op. cit., p. 84-86, nota 64.

248 BRESC, Henri. Mar. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 95-104.

A vontade divina se manifestara; Jaime, seguindo as ordens do seu senhor feudal por excelência, ordenara os preparativos. O rei e seus vassalos fariam uma travessia pelo mar, desde o continente até a ilha de Maiorca, objetivo a ser conquistado. Desde a Antigüidade, os homens observavam o mar como um limite, uma extremidade do mundo.[249] Esta perspectiva ainda se manteve durante a Idade Média. O mar era temido, traiçoeiro. Entretanto, graças aos avanços técnicos houve um gradual desenvolvimento da navegação marítima.[250]

Antes daquela travessia, antes de enfrentar os perigos do mar, o rei ordenou o organização da esquadra. À frente estava a nau de Dom Bovet, com Dom Guilherme de Montcada, um dos vassalos do rei. Na retaguarda a nau de Dom Carroz. As galeras se posicionaram ao redor da esquadra, pois caso houvesse alguma abordagem inimiga elas seriam as primeiras a enfrentá-la.[251]

Quarta-feira, cinco de setembro de 1229 foi o dia da partida. Após aguardarem por um bom tempo, os cristãos zarparam de três portos: Salou, Tarragona e Cambrils. Jaime estava na esquadra que partira de Salou. Assim que os de Tarragona e os de Cambrils viram a saída dos de Salou, levantaram vela e partiram imediatamente. Nesse momento, Jaime demonstrou felicidade ao ver toda a esquadra que partia para a conquista de Maiorca: “E fazia-nos bem ver aqueles que permaneceram em terra, pois todo o mar parecia branco por causa das velas, tão grande era a esquadra.”[252]

A partir de então podemos observar o conhecimento que os homens tinham dos assuntos marítimos. Os navegadores iniciaram a viagem com a brisa da terra. Após navegarem vinte milhas o vento mudou para a direção nordeste. Ao perceberem essa mudança, os comissários da galera, com o consentimento dos pilotos, aproximaram-se de Jaime e, exaltando o vínculo feudal disseram ao rei que eram seus naturais, que deveriam protegê-lo e aconselhá-lo com todo o saber que tinham. Então, pronunciaram estas palavras:

---

249 Cayo Cornelio Tácito. Germânia. In: **Obras Completas**. Madrid: M. Aguilar Editor, 1946, p. 1013-1044.

250 LE GOFF, op. cit., 148-149, nota 191.

251 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.

252 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.

> Este tempo de *lebeg* que nós temos agora não é nosso, nem de vossa esquadra, antes vos é tão contrário que não podereis tomar a terra em toda a ilha de Maiorca. Assim, por nosso conselho, vós faríeis a volta e retornaríeis à terra, pois Deus logo vos dará tempo para que possais passar.[253]

Os comissários, vassalos do rei, reconheceram seu lugar, sua obrigação e aconselharam Jaime em relação às condições do vento. Ao perceberem que o vento soprava em uma direção que não os levaria a Maiorca, avisaram ao rei para que retornasse à terra. Entretanto, Jaime decidiu prosseguir e afirmou que se retornasse à terra, muitos que navegavam com ele não prosseguiriam, pois temeriam os problemas do mar e fugiriam.[254]

São palavras muito fortes, pois Jaime, ao narrar a travessia para Maiorca, acusara seus homens de não serem corajosos, qualidade imprescindível para qualquer vassalo. Entretanto, ao afirmar que continuaria a viagem e não retornaria, Jaime destacou o motivo de sua *passagem*, pois seguia pela fé de Deus e também por aqueles que não acreditavam no Criador:

> Nós fomos nessa viagem na fé de Deus e por aqueles que não crêem n'Ele. E fomos lutar contra eles por duas coisas: ou para convertê-los, ou para destruí-los, para que devolvessem aquele reino à fé de Nosso Senhor. E como fomos em Seu nome, tínhamos confiança n'Ele, pois Ele nos guiaria.[255]

Para Jaime, a *passagem* que realizavam estava favorecida pela fé do rei, a fé cristã; esta guiava aqueles homens e, por isso, o rei não retornou como fora aconselhado. Retomamos nossa posturma metodológica: segundo Gadamer, para apreender o texto em seu sentido original devemos seguir duas posturas: 1) percebê-lo como uma formulação de certo momento e; 2) inserir o texto no contexto espiritual do seu

---

253 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.
254 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.
255 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.

autor.[256] Seguindo a primeira atitude, o trecho acima se caracteriza como uma produção literária típica do período da Reconquista, onde o processo de expansão territorial era motivado por uma motivação religiosa. Em relação às monarquias peninsulares medievais, esta expansão territorial era motivada pela Cruzada pregada pelos pontífices romanos e pelas indulgências que eram concedidas. Dessa forma, estes monarcas peninsulares utilizaram cada vez mais a guerra contra os infiéis e a expansão territorial para o seu fortalecimento político.[257] Vale lembrar que este processo de expansão das fronteiras cristãs somente tornou-se uma *guerra santa* no decorrer do século XI.[258]

Mesmo com a situação desfavorável, o rei tinha a confiança de retomar aquele reino para "a fé de Nosso Senhor".[259] Nesta época, a guerra, em sua maior parte, era travada em nome de Deus.[260] Entretanto, Jaime deixou claro que tinha a intenção de converter os sarracenos e, caso não conseguisse, mataria a todos. Tal atitude sugere o grau de intolerância por parte de Jaime em relação aos muçulmanos (embora após a conquista muitos muçulmanos tenham permanecido na ilha). Desse modo, como o rei não mudou de idéia, os comissários das galeras consentiram e disseram que fariam tudo com o poder que eles tinham, e que com aquela fé que o rei tinha todos estariam a salvo.[261]

O rei que aqui se apresenta é um homem que, acreditando na vontade divina, sente-se um rei e um cavaleiro que pode realizar qualquer feito de armas.[262] Em uma época que foi definida como o tempo da fé,[263] Deus sintetizava a concepção de mundo daqueles homens e, conseqüentemente, a fé era inseparável dos seus atos e palavras. Com ela Jaime esperava que, mesmo com as adversidades ocorresse uma intervenção do sagrado no mundo terreno, ou seja, uma *hierofania*.[264]

---

256 GADAMER, op. cit., p. 58, nota 28.
257 RODRÍGUEZ-PICAVEA MATILLA, op. cit., p. 186-188, nota 168.
258 DEMURGER, op. cit., p. 22, nota 32.
259 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.
260 COSTA, op. cit., p. 73-94, nota 25.
261 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 56, nota 1.
262 CINGOLANI, op. cit., p. 227-229, nota 35.
263 BOUREAU, Alain. Fé. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 411-422.
264 FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 40, nota 26.

De volta à narrativa, a esquadra de Jaime prosseguiu viagem. Logo após avistarem a ilha, os cristãos se preocuparam em não serem vistos e baixaram as velas. Em seguida, os tripulantes de uma das galeras acenderam uma lanterna coberta com uma tela de lã. Para se reagrupar, toda a esquadra tomou a galera em que estava a lanterna como ponto de referência e decidiram então seguir para Polença, como estava combinado anteriormente.[265]

Entretanto, um mau tempo fez com que a esquadra passasse por maus momentos. Recordando o seu *primeiro grande feito de armas*, o rei narrou este momento da travessia com uma vivacidade que nós, historiadores do século XXI, ao fazermos um exercício de compreensão podemos imaginar aqueles momentos: o pavor da tripulação, grandes dificuldades, gritos. Diante desse perigo, desconsolado e preocupado com sua tripulação, Jaime voltou-se para o Senhor e para a Sua Mãe e lhes dirigiu uma pungente oração:

> Senhor Deus, bem sabemos que nos fez rei da terra e dos bens que nosso pai tinha por Sua graça, e não começamos nenhum grande ou perigoso feito até esse momento sem que a Vossa ajuda fosse sentida, desde o nosso nascimento até agora, pois haveis nos honrado contra nossos maus homens que desejavam se opor a nós. Agora, Senhor, meu Criador, ajudai-me, se a Vós aprouver, neste tão grande perigo, para que eu não perca tão bom feito que comecei, pois não o perderia só, já que Vós o perderíeis maiormente, porque vou nesta viagem para exaltar a fé que Vós nos haveis dado, e humilhar e destruir aqueles que não crêem em Vós. Portanto, verdadeiro e poderoso Deus, Vós podeis me preservar deste perigo e fazer cumprir a vontade que tenho para servir-Vos. Deveis lembrar de nós, pois nunca Vos clamamos misericórdia sem a encontrar em Vós, e maiormente aqueles que Vos têm servido de coração e recebido o mal por Vós. Eu sou um destes. Senhor, lembro-Vos ainda de tantas gentes que vão comigo para servir-Vos. E vós, Mãe de Deus, que sois ponte e passagem para os pecadores, peço-Vos, pelas sete alegrias e pelas sete dores que Vós tivestes por Vosso Filho, que lembrais de mim ao rogar ao Vosso Filho, para que Ele me salve desta pena e deste perigo no qual estou, eu e aqueles que vão comigo.[266]

Importante discurso em um importante momento. Diante da situação de perigo, o rei buscou a proteção celeste. Ao iniciar sua primeira grande conquista, seu *primeiro grande feito de armas*, Jaime solicitou a ajuda dos céus. Para isso fez uma oração

---

265 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 57, nota 1.
266 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 57, nota 1.

onde recordou que era monarca pela Graça de Deus, e que não começara nenhum grande ou perigoso feito até que Sua ajuda fosse percebida. Lembrou ainda que Deus o honrara contra seus maus homens que sempre se opuseram a ele. Além disso, lembrou a Deus que estava naquele feito por causa Dele, e que, por isso, pedia para que aquele empreendimento não fosse em vão.

Neste discurso em meio ao mar, é clara a intenção de Jaime nestra travessia para Maiorca: realizar esta empresa em nome de Deus para devolver aquela terra para a fé cristã. Este sentimento da Divina Providência lhe servia para sentir-se um rei e um cavaleiro que era capaz de realizar qualquer gesta cavaleiresca.[267] Nesse sentido, também poderia conquistar Maiorca e legitimar-se perante seus nobres e sua linhagem.

Diante daquela situação de perigo, Jaime afirmou que estava na viagem para exaltar a fé em Deus e destruir aqueles que não acreditavam n'Ele; além disso, como um bom senhor feudal que se preocupava com seus vassalos, pediu também por todos que estavam com ele para que concluíssem os objetivos daquela empresa. A intenção do rei era reconquistar Maiorca para a Cristandade e conquistá-la para seu reino. Mesmo rogando o auxílio divino como um vassalo que pede ajuda ao seu senhor, Jaime também se dirigiu à Virgem Maria, para que intercedesse junto ao Seu Filho.

É interessante destacar a solicitação de ajuda de Jaime I em relação à Santa Maria, cujo culto na Cristandade se estabelecera aos poucos.[268] A devoção à Mãe de Cristo assumiu toda sua amplitude no século XI e desde então não parou de crescer: foi representada nos sermões, cantos, liturgias, obras de artes, humildes imagens, narrações de milagres, teatro e na própria redação da Ave Maria,[269] e teve popularidade equivalente ao próprio Cristo.[270] A partir de então, era natural o homem se voltar para a Virgem solicitando sua intercessão diretamente a Deus.[271]

Anteriormente, o Conselho de Jaime acordara que todos ancorariam em Polença. Entretanto, depois de uma descrição feita pelo nobre Berenguer Gayran sobre a

---

267 CINGOLANI, op. cit., p. 227-228, nota 35.
268 MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 69.
269 LE GOFF, op. cit., p. 203-204, nota 191.
270 MACEDO, op. cit., p. 70, nota 268.
271 LE GOFF, op. cit., p. 204, nota 191.

geografia da ilha, Jaime decidiu ancorar perto de um monte chamado Pantaleu. Apesar dos sarracenos que ali estavam, aquele era um bom porto para atracar e elaborar a melhor estratégia a ser tomada.[272] O rei então observou que a má agitação do mar, que antes o fizera pensar que era um contratempo, na verdade o ajudou a chegar a um bom local. Então interpretou isso como uma graça de Deus:

> E vejais qual é a virtude de Deus: com aquele vento que íamos a Maiorca, não poderíamos tomar Polença como estava acordado. E o que pensávamos que nos fosse contrário, nos ajudou, pois aqueles barcos que estavam com as bolinas desorientadas, retornaram para Palomera com aquele vento, onde estávamos, de modo que nenhum barco ou barca se perdeu ou faltou. Assim, entramos na primeira sexta-feira de setembro no porto de Palomera e até o sábado à noite todos os nossos barcos estavam conosco.[273]

No trecho acima, a palavra *virtut* é de crucial importância para a compreensão e para a aproximação ao pensamento de Jaime I quando narrava seus feitos. Do latim *virtute* (virtude, disposição firme e constante para a prática do bem), trata-se da virtude divina: até este momento o rei pensava que aquela situação era contrária ao que pretendia. Porém, quando percebeu a graça que recebera de Deus, Jaime compreendeu aquele sinal como benéfico para a tomada de Maiorca e entendeu que o que fazia era a realização terrestre de uma vontade celeste. Dessa forma, na interpretação de Jaime, a virtude divina lhe proporcionara uma graça, ajudando-o a chegar à ilha para reconquistá-la. Jaime, construindo sua narrativa, interpretava-se como um rei designado por Deus para conquistar Maiorca; e era assim que desejava ser visto, pois seria legitimado pelos seus feitos.

Para Jaime, a intervenção divina ocorreu na travessia e ajudou a esquadra a aportar em um bom local. Mesmo que estivessem destinados a aportar em um local pré-determinado, os acontecimentos marítimos, interpretados pelo rei como uma manifestação divina, fizeram com que a esquadra se dirigisse para um lugar mais apropriado depois de terem navegado por dois dias. Ao contrário do que parecia, na compreensão do monarca, a tempestade foi uma *hierofania*, pois ajudou a esquadra

---

272 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 58, nota 1.
273 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 58, nota 1.

cristã a aportar em Maiorca. Em sua obra, Jaime se apresenta como um crente na vontade de Deus: para o rei, os céus concordavam com sua empresa.

A repetitiva manifestação divina na narrativa do rei demonstra que Deus auxiliava e confirmava a autoridade de Jaime I. Além disso, o poder divino dava a todos o reconhecimento do rei como um exemplo a ser seguido na defesa dos territórios cristãos. A manifestação divina fora percebida pelo monarca como um claro favorecimento à *passagem* em direção ao território de Maiorca.

4.3. O DESEMBARQUE EM SANTA PONSA

Feita a travessia, Jaime se preparou juntamente com seus vassalos para enfrentar pela primeira vez o que ele chamava de "mouros de guerra".[274] Nas primeiras escaramuças entre cristãos e sarracenos o que chama a atenção na narrativa é a desproporcionalidade entre os combatentes: do lado cristão, setecentos peões e cento e cinqüenta cavaleiros; do lado muçulmano cinco mil homens e duzentos a cavalo.[275]

Mesmo com esses números, Dom Ramon de Montcada foi sozinho avaliar a situação da hoste muçulmana. Quando estava próximo a estes ordenou que os cristãos atacassem. De acordo com as palavras de Jaime, foi o que aconteceu: houve perseguições e morreram mais de mil e quinhentos muçulmanos, pois os cristãos não queriam fazer prisioneiros. Depois desse primeiro ataque os homens comandados por Dom Ramon de Montcada retornaram à costa.[276] Esta foi a primeira batalha da conquista de Maiorca, conhecida por batalha de Santa Ponça.[277]

---

274 Durante a cobrança da falta de *auxilium* por parte de Dom Pedro Ahones, Jaime destacou que até então não vira "mouros de guerra". **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 25, nota 1. Deste capítulo até o início da conquista de Maiorca o rei não comenta sobre nenhum combate contra os muçulmanos. Dessa forma, o primeiro grande combate de Jaime contra os sarracenos foi a conquista de Maiorca.

275 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 60, nota 1.

276 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 60, nota 1.

277 SOLDEVILA e VALLS I TABERNER, op. cit., p. 136, nota 194.

Jaime não participou deste primeiro empreendimento feito em Maiorca. Entretanto, após sair do mar, alguns cavaleiros foram com o rei no local onde ocorrera a batalha. Vejamos como o rei narra seus primeiros momentos em Maiorca: quando chegaram ao local da batalha viram cerca de trezentos a quatrocentos peões sarracenos em uma serra. Quando os sarracenos os viram, desceram daquela serra para se refugiar em outra. Enquanto isso, Jaime e os cavaleiros que estavam com ele se apressaram e conseguiram matar quatro a cinco muçulmanos.[278]

De acordo com o *Livro dos Feitos*, quando Jaime e os cavaleiros que o acompanhavam retornavam à hoste, Dom Guilherme de Montcada, Dom Ramon de Montcada e os cavaleiros que estavam com eles foram acolhê-los. Quando o rei se aproximou de seus vassalos, Dom Guilherme de Montcada sorriu para o rei. Essa atitude tranqüilizou Jaime, pois o rei achou que seria repreendido por ter feito aquela investida.[279] Entretanto, Dom Ramon de Montcada disse:

> O que haveis feito? Quereis matar a nós e vós? Pois, se vós por má ventura vos perdêsseis, como quase aconteceu agora, a hoste e todos estariam perdidos, e este feito tão bom não seria realizado por nenhum homem do mundo.[280]

Analisamos esta advertência de Dom Ramon de Montcada: caso o rei perdesse aquela investida todos poderiam morrer e o comando do exército cristão se desestabilizaria; além disso, todos estariam perdidos, pois não teriam mais a liderança de Jaime para a conquista da ilha. O mais importante: caso o rei morresse aquele feito tão bom não poderia ser realizado por nenhum homem do mundo. Isso significa que, ao ditar seus feitos, Jaime colocou nas palavras de Ramon de Montcada que ele seria o único homem do mundo capaz de realizar aquele feito, o único capaz de reconquistar aquela terra para a Cristandade. Nesse momento, o rei já interpretava todas as manifestações hierofânicas como um sinal da vontade de Deus para que ele realizasse aquele *grande feito*: como dissemos, interpretando todas estas manifestações, Jaime sentia-se um rei capaz de empreender aquela

---

278 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 60, nota 1.
279 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 61, nota 1.
280 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 61, nota 1.

conquista. Desse modo, compreendemos que no desenrolar da conquista de Maiorca, Jaime, diante de seus vassalos, no olhar daqueles que o acompanhavam naquele *grande feito* era um rei designado pelos céus para realizar esta conquista. Logo, se relacionarmos as palavras de Dom Nuno com a vontade do rei em legitimar-se em sua obra, veremos que as mesmas, que *a priori* seriam uma advertência, se transformam em uma exaltação cavaleiresca de Jaime.

Logo em seguida, Dom Guilherme de Montcada também comentou sobre a atitude do rei enfatizando o seu poder:

> Dom Ramon, o rei cometeu uma loucura, mas ele realizou feitos de armas e bons feitos, e só se irritou assim por não ter ido à batalha. E senhor – disse ele a nós – castigai-vos, pois de vós depende nossa vida e nossa morte. E confortai-vos de uma coisa: ao pordes os pés em terra, já éreis rei de Maiorca; e se morrêsseis, morreríeis como o melhor homem do mundo, e se falecêsseis paralítico no leito, mesmo assim esta terra seria vossa, pois vossa já o é.[281]

Dom Guilherme concordou com Dom Ramon que o rei não se comportara corretamente quando investira contra os muçulmanos acompanhado de poucos homens; entretanto, mesmo assim o nobre destacou que Jaime realizou um bom feito de armas. Era a primeira vez que o rei mostrara sua vontade em entrar na luta e demonstrar o seu valor.[282]

Analisamos a narrativa: desde o desembarque na ilha o *Livro dos Feitos* nos apresenta as relações entre Jaime e seus vassalos, os mais importantes e mais próximos ao rei: Dom Guilherme de Montcada e Dom Ramon de Montcada. Sempre que Jaime necessitava de conselhos, seus vassalos o faziam. De pouco a pouco, percebemos que durante a narrativa da conquista de Maiorca Jaime se apresenta como um rei que reinava sobre seus vassalos.

As primeiras escaramuças entre cristãos e muçulmanos ocorreram. Porém, as embarcações do exército cristão ainda estavam ancoradas. Alguns cavaleiros

---

281 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 61, nota 1.
282 CINGOLANI, op. cit., p. 229, nota 35.

avistaram a hoste do rei de Maiorca se deslocando para a serra de Portopí, provavelmente para bloquear o caminho para a cidade de Maiorca.[283] Imediatamente, um nobre da hoste cristã conhecido como Dom Ladrão, juntamente com os cavaleiros que estavam nas embarcações ancoradas, concordaram em enviar ao rei uma barca pelo mar para avisar sobre o acontecido.[284]

Segundo as informações do *Livro dos Feitos*, esta mensagem chegou na hoste na noite de quarta-feira, provavelmente no dia 11 de setembro. Em seguida, Jaime ordenou que Dom Guilherme de Montcada, Dom Nuno e os ricos-homens da hoste fossem avisados, provavelmente preocupado com a organização do exército. No dia seguinte, todos participaram da missa e o bispo de Barcelona, Berenguer de Palou, fez um sermão, ato imprescindível antes de qualquer batalha, pois assim os homens sentir-se-iam em uma dimensão única entre o céu e a terra. Em uma guerra contra os infiéis a proteção de Deus era uma arma poderosa.[285]

4.4. A BATALHA DE PORTOPÍ: A *INICIAÇÃO PRÁTICA NO MUNDO DAS ARMAS*

Nas primeiras horas do dia 12 de setembro de 1229 o exército de Jaime I estava reunido próximo à serra de Portopí, cerca de dois kilômetros das muralhas da cidade de Maiorca. Seu objetivo: combater os sarracenos naquela que seria conhecida como a batalha de Portopí, que o *Livro dos Feitos* nos narra com vivos detalhes.

Jaime cumpria uma de suas funções como rei: guerrear. Em sua época, ainda era necessário que o rei combatesse para servir de exemplo para os demais. Assim, consciente de seus deveres, Jaime guerreou na conquista de Maiorca. Durante esta empresa Jaime participou de muitos enfrentamentos entre cristãos e muçulmanos. Um deles foi a batalha de Portopí.

Para um cavaleiro medieval, os sinais celestes fariam a diferença durante a batalha, já que o mesmo acreditava que estas confirmações o ajudaria a reconhecer se os

---

283 CINGOLANI, op. cit., p. 230, nota 35.
284 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 61, nota 1.
285 CINGOLANI, op. cit., p. 231, nota 35.

céus concordavam com suas intenções. Para isso, preparavam-se antecipadamente com os ritos religiosos para combater em nome de Deus. O mesmo aconteceu na batalha de Portopí: o dia começou com as preparações transcendentais representadas pelo sermão do bispo de Barcelona, Berenguer de Palou:

> Barões, agora não é hora de fazer um longo sermão, pois a ocasião não nos permite. Este feito em que nosso senhor rei e vós estais, é obra de Deus, não nossa. Logo, deveis fazer esta conta: aqueles que neste feito receberem a morte, a receberão de Nosso Senhor, e terão o Paraíso, onde terão a glória perdurável por todos os tempos; aqueles que viverem terão honra e valor em suas vidas e bom fim em suas mortes. Assim, barões, confortai-vos com Deus, porque o rei, vosso senhor, nós e vós, desejamos destruir aqueles que renegam o nome de Jesus Cristo. Todos os homens devem pensar, e podem, que Deus e Sua Mãe não se separarão de nós hoje, pelo contrário, nos darão a vitória. Portanto, deveis ter bom coração, pois assim vencerão tudo, já que a batalha deve ser hoje. Confortai-vos e alegrai-vos bem, pois vamos com um senhor bom e natural, e Deus, que está acima dele e de nós, ajudar-nos-á.[286]

Em seu livro, Villacañas se limita a dizer que a intenção do bispo de Barcelona era recordar que aquela empresa estava inserida no movimento de Cruzada e aqueles nobres que o escutavam e que participariam da mesma receberiam a glória perdurável no Paraíso.[287] Porém, se observamos atentamente as palavras de Berenguer de Palou, cuja militante homilia fora pronunciada "em tom de enaltecimento dos ânimos",[288] o significado das mesmas vão muito mais além e se referem não somente ao contexto da época e ao momento em específico, mas também a Jaime I, sua relação com seus vassalos e sua legitimidade perante os mesmos.

Recordando as palavras do bispo de Barcelona, Jaime destacou em seu *Livro* cinco questões importantes que se relacionam com o momento em questão: 1) as indulgências; 2) a guerra contra os muçulmanos; 3) a relação dos céus com a vitória; 4) a moral cavaleiresca e; 5) a legitimidade de Jaime I perante os nobres. Todos estes fatores são importantes para se entender a conjuntura do momento e também a construção da autoridade de Jaime I que o *Livro dos Feitos* nos apresenta.

---

286 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 62, nota 1.
287 VILLACAÑAS, op. cit., p. 143, nota 51.
288 ARÁNDEZ, op. cit., p. 65-133, nota 183.

O primeiro item refere-se à questão das indulgências. Os que batalhassem nesta empresa de Deus seriam recompensados, tanto os que morressem quanto os que sobrevivessem: estes teriam honra e valor e um bom fim nas mortes; aqueles receberiam a morte de Nosso Senhor e teriam o Paraíso. Tais benefícios eram atrativos para estes homens e motivavam muitos a se engajarem nestas lutas. Na verdade, os objetivos iniciais das Cruzadas eram ajudar aos cristãos do Oriente e libertar o túmulo de Cristo. Quando estes guerreiros participavam das Cruzadas, tinham como objetivo assegurar a salvação no outro mundo.[289] Em Maiorca não fora diferente: nesta *passagem* que o exército cristão fizera sob a liderança de Jaime, Berenguer de Palou recordara este ganho transcendental.

Para ganhar esta salvação deviam proteger a Cristo; no Oriente, deviam recuperar a Terra Santa; no Ocidente, especificamente na Península Ibérica, também foram autorizados a expulsar da terra os infiéis que a ocupavam. Assim, guerreavam em nome de Deus contra os muçulmanos. Observamos: trata-se do discurso de um bispo, um religioso, um homem ligado à Igreja. Este é um dos momentos da narrativa que fica clara a presença do ideal de *Guerra Santa Cristã* (*bellum iustum*) na *passagem* para Maiorca.

Seguindo as palavras pronunciadas por Berenguer de Palou, encontramos outro fator importante que influenciou naqueles momentos anteriores à batalha: a recordação de que aquela empresa possuía uma ligação com Deus. Desse modo, a vitória na batalha de Portopí não seria conquistada e sim dada por Deus aos seus escolhidos. Diante disso, o bispo de Barcelona afirmou que todos deveriam pensar que Deus e Sua Mãe estariam com eles e que lhes dariam a vitória contra os infiéis.

Isso porque estamos diante de um mundo diferente, no qual a crença dos cavaleiros era composta por uma fé intensa e sentida com autenticidade, uma fé vigorosa que inspirava e se impregnava de Providencialismo. Uma fé eficaz, voltada para a crença e para a alimentação espiritual.[290]

Como eram cavaleiros, aqueles nobres deviam ter bom coração, característica muito importante para um cavaleiro medieval. Este fator está ligado à moral cavaleiresca,

---

289 VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 62, 91.

290 ARÁNDEZ, op. cit., p. 65-133, nota 183.

muito presente nos livros de cavalaria que eram escritos naquela época. É certo que durante as Cruzadas a Igreja preocupou-se com a ética da cavalaria.[291] Além disso, entre os séculos V e XV a guerra e atividade das armas passaram do monopólio aristocrático para o âmbito do serviço público. Mesmo com essa mudança a condição e a dignidade inerentes aos cavaleiros exigiam que a utilização da força fosse realizada moderadamente e sempre fosse colocada a serviço de Deus e dos pobres.[292]

Distantes daquele mundo por mais de oito séculos, não é fácil para nós, homens do século XXI compreender aqueles sentimentos destacados por Jaime I no discurso do bispo sob uma ótica dessacralizada representada pelo nosso tempo.[293] Para isso é necessário que nós, que estamos *à frente* da Idade Média, permaneçamos *de frente* para a mesma observamos seu mundo, diferente do nosso, com um olhar sem pré-conceitos. Assim, poderemos compreender ou ao menos nos aproximar dos significados, das palavras e dos gestos que os medievais expressaram.

O último ponto importante a ser destacado nas palavras que Jaime colocou no discurso do bispo, e que está relacionado com nosso trabalho, é em relação à imagem do rei perante os nobres. “Confortai-vos e alegrai-vos bem, pois vamos com um senhor bom e natural (...)”.[294] Berenguer de Palou foi mais além: ao destacar essas qualidades de Jaime I, o discurso do bispo enfatizou e fortaleceu a imagem do rei perante seus vassalos e reforçou a naturalidade da linhagem que existia entre o rei e os mesmos (um *rei natural*), destacou a liderança de Jaime (um *rei feudal*) e afirmou que juntamente com o rei combateriam em Portopí (um *rei cavaleiro*).

Um senhor bom era aquele que propiciava as condições necessárias para que o vassalo pudesse exercer seus deveres. Era um senhor que, resumidamente, tratava bem o seu vassalo. Um senhor natural era algo inquestionável perante aquela sociedade, embora a coroação de Jaime tenha sido questionada. Entretanto, não foi a primeira vez que esse destaque dado ao rei apareceu na narrativa, principalmente na voz de outros personagens.

---

291 LOYN, op. cit., p. 83, nota 84.
292 CARDINI, op. cit., p. 473-487, nota 149.
293 ARÁNDEZ, op. cit., p. 65-133, nota 183.
294 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 62, nota 1.

Neste momento incial, o sermão do bispo de Barcelona e a celebração das missas matinais espiritualizaram as almas cristãs para o combate. Preparados espiritualmente, Jaime reuniu seu Conselho para discutir as estratégias da batalha que, recordemos, na crença do rei, estava protegida pela áurea divina. Dom Guilherme de Montcada e Dom Nuno discutiram sobre quem tomaria a dianteira na batalha. O resultado da discussão foi que Dom Guilherme e Dom Ramon iriam à frente e não parariam até que encontrassem os sarracenos, demonstrando uma importante característica cavaleiresca: a valentia.[295]

Porém, neste exato momento, a hoste se dirigiu para combater sem a companhia dos cavaleiros. Rapidamente, Jaime cavalgou na direção dos peões, os reteve e disse: "Mal traidores, como podeis ir, uma vez que sem a cavalaria todos morrerão?"[296] Não se sabe se os mesmos fizeram isso por covardia ou por falta de ordens.[297] Porém, com esta atitude o rei se preocupara com três questões: 1) com a empresa que dirigia na *passagem* para Maiorca; 2) com a segurança dos peões de seu exército e 3) com as questões estratégicas.

Jaime se preocupou com a questão tática de guerra ao indagar que os peões iam sem os cavaleiros, demonstrando, assim, o poder de destruição e a importância que a cavalaria possuía nas batalhas,[298] pois, nesta época, um conjunto de cavaleiros poderia facilmente destruir um exército inimigo caso aplicasse uma boa estratégia.[299] Preocupado com estas questões, Jaime não deixara que os peões atacassem sozinhos o exército muçulmano. Por isso, como um *rei cavaleiro* e pensando nas estratégias da guerra, Jaime os alertara para o perigo que correriam.

Momentos depois chegaram Dom Guilherme de Montcada, Dom Ramon e o conde de Ampúrias, este juntamente com sua linhagem. O rei então informou a todos que conteve o exército e não deixou que a hoste atacasse o contingente inimigo. Com isso, Jaime recebeu um sinal positivo de seus vassalos, que aprovaram a atitude do

---

295 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63, nota 1.
296 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63, nota 1.
297 VILLACAÑAS, op. cit., p. 144, nota 51.
298 FLORI, op. cit., p. 185-199, nota 144.
299 Para este assunto ver FLORI, Jean. **La Caballería**. Madrid: Alianza, 2001 e KEEN, Maurice. **La Caballería**. Barcelona: Ariel, 1986.

rei: cada vez mais este amadurecia como um *rei natural*, *feudal* e *cavaleiro* na liderança dos seus vassalos.[300]

Neste trecho do *Livro dos Feitos* percebemos dois fatores que demonstram certa preparação por parte de Jaime I em relação às estratégias e ao bom andamento das batalhas, certamente aprendida durante seus anos iniciais quando esteve sob a tutela de diferentes personagens. O primeiro foi o impedimento da fuga dos peões, fato que favoreceu a imagem de Jaime I no domínio de seus subordinados. O segundo fator foi a aprovação que o rei recebeu de seus vassalos após ter contido o exército. Este evento ocorrido em meio à narrativa sobre a conquista de Maiorca se parece com uma espécie de *iniciação prática no mundo das armas*, onde o rei era supervisionado pelos seus barões, os quais, supostamente, tinham mais experiência que ele. Vale lembrar ainda que a conquista de Maiorca foi o *primeiro grande feito de armas* de Jaime narrado no *Livro dos Feitos*, o que confirma a hipótese de que esta empresa significou para o rei uma *iniciação prática no mundo das armas* contra os sarracenos. Como veremos, esta conquista seria para o rei um momento muito importante para o desenvolvimento de sua imagem: perante seus nobres, perante seu reino, perante as exigências cavaleirescas e perante sua linhagem.

Contido o exército, Jaime entregou-o ao comando de Dom Guilherme de Montcada, Dom Ramon e do conde de Ampúrias, os quais se adiantaram para combater os infiéis.[301] Quando estes saíram, Jaime escutou um barulho: eram as primeiras escaramuças da batalha de Portopí. Imediatamente Jaime enviou um mensageiro para que fosse a Dom Nuno e o advertisse, uma vez que este comandava o exército cristão que estava na retaguarda. Como Dom Nuno demorara, Jaime solicitou a ajuda de Santa Maria.[302]

Como na travessia para a conquista, Jaime, diante de uma situação de perigo, solicitou ajuda novamente a mãe de Deus para o bom desenvolvimento de sua empresa. Sempre que necessitavam, os medievais se voltavam para a Virgem e solicitavam sua intercessão em seus problemas terrenos.[303] Da mesma forma, durante a conquista de Maiorca, Jaime buscou ajuda dos céus tanto na travessia

---

300 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63, nota 1.
301 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63, nota 1.
302 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 63, nota 1.
303 LE GOFF, op. cit., p. 204, nota 191.

quanto na batalha de Portopí. Assim, podemos dizer que esta batalha representou um *momento de fé*, característica presente em toda Idade Média.[304]

As sucessivas invocações do nome de Santa Maria demonstram que o rei necessitava do auxílio divino para que seus feitos se realizassem. Inclusive ele solicitou ajuda não somente à Santa Maria, mas também a Deus. Para o rei era importante que os céus demonstrassem sua ajuda para conseguir sucesso frente aos muçulmanos.[305] Diante dessas informações, entendemos perfeitamente que a conquista de Maiorca foi uma confirmação celeste da legitimidade real de Jaime:[306] legitimidade natural perante sua linhagem, feudal perante seus vassalos, cavaleiresca perante esta conquista.

Após obter as informações da batalha, Jaime encontrou Guilherme de Mediona, o qual "diziam que submetia um homem como nenhum outro em toda a Catalunha, e que também era um bom cavaleiro." Porém, o rei irritou-se ao ver que o mesmo se retirava da batalha devido a um ferimento na boca. Inconformado com tal atitude, Jaime pegou-o pelas rédeas e ordenou para que ele voltasse para a batalha, pois "com tal golpe um bom cavaleiro deve se irritar, não sair da batalha".[307]

Com esta atitude, o rei demonstrou em sua narrativa uma característica muito presente em sua pessoa: a coragem; conseqüentemente, uma característica inerente aos cavaleiros.[308] Ao abordar Guilherme de Mediona, Jaime desejava exemplificar a verdadeira atitude de um cavaleiro: demonstrar que tinham coragem para lutar e para conquistarem Maiorca. A preparação militar e também a preparação espiritual do cavaleiro o fortaleciam para o momento decisivo de uma batalha. Além disso, não podemos esquecer que aquela sociedade fundamentava-

---

304 BOUREAU, op. cit., p. 411-422, nota 263.

305 A manifestação dos céus durante uma batalha era vista com bons olhos e esperada pelos medievais. Assim, teriam a certeza de que em qualquer condição Deus estaria com eles e lhes daria a vitória. Um exemplo que demonstra bem essa relação com os céus durante uma batalha é a análise feita no artigo COSTA, op. cit., p. 73-94, nota 25.

306 VIANNA, Luciano José. O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1276) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador. Trabalho apresentado no **XII Encontro Regional da Anpuh.** Usos do Passado. Universidade Federal Fluminense, 2006.

307 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64, nota 1.

308 Sobre a coragem do rei Jaime I, ver VIANNA, op. cit., nota 185.

se no respeito à honra,[309] o que fazia de qualquer cavaleiro sem coragem algo visto como negativo.

Dessa forma, o exemplo dado por Guilherme de Mediona estava em desacordo tanto com os princípios cavaleirescos quanto do contexto em questão. Pelo comportamento de Jaime I, uma vez que este cavaleiro obtivera a indulgência, ele devia continuar na batalha, lutar, guerrear e defender até o fim a Igreja de Cristo, a qual legitimava aquela conquista. Contrariamente ao seu vassalo, Jaime demonstrou que sabia muito bem sobre o dever do cavaleiro e qual era a sua função naquele momento: assim, compreendemos que desejava apresentar-se como um *rei cavaleiro*.

Ao chegar na serra de Portopí, Jaime, como um bom cavaleiro, buscou informações sobre a situação da batalha. De posse desses dados, sugeriu a Dom Nuno que se juntassem à companhia que lá estava para que os cristãos não fossem combater desordenadamente.[310] Mais uma vez Jaime demonstrou que possuía conhecimento sobre a arte da guerra, precavendo-se para seguir na batalha com uma companhia que reforçaria seu contingente.

Porém, seus vassalos não pensaram da mesma forma. Dom Nuno, Dom Pedro Pomar e Rui Jiménez de Luzia disseram que Jaime estava precipitado e caso executasse aquela proposta todos poderiam morrer. Dessa forma, como resposta, os vassalos não acataram a ordenação do rei. Diante de tal reação, Jaime decidiu não realizar a investida.[311]

Outro momento em que Jaime I foi contestado ocorreu quando o rei disse que combateria, ao que tudo indica, alguns bons guerreiros muçulmanos. Dessa vez o questionador foi Dom Nuno, o qual perguntou se o rei já se tornara um homem de armas comparado, pois combateria bons guerreiros.[312]

Diante das atitudes de seus vassalos, imaginamos *a priori* que Jaime possuía tanto uma *inexperiência* no tratamento com as armas quanto uma *ineficácia* em comandar

---

309 GAUVARD, op. cit., p. 55-62, nota 115.
310 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64, nota 1.
311 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 64, nota 1.
312 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 65, nota 1.

os exércitos cristãos. Entretanto, ao refletir mais atentamente sobre suas atitudes durante a batalha e ao abordar as poucas informações que temos sobre a sua formação guerreira, não compartilhamos dessa opinião. Pelo contrário, durante a narrativa, Jaime se apresenta como um bom guerreiro e bom cavaleiro instruído na arte cavaleiresca durante os primeiros assaltos ocorridos em Maiorca.

Conforme observamos anteriormente, nos primeiros capítulos deste trabalho sua formação cavaleiresca iniciara há tempos, a mais ou menos dezesseis anos antes da *passagem* para Maiorca; agora, em seu *primeiro grande feito de armas*, o rei colocava em prática tudo o que aprendera sob as tutelas de Simon de Montfort, dos Templários na imponente fortaleza de Monzón e dos seus nobres no início de seu reinado.

Já a hipótese da *ineficácia* do rei em comandar os exércitos cristãos é derrubada pela participação inédita de Jaime em um *grande feito* como fora a conquista de Maiorca, um território dentro do mar e dominado por muçulmanos. Era a primeira vez que Jaime estava diante de uma situação de grande empreendimento físico e militar contra os sarracenos. Assim, ao invés de atribuirmos a Jaime a *ineficácia* que *a priori* observaríamos, preferimos conferir a esta primeira batalha de Jaime a expressão *iniciação prática no mundo das armas*.

4.5. A MORTE DOS MONTCADA E A REORGANIZAÇÃO DOS ATAQUES

Depois de sua primeira batalha, depois de ter passado por uma *iniciação prática no mundo das armas*, Jaime fora aconselhado por seu vassalo, Dom Nuno, que ganhara aquela primeira batalha. E agora? O que fazer? Observando a narrativa vemos que o mesmo desejava continuar sua campanha, tanto que Dom Ramon Alamano, na tentativa de alertar ao rei e passar-lhe seus conhecimentos, disse:

> Ah, senhor, fareis o que nunca nenhum rei fez: vencer uma batalha e, ali onde conseguiu vencê-la, passar a noite para saber o que perdeu e o que ganhou.[313]

Nas palavras do rei esta atitude valia mais, pois, pensando taticamente, seu desejo era isolar completamente o rei de Maiorca das muralhas da cidade impedindo a sua entrada, o que possibilitaria um refúgio e uma demora a mais para conquistar a ilha. Dom Ramon Alamano exercera seu papel: aconselhara o rei e o recordara sobre o velho costume dos antepassados; porém, Jaime desejava inovar e se sentia pouco vinculado a estas tradições.[314] Assim, vemos que, de acordo com sua estratégia, o rei desejava realizar a conquista o quanto antes, o mais rápido possível, provavelmente não desejando uma reação principalmente exterior por parte dos muçulmanos. Como veremos nos próximos capítulos, sua preocupação era com a possível ajuda que os sarracenos de Maiorca poderiam receber do rei de Túnis, Abu Zacaria.

Entretanto, Jaime sabia que não poderia vencer nenhuma batalha sem a ajuda de seus vassalos. Mesmo que em alguns momentos os acordos entre eles não se estabelecessem, o rei sabia que eram necessários. Neste momento, logo após a decisão do rei em perseguir o rei de Maiorca, Berenguer de Palou, bispo de Barcelona, comunicou-lhe uma notícia que tocaria nos sentimentos do rei: a morte dos Montcada.[315]

As conseqüências da perda de um vassalo eram muitas, principalmente em meio à uma grande conquista. Agora, Jaime estava diante de dois problemas: perdera os principais vassalos da Catalunha e os vassalos destes vassalos estavam sem senhor. É bem provável que tenha morrido mais homens nesta batalha; porém, não tão importantes e influentes como os Montcada.

O que fazer com os comandos das operações? O que fazer com os vassalos destes vassalos? Além de tudo, o que fazer diante da perda de importantes homens em uma guerra no meio do mar? Estas podem ter sido algumas questões que passaram

---

313 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 66, nota 1.
314 VILLACAÑAS, op. cit., p. 144, nota 51.
315 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 66, nota 1.

pela cabeça de Jaime quando recebeu esta notícia. Porém, a que mais se destaca nestes momentos iniciais é o seu sentimento em relação aos seus vassalos representado pelo ato de chorar realizado pelo rei.

Retornemos um pouco no tempo, especificamente nos primeiros anos do reinado de Jaime I, para fazermos uma pergunta: qual era a relação entre Jaime I e Guilherme de Montcada antes da conquista de Maiorca? Este nobre foi citado pela primeira vez no *Livro dos Feitos* durante o comentário de Jaime sobre a atuação de seu pai na batalha de Muret,[316] comentário que muitos consideram fiel já que durante sua infância Jaime viveu bem próximo aos homens que foram vassalos de seu pai, Pedro, o *Católico*.[317]

O segundo momento que Jaime comentou sobre Guilherme de Montcada foi quando seus nobres aconselharam o rei a tomar como mulher a filha do rei de Castela, Dona Leonor. Além da lembrança sobre Guilherme de Montcada, o rei acrescentou à sua narrativa um comentário importante: "E isso foi aconselhado por Dom Jimeno Cornel e Dom Guilherme de Cervera, nossos maiores conselheiros, e Dom Guilherme de Montcada, *que morreu em Maiorca*, além de outros que não nos lembramos."[318]

Antes mesmo de narrar seu *primeiro grande feito de armas*, momento em que sua legitimidade tomaria contornos definidos, Jaime recordara o fatídico acontecimento que fizera suas lágrimas caírem. Entretanto, nem sempre a relação com este nobre fora favorável; por exemplo, contrariamente às ordens de Jaime, este nobre atacara Dom Nuno, seu vassalo;[319] da mesma forma, depois da morte de Dom Pedro Ahones, estava contra Jaime.[320]

Por outro lado, depois da pacificação das relações entre o rei e os nobres aragoneses, Guilherme de Montcada aparece ao lado do rei lutando ao seu favor.[321] Abrimos este parêntesis em nosso trabalho para explicar esta relação entre Jaime e Guilherme de Montcada. Durante a conquista de Maiorca este nobre estava ao lado

---

316 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 9, nota 1.
317 ALVIRA CABRER, op. cit., p. 121-122, nota 158.
318 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 18, nota 1 (Os grifos são nossos).
319 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 21, nota 1.
320 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 28, nota 1.
321 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 33, nota 1.

de Jaime, auxiliando-o e aconselhando-o e assim exercendo seu dever como vassalo. Jaime, por outro lado, tinha assim sua autoridade como rei reforçada.

Como explicar esta relação entre senhor e vassalo tão complicada e indefinida? Sabemos que na Idade Média não existia um "Estado" no sentido moderno que conhecemos. Dessa forma, não podemos pensar aquela época nem analisá-la com nossos conceitos atuais; tampouco temos de pensar que aquelas relações pessoais, aqueles vínculos entre senhores e vassalos, que muitas vezes eram rompidos, foram um obstáculo à formação do Estado e do direito: devemos pensá-los como uma "expressão de uma ordem social diferente e de uma representação mental e cultural distinta."[322]

Retornemos à narrativa. Depois de receber a notícia que seus vassalos estavam mortos, o rei, talvez em um momento de reflexão, subiu até a serra de Portopí, local que ficara conhecido pela sua primeira vitória durante a conquista da ilha, e avistou a cidade de Maiorca, que lhe pareceu a mais bela paisagem que vira até então.[323] Talvez, diante de um duro golpe que sofrera com aquelas mortes, o rei desejava avistar aquilo que buscava, aquilo que faria seu nome ser pronunciado por todos os lugares e assim ficaria conhecido pela realização deste *grande feito*. Em seguida, depois de comer na tenda de Dom Olivier, Jaime se apresenta em um estado contemplativo: o rei observou as estrelas do céu, talvez pensando no que fazer diante daquela situação. Neste mesmo momento, porém, novamente foi alertado por Dom Nuno para que fosse ver os corpos de Dom Guilherme de Montcada e Dom Ramon.[324]

Como comentamos anteriormente, o rei já passara por uma situação parecida quando lutou contra Dom Pedro Ahones.[325] Mas agora o momento era diferente: dessa vez, o rei não lutava contra o seu vassalo, e sim ao lado dele, em uma conquista, em uma empresa arriscada no meio do mar. Jaime sabia que aquelas mortes lhe pesariam muito no decorrer da conquista e para isso deveria tomar uma atitude. Não era apenas ele que sentia a dor da perda: o que dizer dos vassalos destes dois nobres? Como eles se sentiam? O que esperavam do rei? Estavam em

---

322 VILLACAÑAS, op. cit., p. 27, nota 51.
323 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 67, nota 1.
324 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 67, nota 1.
325 Ver capítulo 2.1.

meio a uma conquista, em meio ao mar, e sem um senhor; uma situação no mínimo desagradável e inesperada para qualquer vassalo.

Novamente vemos os sentimentos do rei e sua sensibilidade diante de situações inesperadas. Provavelmente depois de permanecer por alguns momentos diante dos corpos de seus homens, de fazer suas orações, de relembrar os momentos mais importantes pelos quais passaram, o rei se retirou para dormir. O dia fora cansativo: ganhara uma batalha, a primeira de sua grande conquista; mas também perdera importantes vassalos. Assim, de pouco a pouco, Jaime se acostumou a conviver com dois sentimentos diferentes, mas que faziam parte do seu cotidiano neste mundo de guerras: vitórias e derrotas.

No dia seguinte, em uma clara demonstração de organização, o rei reorganizou o acampamento. Depois de saber de suas baixas era necessário continuar a empresa. A morte dos vassalos lhe pesava, mas Jaime sabia que não poderia desistir. Avançando um pouco mais nas memórias do rei, o mesmo aconteceria durante a manutenção do Monte de Santa Maria, importante ponto estratégico para a capitulação de Valência, quando Dom Fernando, seu tio, lhe comunicou a morte de Dom Bernardo Guilherme de Entenza, responsável pela defesa do Monte. Neste acontecimento, os nobres insistiram que o rei deveria abandonar o campo de batalha. Diante desta notícia, Jaime afirmara que não abandonaria de nenhuma forma aquilo que demorara tanto para conquistar e que seria importante estrategicamente para a tomada de Valência.[326]

Provavelmente, refletindo em um momento em que já passara pelas duas experiências, a mesma coisa passara pela cabeça de Jaime durante a conquista de Maiorca, principalmente diante daquele momento específico relacionado à morte de seus vassalos. A morte dos Montcada revelou uma parte até então não muito destacada no *Livro*, pois não somente o rei sentiu este fatídico acontecimento, mas também os vassalos daqueles homens. Diante daquela situação, Jaime necessitava se pronunciar. Embora fossem mortes que lhe pesassem muito, não podia deixar que aquela empresa se perdesse. Desejava continuar com a mesma. Para isso, pronunciou um discurso em um momento crítico e importante da conquista da ilha:

---

[326] **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 231-234, nota 1.

> Barões, estes ricos-homens morreram a serviço de Deus e ao nosso e, se nós pudéssemos redimi-los, se pudéssemos trocar suas mortes pela vida, se Deus nos desse tamanha graça, daríamos tanto de nossa terra que nos tomariam por louco aqueles que ouvissem o que havíamos dado. Mas Deus nos conduziu até aqui, nós e vós, para um tão grande serviço Seu, que não é necessário que ninguém chore ou sinta dor. E mesmo que o pesar seja grande, não externemos isso em nossos semblantes. Assim, ordeno-vos, pela senhoria que tenho sobre vós, que ninguém chore ou sinta dor, porque nós seremos seu senhor, e o lugar que eles vos deviam ter em fazer o bem, nós o faremos. Pois se alguém perder seu cavalo ou qualquer outra coisa, nós o ressarciremos e restituiremos seus bens, de modo que vós não fareis faltar nada a vossos senhores, nem eles estranharão nada. Assim, nós supriremos vossas necessidades, pois a dor que vós sentiríeis seria um desconsolo para a hoste e vós não teríeis nenhum proveito. Portanto, ordeno-vos, sob pena da natureza que temos sobre vós, que ninguém chore. Sabeis para que deve ser vosso pranto? Para que nós convosco e vós conosco vinguemos bem sua morte, para que sirva a Nosso Senhor naquilo para o qual viemos, e para que seu nome seja santificado por todos os tempos.[327]

Momento decisivo, importantes palavras. Aqui Jaime recordou um assunto muito conhecido e vivenciado pelos medievais: a morte. Ela abarcava a todos; todos passariam por ela. Percebida e temida, era um rito de passagem para o outro mundo.[328]

Imaginemos: provavelmente, embora não nos conte em seu *Livro*, durante aquela noite Jaime pensara no que faria diante daquela situação, da mesma forma que o fez quando soube da notícia do provável abandono que ocorreria por parte dos homens que guardavam o Monte de Santa Maria, quando o rei se revirou durante toda a noite em seu leito.[329] Embora ocorrera muitos anos depois, esta situação serve para que nós possamos nos aproximar do pensamento do rei durante a conquista de Maiorca. Jaime pensava principalmente no que falaria para os vassalos daqueles homens. Preocupado com a situação, o que lhes dizer? Como confortá-los?

Antes de tudo, o rei recordara o motivo da morte dos Montcada: morreram "a serviço de Deus e ao nosso", ou seja, para a reconquista da ilha para o Cristianismo e para

---

327 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 68, nota 1.

328 LE GOFF, Jacques. Além. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 21-34.

329 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 237, nota 1.

a glória de Jaime e de todos. Nesta clara alusão à conquista da ilha como uma reconquista, Jaime justificou a morte dos Montcada como um acontecimento que seria natural em meio a uma guerra. Ao morrer a serviço de Deus e do rei, eles cumpriram sua missão, seu duplo dever: como cavaleiros sagrados pela Igreja e inseridos no processo de Reconquista, e como vassalos que acompanhavam seu senhor.

Logo após recordou também o grande serviço pelos quais estavam em Maiorca, o qual era conduzido por Deus e feito para Ele. Dessa forma, era necessário que todo o pesar, o qual o rei sabia que era grande, não fosse extremado nos semblantes dos guerreiros. Jaime seria o seu novo senhor: a partir daquele momento ocuparia o lugar que os Montcada ocupavam na relação senhor x vassalo, e fariam todo o bem que os senhores estavam obrigados a fazer aos mesmos. Assim, vivenciando aquela situação, deixou bem claro que os bens e as necessidades que fossem necessários por parte deles seriam ressarcidos.

Finalizando o seu discurso, o rei relembrou a natureza que tinha sobre os seus novos vassalos, naturalmente a natureza feudal, e que ninguém mais chorasse ou sentisse o pesar sobre a morte dos seus antigos senhores. Além disso, solicitou que aquele pranto servisse para que pudessem juntos vingar a morte dos mesmos, para que assim pudessem fazer aquilo que planejaram e para que o nome de Deus fosse honrado por todos os tempos: conquistar a ilha de Maiorca.

Amadurecimento. Esta pode ser uma palavra que resume todo o discurso de Jaime. Seguramente, ao menos pelo que podemos ler em seu *Livro*, o rei, como bom cavaleiro, tinha intenções de continuar o assalto à ilha. Desse modo recordou e utilizou em seu discurso quatro pontos que eram importantes naquele momento para mudar o rumo dos acontecimentos: 1) o serviço de Deus e do rei; 2) a senhoria sobre os novos vassalos; 3) o ressarcimento dos bens que poderiam ter perdido e 4) a honra do nome de Deus.

Depois disso, passou-se um dia. Se observarmos a narrativa do *Livro dos Feitos* veremos que somente neste instante que os barcos foram descarregados. A partir deste momento, depois deste primeiro contato com os sarracenos de Maiorca, depois da primeira grande perda e também da primeira grande vitória, o exército de

Jaime se prepararia para a efetiva conquista. Nesse *locus* seria normal aparecerem, então, as armas de guerra.

Trabuquete, *almanjanech*, *algarradas*, fundíbulo, mangano turco, mantelete. Estas são algumas das armas que aparecem no *Livro dos Feitos* e que foram utilizadas não somente durante a conquista de Maiorca, mas também durante toda a narrativa do *Livro*.[330] No exército cristão, dois nomes se destacam na construção destas máquinas de guerra. O primeiro que aparece é Dom Gisbert de Barberá, o qual construiu um mantelete para se aproximar das obras dos fossos. Seu "engenho" foi muito admirado pelas palavras do rei. Outro que se destacou na construção de máquinas foi o conde de Ampúrias; além disso, este nobre reunira um grupo de cavadores que "entrassem pela terra e saíssem no fundo do fosso." O mais importante de tudo isso, para nosso trabalho, é o elogio que Jaime fez à hoste neste momento:

> Esta foi uma hoste que ninguém no mundo vira outra que fizesse tão bem o que pregava o frade de nome Miguel, que estava na hoste e era leitor em Teologia. Ele tinha como companheiro o frade Berenguer de Castelbisbal. Quando ele lhes dava perdão (pois tinha esse poder dado pelos bispos), tudo o que dizia para que trouxessem, madeira ou pedra, os cavaleiros não esperavam que os homens a pé transportassem, pois faziam tudo, inclusive colocavam as pedras para as catapultas nas selas dos cavalos. Alguns homens traziam coisas de suas casas para os trabuquetes e, com madeiras presas com cordas, traziam no colo as pedras dos trabuquetes. Quando nós os ordenávamos para velarem de noite, com os cavalos guarnecidos, ou então de dia, para proteger os cavadores, ou ainda, para fazer algum ofício necessário à hoste, se ordenássemos que fossem cinqüenta, iam cem.[331]

Uma bela descrição do cotidiano dos homens de Jaime I durante a conquista de Maiorca. O relato que o rei nos ofereceu é rico em detalhes e, além disso, por meio destas palavras podemos nos aproximar daqueles momentos, daqueles quase quatro meses que marcaram para sempre a memória do rei.

---

330 Para um completo inventário sobre as armas de guerra que são citadas no *Livro dos Feitos*, ver BURGUERA, Jordi. Vocabulari militar de la Crònica de Jaume I. In: **Homenatge a Josep M. de Casacuberta/1**. Estudis de Llengua i literatura catalanes I. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1980, p. 39-64.

331 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., 1991, cap. 69.

Porque Jaime descreveu com tanta intensidade os trabalhos de sua hoste? Notemos que o rei faz isso logo após o seu discurso enaltecedor, o qual analisamos anteriormente. Seria isso o resultado das palavras do rei? É isso que deseja nos apresentar?

"Uma hoste que ninguém no mundo vira outra." Uma frase significativa. Logo após a morte dos Montcada, o rei reorganizou o acampamento e colocou "os aragoneses de um lado e os catalães de outro."[332] Agora não havia separação: o rei se refere a toda hoste, à mesma que o escutou quando pronunciou seu discurso diante dos corpos de seus vassalos, a mesma à qual prometera que seria seu senhor, a mesma que dissera que arcaria com os danos que tiveram e que tivessem durante a conquista. Assim, esta descrição da hoste feita pelo rei seria o resultado de suas palavras? Simboliza o poder que Jaime adquiria aos poucos durante a conquista de Maiorca? Um rei que no desembarque não soubera atacar e por isso fora repreendido pelo seu vassalo, Dom Ramon de Montcada,[333] agora sabia como lidar com o momento em que vivia, ou melhor, com o decisivo momento em que combatia? Ao analisar a seqüência narrativa apresentada no texto, tudo nos indica que sim; ou seja, o rei amadurecia durante a conquista.

Não havia diferenciação entre cavaleiros e homens a pé: ao que nos parece, todos, aos olhos de Jaime, estavam em uníssono nos trabalhos da conquista; inclusive os cavaleiros não esperavam os homens a pé transportarem as pedras para serem utilizadas nas catapultas. A hoste não parava em sua preparação para a conquista nem de noite nem de dia. Isso o próprio rei nos confessou, pois todos obedeciam as suas ordens. Neste momento, a organização do exército cristão era muito mais efetiva que antes; sua capacidade de manobra e seu dinamismo eram melhores que os da hoste sarracena.[334] Em um contato direto com o leitor de seus feitos (ou ouvintes), eis a mensagem que Jaime desejou que todos soubessem:

> E para que saibam aqueles que ouvirem este livro quão preciosos foram o feitos de armas ocorridos em Maiorca, dir-vos-emos somente uma coisa: durante três semanas na hoste, nenhum homem a pé, marinheiro ou outro,

332 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., 1991, cap. 67.
333 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., 1991, cap. 61.
334 VILLACAÑAS, op. cit., p. 146, nota 51.

> ousou descansar conosco, somente nós, os cavaleiros e os escudeiros que nos serviam. Os outros homens a pé e os marinheiros vinham muito cedo, ainda pela manhã, dos barcos onde dormiam; e o preboste de Tarragona era um desses. Durante todos os dias permaneciam conosco e, às vésperas, se recolhiam ao mar. Assim, circundamos nossa hoste com fossas e vergéis; havia duas portas, e nenhum homem podia sair, a não ser por nossa ordem.[335]

Como em todas as batalhas, houve uma investida sarracena que Jaime guardou em suas memórias. Capítulo 70: trata-se do bloqueio do fornecimento de água à hoste cristã feita por um sarraceno da ilha chamado Fátila. A primeira coisa que nos chama a atenção é a diferença numérica entre cristãos e sarracenos: estes, cinco mil a pé e cem a cavalo; aqueles cerca de trezentos cavaleiros comandados por Dom Nuno, o qual, depois da morte dos Montcada, assumiu um papel cada vez mais destacado ao lado do rei.

Neste capítulo observamos alguns atos de violência ocorridos durante a conquista de Maiorca: o líder, Fátila, foi decapitado e mais de quinhentos sarracenos morreram. Recordemos que no primeiro assalto, nos primeiros momentos da narrativa da conquista, observamos que morreram mais de mil e quinhentos sarracenos; por outro lado, nenhuma baixa cristã.[336]

Depois de terem vencido a batalha e recuperado a fonte, os cristãos, não contentes, lançaram a cabeça do líder muçulmano dentro da vila.[337] De qualquer forma, a comoção dentro da cidade provavelmente fora muito profunda.[338] Uma forma de intimidação do inimigo, uma demonstração de força por meio da violência. Entretanto, segundo Claude Gauvard, a Idade Média seria, por excelência, o tempo da violência. Para esta autora deve-se delimitar a parte que cabe ao discurso sobre a violência na época medieval. Além disso, a afirmação de que existiu uma agressividade latente ou uma violência deliberada neste período é anacrônica. Para se compreender o lugar que esse fenômeno ocupava neste período, deve-se desfazer de todo o senso comum do qual nosso pensamento muitas vezes está ocupado. Gauvard ainda afirma que eram os *excessos da violência* que eram

---

335 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 69, nota 1.
336 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 60, nota 1.
337 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 70, nota 1.
338 VILLACAÑAS, op. cit., p. 146, nota 51.

atacados e não a violência propriamente dita, o que transparece a idéia de que havia uma violência lícita.[339]

Continuemos a análise da narrativa. Pelo que parece, o rei não somente conseguiu o controle sobre sua hoste, como também sobre uma parte dos habitantes de Maiorca. Referimo-nos aqui à visita do mensageiro de Dom Aabet, um sarraceno que habitava a ilha, o qual trazia uma carta sobre a rendição de algumas *partidas* locais. Além disso, chama atenção a quantidade de comida que o líder sarraceno entregou a Jaime e também a atitude do rei perante aquele infiel, o qual o chamou de "anjo".[340]

E as operações continuaram. Um momento que nos interessa está no capítulo 73. Tudo se passou em um domingo:

> Em um domingo, vestimo-nos bem, nos compomos bem e, enquanto fazíamos bem nossos trabalhos, comíamos nossa comida e observávamos como os engenhos atiravam. Estavam perto de nós o bispo de Barcelona, Dom Carroz e outros cavaleiros, quando vimos que o fosso onde justamente estavam os engenhos queimava por causa de um buraco que os sarracenos tinham feito. Quando vimos isso, tivemos um profundo pesar, pois todo o tempo e os gastos que tínhamos feito estavam perdidos. E como tínhamos fé que ganharíamos a vila com aquele feito, quando vimos que tudo poderia se perder em pouco tempo, sentimos um grande pesar. Todos se calaram e ficaram um tempo pensativos.[341]

Como estamos analisando uma conquista, um empreendimento guerreiro através da memória de Jaime, devemos comentar algumas coisas sobre a guerra no século XIII. Estamos em um domingo, dia santo, dia da ressurreição de Cristo. Passaram-se dois séculos desde que as proibições relativas à Paz de Deus e Trégua de Deus foram impostas em relação aos dias de guerra. Continuando a análise da narrativa, observamos mais um exemplo de intervenção divina nos acontecimentos de Maiorca. Nesse caso, o rei afirmou que Deus lhe dera um "pensamento" diante daquela situação que poderia por em risco todos os empreendimentos feitos até

---

339 GAUVARD, Claude. Violência. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 605-613.

340 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 71, nota 1.

341 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 73, nota 1.

aquele momento. Trata-se dos fossos que foram feitos para a destruição da muralha da vila, os quais, segundo o relato do rei, seriam cruciais para a tomada da mesma. E ele estava correto: fazendo as escavações os muros da vila seriam derrubados; com isso, a invasão poderia ser feita.[342]

Como estamos distante destes homens por quase oitocentos anos, imaginemos a cena: gritos de ordem para atacar, correrias, as máquinas de guerra lançando pedras, setas voando de um lado para o outro, o exército de Jaime trabalhando nos fossos, os muçulmanos tentando tomá-los... Nesse instante o rei observou que toda sua obra poderia se desfazer por causa de um incêndio. Silêncio na hoste, um silêncio acompanhado de um desespero e um grande pesar. O que fazer?

Sem solicitar a ajuda dos céus, contrariamente ao que fizera na travessia para Maiorca,[343] Jaime acreditou ter recebido um pensamento de Deus, o qual o rei representou como uma estratégia para conseguir com que o incêndio fosse controlado:

> E então Deus deu-nos um pensamento: que fizéssemos retornar a água ao vale, aparelhando e armando cem homens com escudos, lanças, que fossem com enxadas, e que os sarracenos não os vissem, para que, na parte mais elevada, onde estava o armamento, jogassem água onde estavam as provisões, que elas se encharcariam e o fogo se apagaria. E como foi pensado, foi feito.[344]

Sem solicitar ajuda o rei a recebeu. Conforme o pensamento dos medievais, os céus estariam se manifestando a favor dos cristãos? Se considerarmos o pensamento do rei podemos dizer que sim; afinal, no pensamento de Jaime, a empresa de Maiorca era uma vontade de Deus.[345]

4.6. NEGOCIAR TAMBÉM É CONQUISTAR

342 VILLACAÑAS, op. cit., p. 147, nota 51.
343 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 57, nota 1.
344 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 73, nota 1.
345 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 47, nota 1.

Quase na metade da narrativa sobre a conquista de Maiorca, Jaime recebeu uma mensagem dos sarracenos, pois, diante dos fatos ocorridos, estes desejavam dialogar.[346] Este foi o primeiro sinal, desde a invasão da ilha, de tentativa de negociação entre os dois exércitos:

> Assim, os sarracenos viram que não podiam se defender, e enviaram-nos mensagens dizendo que queriam falar com mensageiros de nossa confiança, e que nós os enviássemos. Recebemos conselho dos bispos e dos nobres que estavam na hoste que, como eles queriam falar conosco, não deveríamos impedir, pelo contrário, era bom que fôssemos. Então enviamos Dom Nuno, com dez cavaleiros seus, além de um judeu de Saragoça como intérprete, pois sabia árabe, cujo nome era Dom Bahiel.[347]

Pelas palavras acima, percebemos que a tentativa de negociação ocorreu porque, provavelmente, naquele momento os cristãos obtiveram maiores sucessos em suas investidas diante dos sarracenos. Diante da mensagem, o Conselho de Jaime decidiu que o rei devia enviar um mensageiro para falar com os sarracenos. Assim, Jaime enviou Dom Nuno, o qual cada vez mais estava ao seu lado durante a conquista, e mais dez cavaleiros juntamente com Dom Bahiel, um judeu de Saragoça. Este personagem pertencia à oligarquia desta comunidade e freqüentemente aparece na documentação da época como escrivão. De fato, muitos membros das comunidades judaicas na Idade Média eram bilíngües ou mesmo trilíngües, devido à sua tradição comercial, que remontava ao período do fim do Império Romano.[348] Mesmo que não apareça nas outras negociações, provavelmente Dom Bahiel estava presente nas mesmas.

Negociações muito confusas: assim podemos definir o processo diplomático ocorrido entre as partes. Provavelmente, a memória de Jaime não se recordava de alguns momentos e da seqüência dos acontecimentos. No total, a narrativa nos apresenta

---

346 BENNÀSSER, op. cit., p. 33-51, nota 182.

347 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, 1991, cap. 74.

348 Para essas questões, ver JOHNSON, Paul. **História dos Judeus**. Rio de Janeiro: Imago, 1989 e KRIEGEL, Maurice. Judeus. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 37-53.

três tentativas de acordo: todas três fracassadas. Na certeza de que aquela empresa não era uma simples investida de pilhagem, o rei muçulmano enviou mensageiros à hoste cristã.[349] A primeira representada por um diálogo incompreensível entre Abû Yhaya e Dom Nuno; outra entre Guilherme de Alagón, o qual se convertera ao islamismo, e Dom Pedro Cornel; e uma última, desta vez mais clara e decisiva, entre o rei de Maiorca e Dom Nuno. Vejamos.

Na primeira, Ibn Abû Yahya Hiquem, rei de Maiorca, enviou uma mensagem a Jaime para que pudessem negociar. Entretanto, quando o representante deste, Dom Nuno, chegou para conversar com Abû Yahya, este lhe perguntou o que o nobre cristão desejava. Diante do questionamento, Dom Nuno respondeu:

> Eu não vim aqui para isso, pois vós enviastes mensagem ao meu senhor, o rei, para que ele enviasse a vós um mensageiro em que confiasse muito, e escolheu a mim para isso, porque, ademais, sou seu parente. Por isso, e por honra a vós, enviou-me aqui para ouvir o que vós quereis dizer.[350]

Deixamos o processo diplomático (ou ao menos a tentativa de realizá-lo) de lado e observemos as palavras que Jaime "colocou na boca" de Dom Nuno. Diante da recusa em se pronunciar, Dom Nuno recordou o valor de Jaime perante Abû Yahya: o rei cristão o enviara por honra ao rei sarraceno. Até mesmo em meio a uma guerra, em meio a uma conquista, Jaime aparece como um rei que honra e respeita o inimigo.

Sabemos que esta tentativa de negociação foi fracassada: diante da resposta de Dom Nuno, Abû Yahya respondeu que não havia nada a declarar. Então, Dom Nuno retornou à hoste e disse:[351]

> Eu lhe respondi que me maravilhava muito, pois, por ser um homem tão sábio, como podia enviar mensagem a vós para que lhe mandasse um homem de vossa estrita confiança, e perguntar a mim o que eu lhe queria

349 CINGOLANI, op. cit., p. 240, nota 35.
350 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 74, nota 1.
351 VILLACAÑAS, op. cit., p. 147, nota 51.

> dizer? Respondemos que ele não deveria nos ouvir, pois como havia nos chamado, não lhe diríamos nada, caso ele não dissesse por que nos chamou.[352]

Tratava-se de uma tentativa para ganhar tempo, uma vez que os sarracenos conduziriam o debate de forma que fossem os cristãos que o solicitaram.[353] A reação de Dom Nuno foi rir e maravilhar-se, uma vez que não esperava aquilo de um rei.

A segunda tentativa de negociação, dessa vez entre Dom Pedro Cornel e Dom Guilherme de Alagón, não passou de uma frustada tentativa de realizar um acordo entre as partes. Diferentemente em relação à negociação anterior, esta não fora discutida entre as altas partes dos dois lados, e sim entre dois cavaleiros, sendo que Dom Guilherme de Alagón apresentou a proposta ao rei de Maiorca através da conversa com Dom Pedro Cornel. Este, quando retornou à hoste cristã, disse ao rei Jaime o que ocorrera: a proposta de Guilherme de Alagón era que todos os gastos que os cristãos tiveram seriam pagos e que, além disso, deixariam todos embarcarem sãos e salvos no retorno.

A resposta de Jaime nos apresenta algumas chaves para a compreensão de sua personalidade naquele momento:

> Dom Pedro Cornel, nos maravilhamos fortemente convosco por tal pleito que falastes, porque prometemos a Deus, pela fé que Ele nos deu e confiou que, mesmo que nos dessem tanta prata que cubrisse desde aquela montanha até a hoste, nós não a receberíamos; tampouco podem oferecer-nos algum pleito sobre Maiorca antes de tomamos a vila e o reino. Porque nunca retornaríamos à Catalunha sem passarmos antes por Maiorca.[354]

Aqui duas coisas são importantes. Primeira: o rei deixou claro que não aceitaria dinheiro em troca da conquista da ilha. O que isso quer dizer? Uma conquista, ou melhor, a primeira grande conquista, o *primeiro grande feito de armas* seria melhor

---

352 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 74, nota 1.
353 VILLACAÑAS, op. cit., p. 147, nota 51.
354 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 75, nota 1.

para legitimar sua autoridade; embora necessitasse de dinheiro, e esta necessidade foi o maior problema enfrentado pelos condes-reis da Coroa de Aragão diante das cortes,[355] Jaime sabia que a conquista da ilha de Maiorca, bem localizada no Mediterrâneo (que seria uma grande área de expansão da Coroa de Aragão nos anos posteriores à conquista de Maiorca), proporcionaria, além de glórias e honra, um bom rendimento para a Coroa e para os vassalos do rei.

Segunda: não estava nos planos do rei retornar à Catalunha sem conquistar a ilha de Maiorca. Antes de retornar ao continente o rei desejava *passar* por Maiorca, ou seja, conquistá-la. Recordemos: Jaime se encontrava em um momento que conhecemos com o nome de *Reconquista*, termo criado no século XIX[356] para designar todo o processo de luta ocorrido entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica.[357]

Retornamos aos diálogos: esta era a posição de Jaime diante dos pleitos que foram realizados. Entretanto, ainda haveria uma terceira tentativa de negociação, esta sim, mais clara e compreensiva para nossos estudos. Novamente, Dom Nuno, que aparece na liderança das negociações diante de Abû Yahya, chegou ao acampamento sarraceno e entrou na tenda do rei; do lado sarraceno estavam presentes Abû Yahya e dois xeques; do lado cristão Dom Nuno e um alfaqui, provavelmente Dom Bahiel. Os cavaleiros que estavam com Dom Nuno permaneceram do lado de fora da tenda. Novamente, Dom Nuno indagou ao rei de Maiorca o motivo que fora convocado; então Abû Yahya respondeu:

> Eu não creio ter errado com vosso rei. Portanto, maravilho-me quão fortemente ele se enfureceu contra mim a ponto de desejar tomar-me o reino que Deus me deu. Rogo a vós que o aconselhais a não desejar tomar a minha terra, e se ele ou vós tivestes algum gasto para vir até aqui, eu e a gente da terra o ressarciremos. Caso ele e todos os que vieram aqui com ele forem embora no bem e na paz, ninguém lhes fará nada, a não ser dar prazer e amor. E que o rei retorne, pois, ainda que nós e a gente da terra tivéssemos que pagar uma soma tão elevada, o faríamos em cinco dias, pois graças a Deus temos o suficiente em armas, comida e todo o necessário para defender a cidade. E para que melhor creiais nas palavras

355 CAWSEY, op. cit., p. 34, nota 66.

356 SALOMA, Martín F. Rios. De la restauración a la Reconquista: la construcción de un mito nacional (Una revisión historiográfica. Siglos XVI-XIX). **En la España Medieval**. Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, n.º 28, p. 379-414, 2005.

357 COSTA, op. cit., 2003, nota 241.

> que vos dissestes, que vosso senhor o rei envie dois ou três homens de sua confiança, pois, por minha cabeça, vos asseguro que poderão vir e voltar sãos e salvos, pois mostraremos nossas provisões e armas. E se não for assim como dizemos, que ele não atenda o pleito que propomos. Saibais que não nos importa que tenhais derrubado as torres que demoliram, pois não temos pavor que por ali possam entrar na cidade.[358]

Este é o primeiro discurso de um rei muçulmano no *Livro dos Feitos*. O envio de uma mensagem a Jaime I com a intenção de pleitear indicava, provavelmente, a debilidade do exército muçulmano. Entretanto, não é isso o que observamos nas palavras de Abû Yahya: antes de tudo, afirmou que não cometera nenhum erro contra Jaime e não entendia o desejo do rei cristão em conquistar o reino que Deus lhe dera. Diante desta situação, o rei de Maiorca apresentou dois dados importantes para nossa análise: primeiro, oferecia um pleito onde ressarciria todos os gastos que Jaime tivera para realizar aquela reconquista; segundo, o rei demonstrara possuir uma grande quantidade de provisões e de armas.

Diante de todas as explicações de Abû Yahya, Dom Nuno respondeu:

> Quando dissestes que não haveis cometido um grande erro com nosso rei, sim que cometestes, pois tomastes uma embarcação de seu reino com grandes haveres de mercadoria que levavam os mercadores; o rei vos enviou uma mensagem e vos rogou muito amorosamente através de um homem de sua casa de nome Jacques, mas vós respondestes-lhe muito brava e duramente, perguntando quem era aquele rei que reclamava aquela embarcação. Ele vos respondeu que aquele rei era filho do que venceu a hoste na batalha de Úbeda, mas vós vos esquivastes e ficastes contra ele, e lhe dissestes que, se não fosse por ser mensageiro, ele teria dito mal aquelas palavras. Ele vos respondeu que veio em vossa fé, e que poderíeis fazer dele o que lhe aprouvesse, mas que deveríeis bem saber o nome de seu senhor, pois todos os homens do mundo o sabiam e sabem o quanto ele é poderoso e elevado entre os cristãos, e que não devíeis desdenhar e não saber seu nome. Por isso, ele disse estas palavras pela má resposta que vós destes. Além disso, vos respondemos que nosso senhor, o rei, é jovem, pois não tem mais que vinte e um anos, e esta é a primeira grande coisa que começou. Assim, saibais que é de seu coração e de sua vontade que por nada no mundo partirá daqui até que tenha o reino e a terra de Maiorca. E mesmo que o aconselhássemos, sabemos por certo que ele não faria nada. A esse respeito, vós podeis falar, e falais, mas não será nada, já que ele não o fará, nem nós o aconselharemos.[359]

---

358 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 76, nota 1.
359 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 77, nota 1.

Uma resposta concisa e direta. Aqui surgem duas informações. Uma seria a reclamação sobre a pirataria que os sarracenos realizavam nas costas ocidentais da Península Ibérica, fato que ocorria constantemente naquela região,[360] e que afetava a toda população cristã da parte ocidental mediterrânea.[361] Além disso, esse seria o erro que Abû Yahya cometera e do qual tentou se esquivar em seu discurso.

Aqui temos que identificar duas coisas: uma é a acusação de pirataria por parte dos sarracenos feita por Dom Nuno; a outra é a crença na Divina Providência em relação à conquista de Maiorca. Estes dois motivos fazem parte dos mesmos objetivos do exército cristão. A pirataria era um problema real que devia ser exterminado; por outro lado, a crença de que Deus desejava que Maiorca fosse conquistada, e que constantemente aparece nas palavras de Jaime I, não pode ser deixada de lado. Além disso, este foi o único momento em que a acusação de pirataria foi feita e, como dissemos anteriormente, não descartamos esta possibilidade; no entanto, a crença na Divina Providência permeia todo o relato da conquista, como vimos até agora.

Em vista disso, compreendemos que Jaime, ao relatar sua *primeira grande conquista*, seu *primeiro grande feito de armas*, estava imbuído desta idéia providencialista que o ajudara nesta conquista. Dessa forma, desejava apresentar sua autoridade como rei legitimada pelos céus. Como vimos anteriormente, uma conquista era uma das formas de acesso ao poder real; assim Jaime, ao relatar suas memórias, deixou bem claro esta interferência dos céus no processo de legitimação de sua autoridade.

Outro fator importante que devemos observar no discurso de Dom Nuno é a vontade, inevitável, de Jaime I em conquistar Maiorca. Seguramente, embora haja um silêncio na fonte, Abû Yahya soubera que as negociações entre Dom Pedro Cornel e Dom Guilherme de Alagón não obtiveram sucesso e, além disso, soubera também qual era a verdadeira vontade de Jaime. Agora, pelas palavras de Dom Nuno, o rei sarraceno tinha a confirmação das intenções do rei cristão.

---

360 ARÁNDEZ, op. cit., p. 65-133, nota 183.

361 HEYD, G. **Storia del comercio de Levante nel medioevo**. Torino: Biblioteca del Economista, 1912, p. 207-209.

Ao colocar estas palavras na boca de seu vassalo, seu representante diante do rei sarraceno, Jaime se apresentou em um momento transitório. O rei ainda não tinha nenhuma glória, não realizara nenhum *grande feito de armas*; porém, como conde de Barcelona e rei de Aragão se assegurava na sua naturalidade de linhagem. As palavras de Dom Nuno são claras: Jaime era filho daquele que venceu a hoste sarracena na batalha de Úbeda, também conhecida como *Las Navas de Tolosa*. Como sabemos, esta batalha foi decisiva para o processo reconquistador contra os muçulmanos na Península Ibérica, cuja predominância diminuiu consideravelmente depois da mesma.[362] Assim, Jaime I, pelas palavras de Dom Nuno, retornava ao passado de sua linhagem para se fazer reconhecido diante dos seus inimigos; buscava no passado sua imagem de *rei natural*, continuador de uma linhagem, a casa dos condes de Barcelona que desde Afonso II, o *Casto* eram reis de Aragão.

A reação do rei maiorquino foi imediata: oferecia a Dom Nuno cinco besantes por cada pessoa, abandonaria a cidade para Jaime I e solicitava que o rei cristão fornecesse embarcações para que os muçulmanos pudessem se deslocar até a Berbéria, naquela época um reduto muçulmano.

Novamente, Dom Nuno retornou ao acampamento cristão. Observemos: quando Dom Nuno acusou o rei Maiorquino de pirataria e reafirmou a vontade de Jaime em conquistar a ilha, Abû Yahya ofereceu dinheiro e também manifestou o desejo de abandonar a ilha. Imediatamente, Jaime reuniu seu Conselho para discutirem sobre o aceite ou não da proposta do rei muçulmano. Durante a reunião, as opiniões se dividiram: Dom Nuno desejava aceitar a proposta; por outro lado, Dom Ramon Alamano, Berenguer de Palou, Dom Guerau de Cervelió e Dom Guilherme de Claramunt recordaram a morte dos Montcada e aconselharam que Jaime deveria vingar-se por aquelas mortes e não aceitar aquela proposta. Além disso, caso a aceitasse, havia a possibilidade do rei maiorquino passar à Berbéria e conseguir auxílio.

Depois de todas as explanações, Jaime se pronunciou: disse que não podia dizer nada sobre a morte dos homens que ocorrera na batalha de Portopí, apenas que os mesmos estavam em uma situação muito melhor que todos os outros, pois tinham a

---

362 VILLACAÑAS, op. cit., p. 48, nota 51.

glória de Deus, uma vez que morreram a serviço d'Ele. Além disso, por suas palavras, Jaime provavelmente faria o acordo, pois, para ele, parecia agradável que o fizessem.[363] Ao final de tudo, esta foi a resposta do Conselho ao rei:

> Então, toda aquela linhagem e os bispos, a uma só voz, disseram que mais valia tomarmos a vila pela força do que realizar aquele pleito. Então enviamos uma mensagem ao rei de Maiorca para que ele fizesse o que pudesse, pois nós faríamos o que podíamos.[364]

Paramos nossa narrativa para fazer uma pergunta: o rei Jaime que se apresentou neste momento seria o mesmo rei Jaime dos capítulos iniciais do *Livro dos Feitos*? Recordemos: ele mesmo nos diz que era um rei que não sabia aconselhar. Agora, não somente aconselhava como também escutava a decisão dos nobres. No caso acima, vemos que o rei acatou a decisão da maior parte dos nobres que desejavam que a vila fosse conquistada pela força das armas; como veremos adiante, esta conquista foi um momento de um grande massacre e de uma grande pilhagem.[365]

Desse modo, aquela fora a decisão dos nobres cristãos. Porém, dias mais tarde, os mesmos se mostraram arrependidos da mesma. O que fazer diante desta situação? Neste momento, vemos um rei que se apresenta reflexivo e decidido diante de determinadas situações. Ele não desejava voltar atrás na decisão que tomara juntamente com seu Conselho, pois isso "seria uma grande fraqueza".[366]

> A seguir, nós partimos, e nosso Senhor, que é o encaminhador daqueles que seguem os Seus caminhos, não quis que aquilo se fizesse da maneira que os sarracenos nos falavam, e deu-nos um melhor remédio. O conselho foi o seguinte: que assim como os sarracenos foram fortalecidos pela palavra do rei de Maiorca, quis Deus que os cristãos se fortificassem e os sarracenos se enfraquecessem. E fizeram-se as minas, mas, no fim, todos as desampararam, exceto aquela que estava no nível da terra, onde nos esforçamos tanto que, apesar deles, nós conseguimos.[367]

---

363 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 79, nota 1.
364 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 79, nota 1.
365 BELENGUER, op. cit., p. 90, nota 64.
366 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 80, nota 1.
367 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 80, nota 1.

Ao contrário do que os nobres desejavam que o rei fizesse, Jaime acreditava que Deus lhe dera uma melhor saída: os cristãos se fortaleceram e conseguiram concluir o túnel para penetrar na fortaleza inimiga. Isso provavelmente animou a hoste diante de todos aqueles acontecimentos.

Do lado muçulmano, Abû Yahya soubera da decisão de Jaime e de seu Conselho. Analisando a narrativa, o *Livro dos Feitos* nos passa a informação de que, conseqüentemente, a hoste sarracena ficara apavorada. Em seguida, da mesma forma que ocorrera na hoste cristã, realizou-se um Conselho Geral entre os sarracenos onde seu rei discursou:

> Barões, bem sabeis que essa terra foi conquistada por Miramamolim há mais de cem anos, e ele quis que eu fosse senhor de vós, e a conquistou, apesar dos cristãos, que nunca tiveram o atrevimento de atacar essa terra até agora. Aqui temos nossas mulheres, nossos filhos e nossos parentes. E agora nos dizem que devemos deixar a terra, de tal maneira que sejamos seus cativos. E ainda dizem mais, além do cativeiro: que protegerão nossas mulheres e, se não dermos nada, depois que estiverem em seu poder forçá-las-ão a fazer qualquer coisa. E eu, que estou aqui entre vós, que tanto sofri contra a nossa lei, preferiria ter perdido a cabeça, e agora desejo saber de vós o que pensais a esse respeito, e me digais qual é vosso juízo.[368]

O *Livro dos Feitos* nos apresenta um discurso de Abû Yahya onde o rei recordou seu passado e o transportou para o presente. Antes de escutar o conselho de seus homens, o rei recordou a importância de Maiorca: uma terra que fora conquistada pelos seus antencessores; uma terra onde se encontravam suas mulheres, filhos e parentes dos guerreiros sarracenos. Assim, diante da provável humilhação que sofreriam, deviam defender aquela terra e preferir a morte. Diante dessa explicação, a reação dos guerreiros sarracenos foi afirmar que desejavam mais a morte que sofrer uma afronta como aquela. Então prepararam sua defesa.

Abû Yhaya era um líder independente em Maiorca e fazia alguns anos que não estava subjugado a nenhum grande soberano. A crise Almôada afetara também as

---

368 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 79, nota 1.

Baleares,[369] principalmente depois da batalha de *Las Navas de Tolosa*, quando o poder daquela dinastia declinou consideravelmente na Península.[370] Com este declínio, a Reconquista na Península Ibérica foi adquirindo cada vez mais uma forte intensidade.[371] Dessa forma, alguns autores afirmam que a conquista das Baleares fora determinada tanto pela pirataria existente quanto pelo contexto de decadência do Império Almôada.[372] Diante disso, nós não podemos negar aquele fato (uma vez que o mesmo foi citado no discurso de Dom Nuno) e muito menos este contexto. Entretanto, analisando as palavras no *Livro dos Feitos*, não devemos esquecer a crença de Jaime I no papel que a Divina Providência exercia para que a empresa de Maiorca se realizasse: sem esta motivação para a conquista de Maiorca não poderemos compreender o significado que a mesma representa para a legitimação de Jaime I. Ela não foi representada no *Livro dos Feitos* somente como uma conquista: de acordo com Jaime ela era uma vontade divina e o rei acreditava que Deus o designara para conquistá-la.

Quatro dias antes da invasão da cidade, foram combinadas as estratégias para o assalto: todos os cristãos juraram que ninguém desampararia o ataque à cidade enquanto não recebesse um golpe mortal; ali fora decidido que o ataque seria rápido para que os sarracenos não solicitassem auxílio da Berbéria:

> Senhores, se não fazemos uma coisa, não fazemos nada. Se os sarracenos da ilha desejassem retirar o acordo que fizeram com o nosso senhor, o rei, e, se porventura, entrassem na cidade, mil, dois mil, três, ou quatro, ou cinco mil, não seria tão fácil tomar Maiorca, já que eles têm muito do que comer e, ademais, caso aumentassem em número, defenderiam bem a cidade. Por isso, eu aconselharia que fôssemos rápido, para que ninguém pudesse se proteger dentro da cidade.[373]

Podemos concluir, com esta passagem, que Jaime estava preocupado com a demora em conquistar a cidade, pois os sarracenos poderiam conseguir auxílio desde o norte da África. Além disso, fica claro que todo o processo de negociação, o

---

369 ARÁNDEZ, op. cit., p. 65-133, nota 183.
370 GARCIA FITZ, op. cit., nota 33.
371 TYERMAN, op. cit., p. 861, nota 17.
372 BENNÀSSER, op. cit., p. 33-51, nota 182.
373 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 81, nota 1.

qual começara pelos sarracenos, fora uma estratégia de Abû Yahya para ganhar tempo diante de uma situação problemática cuja desvantagem no desenrolar da guerra era fato.

Na narrativa, os capítulos 82 e 83 são importantes do ponto de vista estratégico da hoste cristã. Em primeiro lugar: Jaime ordenou que três pontos de vigilância fossem estabelecidos: nas máquinas e nas paliçadas; na porta de Barbelec e outro na porta de Portopí. Além disso, que cada vigia estivesse com cem cavaleiros armados durante o tempo que permanecessem velando. Em uma atitude supervisora do acampamento, Jaime, à noite, enviou um mensageiro para verificar se aqueles vigias permaneciam naqueles três pontos estratégicos. Porém, os mesmos não estavam e o rei encarregou que outros homens estivessem ali, além de afirmar o mal que causaram quando fizeram aquilo.[374]

Em segundo lugar, nas vésperas da batalha decisiva, Jaime ainda se preocupou com a solicitação de um empréstimo aos mercadores que estavam presentes para que todo o que fosse necessário estivesse à disposição da hoste.[375] Mesmo que o rei não descreva de uma forma pormenorizada a composição da hoste, se observarmos o exemplo da tomada de Valência, teremos ao menos uma aproximação sobre a composição do contingente que se deslocou para Maiorca.[376]

Por último, no final do capítulo 82, observamos toda a preocupação e inquietude de Jaime, preocupado com a tomada da cidade:

> Assim, velamos três dias e três noites, pois, quando pensávamos em dormir, chegavam mensagens daqueles que necessitavam nosso conselho, e quando desejávamos dormir, não podíamos fazê-lo, porque estávamos tão sensibilizados que quando se aproximava alguém da tenda, nós já sentíamos.[377]

---

374 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 82, nota 1.
375 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 82, nota 1.
376 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 270, nota 1.
377 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 82, nota 1.

Sensibilizado. Por três dias e três noites o rei não conseguira dormir uma vez que estava velando o acampamento, coordenando de perto todas as operações, resolvendo os problemas cotidianos. Notamos também outra coisa: muitos solicitavam seu conselho para que decisões fossem tomadas, as quais não poderiam ser feitas sem o consenso do rei, chegando ao ponto de afirmar que ninguém gastava um soldo sem antes consultar o rei, ou seja, uma quantidade ínfima. Este, quando desejava dormir não coseguia, pois estava tão sensível e preocupado com o desenrolar da empresa que logo sentia quando alguém se aproximava de sua tenda.

Desde o embarque em 5 de setembro de 1229 até este momento, aproximadamente 30 de dezembro do mesmo ano, passaram-se quase quatro meses. Sabemos que ao narrar sua história, ao pensar o *Livro dos Feitos*, o rei provavelmente deixou de lado muitas coisas, seja pelo esquecimento ou por qualquer outro motivo. Porém, estes quase quatro meses que são narrados nestes capítulos nos mostram muito mais que uma conquista territorial: devemos observar neles a formação de um rei, o qual, antes deste *primeiro grande feitos de armas* não sabia como se portar diante das incômodas situações ocorridas, tampouco aconselhar seus nobres e a si mesmo.

Assim, conforme a narrativa progride, compreendemos que a autoridade, que a legitimidade do rei adquire contornos e se construi por si mesma de acordo com as pistas que nos forneceu. E para que possamos observar esta imagem que vai adquirindo contornos cada vez mais precisos, temos que observar não somente as ordens que o rei dava aos seus nobres, mas também os sentimentos que o rei expressou no decorrer do *Livro*.

Antes disso, até mesmo nas últimas horas antes do ataque, o rei se mostrou consciente de que devia atacar no momento correto. Por isso, o rei recusou a proposta de Lope Jiménez de Luzia que aconselhou o rei para armar a hoste e se dirigir contra Maiorca, uma vez que duas torres da cidade estavam sem nenhum vigia sarraceno. Assim, em sua tenda, sem reunir nenhum Conselho, Jaime sabia o que deveria responder àquele cavaleiro:

> Ah, velho senhor! Como me dais conselho para que os homens entrem na cidade de noite, e em uma noite tão escura? De dia os homens não têm vergonha de fazer mal de armas, mas quereis que entrem à noite; como conhecerão um ao outro? Além disso, se os da hoste entrarem na vila e forem expulsos, nunca mais tomaremos Maiorca.[378]

4.7. 31 DE DEZEMBRO DE 1229: A CONQUISTA DA CIDADE DE MAIORCA

Nas primeiras horas do dia 31 de dezembro de 1229 o exército cristão começara a se preparar para a invasão da cidade. Antes de combaterem, deviam se preparar não apenas militarmente, mas também espiritualmente; e o fizeram: como em outros momentos da conquista, escutaram as missas matinais. Como na batalha de Portopí, os guerreiros consideravam-se protegidos pela intercessão divina depois de presenciarem e comungarem o Corpo de Cristo.[379]

A luz do dia simbolizava um novo tempo: a vitória sobre os muçulmanos, um feixe de luz que iluminava as trevas.[380] Quando escutaram o evangelho e tomaram a Eucaristia, os combatentes participaram dos ritos da Igreja[381] e receberam a legítima relíquia de Jesus. Com Cristo presente,[382] eles sentiam-se preparados para a batalha e protegidos espiritualmente pelo poder divino, pois participaram do rito mais essencial do Cristianismo: as reproduções dos gestos e das palavras de Cristo na partilha do pão e do vinho.[383] Naquele momento, o corpo de cada fiel estava unido a um corpo superior, místico.[384]

Esse era um momento muito importante, pois os guerreiros precisavam estar preparados para o combate, momento em que confirmariam a vontade de Deus.[385] Estes guerreiros queriam "fazer cavalaria", ou seja, atacar e realizar *grandes feitos*

---

378 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 83, nota 1.
379 CINGOLANI, op. cit., p. 244, nota 35.
380 DUBY, op. cit., p. 165, nota 23.
381 SCHMITT, Jean-Claude. Ritos. In: LE GOFF, Jacques. &_____. (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 415-430.
382 LE GOFF, op. cit., p. 129, nota 191.
383 SCHMITT, op. cit., p. 415-430, nota 381.
384 LE GOFF, op. cit., p. 129, nota 191.
385 COSTA, op. cit., p. 73-94, nota 25.

de armas.[386] Assim, desejavam *passar* por Maiorca. Para a Cristandade, que graças à bravura dos cavaleiros do Ocidente rechaçou os infiéis, o grande perigo externo era o Islã.[387] Para a Península, esse perigo era interno, pois a convivência com os infiéis era diária.[388] Jaime também participara das preparações espirituais; necessitava dessa proteção para a realização daquele que seria seu *primeiro grande feito de armas*.

Em seguida, o rei ordenou que todos se armassem, "cada qual com a arma que devia portar".[389] Entretanto, ao se aproximar dos peões e ordenar para avançarem, Jaime observou que os homens não obedeciam. Nesse momento, o rei se voltou para a Mãe de Deus e solicitou ajuda, lembrando aos céus que o motivo de estar ali era para que o sacrifício do Filho de Deus fosse celebrado.

> Santa Mãe de Deus, Nosso Senhor, nós viemos aqui para que o sacrifício de Vosso Filho fosse celebrado: rogai-O para que esta desonra não caia sobre mim nem sobre aqueles que me servem por Vosso nome e de Vosso Filho.[390]

Após essa oração, o rei novamente repreendeu-os incitando-os a avançarem. Depois de três vezes, eles obedeceram. Destacamos que isso ocorreu logo após a oração de Jaime, fato interpretado pelo rei como uma *hierofania*, ou seja, a intervenção divina no mundo terrestre.[391] Ao se voltar para os céus, Jaime solicitou ajuda e acreditou que recebeu: conseguiu deslocar suas tropas para a tomada de Maiorca.

Durante a narrativa, percebemos mais exortações aos céus. Quando se deslocavam em direção à vila, toda a hoste começou a gritar "Santa Maria! Santa Maria",

---

386 FLORI, op. cit., p. 185-199, nota 144.
387 TÔRRES, op. cit., p. 146-156, nota 235.
388 REBOIRAS, Fernando Dominguez. La España medieval, frontera de la Cristiandad. In: **Critianismo y Europa ante el tercer milenio**. Salamanca: Bibliotheca Salmanticensis. Estúdios 196, 1998, p. 75-88.
389 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 84, nota 1.
390 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 84, nota 1.
391 FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 40, nota 26.

gritando cada vez mais alto e, segundo Jaime, umas trinta vezes.[392] Devemos lembrar que mesmo que a expansão medieval tivesse intuitos demográficos, econômicos e políticos, também era motivada por objetivos religiosos, como a conversão dos infiéis.[393] Isso demonstra que no século XIII, a guerra na Península Ibérica já possuía um novo elemento que motivou o alargamento das fronteiras cristãs: a motivação religiosa.[394] Além disso, o caráter religioso era inerente ao pensamento desses homens de guerra, uma vez que o Cristianismo era uma religião de salvação.[395] Dessa forma, tratava-se de uma Cruzada, e a invocação à Virgem nos apresenta a relevância da fé mariana na Idade Média,[396] como explicamos anteriormente.

No momento da tomada da cidade, de acordo com as palavras de Jaime outra intervenção divina aconteceu: desta vez foi a aparição de São Jorge, um santo militar.[397] Segundo o *Livro dos Feitos*, cerca de quinhentos homens cristãos já estavam na cidade. Neste momento, Abû Yahya e todos os sarracenos estavam no palácio. Estratégicamente, os muçulmanos cercaram todos os cristãos que entraram. Ao ver isso e preocupado com as estratégias, Jaime afirmou que se os cavaleiros não entrassem todos os peões seriam mortos.[398] Nesse momento de perigo, a narrativa ilustra com convicção que um cavaleiro surgiu com vestes e com armas brancas. Jaime acreditou que o cavaleiro, que também fora visto pelos sarracenos, fosse São Jorge.

> Segundo o que os sarracenos nos contaram, diziam que viram entrar primeiro um cavalo e um cavaleiro branco com as armas brancas. Isso deve ser nossa crença que fosse São Jorge, porque nas histórias encontramos que em outras batalhas ele tem sido visto muitas vezes por cristãos e muçulmanos.[399]

---

392 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 84, nota 1.
393 LE GOFF, Jacques. Centro/periferia. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 201-217.
394 COSTA, op. cit., p. 96-97, nota 15.
395 LE GOFF, op. cit., p. 21-34, nota 328.
396 VILLACAÑAS, op. cit., p. 154, nota 51.
397 DEMURGER, op. cit., p. 162, nota 32.
398 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 84, nota 1.
399 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 84, nota 1.

Neste ponto da narrativa sobre a conquista de Maiorca, acreditamos que o rei narrou muitas hierofanias em sua narrativa, pois acreditava nas mesmas. Observamos que ao construir o relato, Jaime, sempre ao se deparar com um problema, solicitava ajuda dos céus. Analisando esta passagem, percebemos que a aparição do santo refere-se a um incentivo, a uma incitação de coragem para que os cavaleiros cristãos invadissem rapidamente a cidade. Além disso, esta visão já era muito conhecida, pois o rei afirmou que em outras batalhas ela fora vista tanto por cristãos quanto por muçulmanos. Nessa sociedade, era natural que os homens fossem testemunhas e admiradores das maravilhas que os surpreendiam.[400] Dessa forma, sempre que se encontrava diante de um problema, Jaime solicitava ajuda dos céus, pois estava convicto que Ele estava do seu lado e também porque, ao colocar por escrito estes acontecimentos, acreditava que sua autoridade seria fortalecida.

Isto foi mais uma afirmação da crença vigente na manifestação do maravilhoso medieval, caracterizado pela raridade e pelo espanto que suscitava. Nesse momento da Idade Média o Cristianismo já o regulamentara, o racionalizara e o reduzira a uma única fonte que era Deus, constituindo o mundo sobrenatural cristão (santos, anjos, demônios) como uma alternativa do maravilhoso.[401]

Mas o que significa a aparição deste soldado santo[402] no exato momento da conquista de Maiorca? Jaime apresenta a aparição de um santo militar e a relaciona com a tomada da cidade. Neste momento, São Jorge representava a manifestação celeste no campo de batalha, auxiliando àqueles que os céus designaram como vencedores.

Quando os sarracenos perceberam que perderiam a cidade, fugiram para a região montanhosa da ilha pelas portas de Barbelec e Portopí.[403] Pontos nevrálgicos onde a defesa era um dever prioritário, as portas das muralhas ligavam a cidade ao exterior próximo e distante.[404] Assim, muitos fugiram e se refugiaram nas montanhas, local onde mais tarde o exército cristão investiria na conquista do restante da ilha.

---

400 LE GOFF, op. cit., p. 105-120, nota 197.
401 LE GOFF, op. cit., p. 105-120, nota 197.
402 TYERMAN, op. cit., p. 840, nota 17.
403 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 86, nota 1.
404 LE GOFF, op. cit., p. 24-25, nota 238.

Na época da conquista, Maiorca apresentava uma geografia comum com outras regiões européias em relação à organização territorial. A região da cidade onde ocorrera o assalto, disfrutava de uma situação preeminente em relação aos outros territórios da ilha. A estimativa é de que no momento da conquista cristã Maiorca possuía aproximadamente 23.000 habitantes.[405]

Segundo o *Livro*, a riqueza e butim encontrados depois do assalto eram muitos.[406] Dessa forma, vemos que além da preocupação com a salvação espiritual, os homens que combateram em Maiorca estavam interessados também na riqueza material obtida com aquela vitória. Ao ver isso, o rei Jaime reclamou, dizendo que nenhum homem retornara ao rei durante os oito dias posteriores ao assalto da cidade,[407] tão ocupados estavam com a repartição do butim.

Jaime destacou que o último sarraceno a fugir da cidade foi Abû Yahya demonstrando uma admiração em relação à coragem deste. Muitos fugiram não apenas para as montanhas, mas também para as casas em busca de proteção contra o exército cristão. De acordo com o *Livro dos Feitos*, morreram cerca de vinte mil neste assalto.[408] Entretanto, como muitos sarracenos se refugiaram nas montanhas de Maiorca, estes valores deveriam ser reduzidos consideravelmente.[409]

Depois da invasão, das mortes e do massacre que ocorrera, surgiram os primeiros focos de resistência. O primeiro foi o castelo de Almudaina: diante desta fortazela cerca de trezentos muçulmanos morreram quando tentavam se proteger.[410] Estes focos de resistência continuariam por muito tempo, liderados principalmente pelos muçulmanos que fugiram para as montanhas da ilha após a invasão da cidade.

O encontro entre Jaime e Abû Yahya foi proporcionado pelos homens de Tortosa, os quais disseram que se Jaime lhes desse uma recompensa "entregariam o rei de Maiorca."[411] Entretanto, Jaime aceitou pagar mil libras para ter o rei de Maiorca são e salvo. Assim, deixou um rico-homem como representante no cerco ao castelo de

---

405 RULLAN, Onofre. Una aproximació a la geografía històrica de Mallorca. In: **Treballs de la Societat Catalana de Geografia**, n.º 57, p. 85-109, 2004.
406 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 86, nota 1.
407 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 88, nota 1.
408 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 86, nota 1.
409 BENNÀSSER, op. cit., p. 33-51, nota 182.
410 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 86, nota 1.
411 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 87, nota 1.

Almudaina e convocou Dom Nuno para ir com ele no encontro com o rei muçulmano. Quando chegaram, Jaime e Dom Nuno descavalgaram dos cavalos e entraram na casa.[412]

Jaime I destinou um tratamento diplomático ao rei de Maiorca e disse a ele, através de um dos homens de Tortosa, que confiaria dois cavaleiros e alguns homens para sua segurança. Disse ainda para que não se preocupasse, pois, já que estava em seu poder, não morreria. Pela leitura do *Livro*, Jaime não tinha intenção de matar o rei, uma vez que teve a oportunidade. Seu desígnio era conquistar Maiorca para seu reino e reconquistar esta terra para a Cristandade. Esta é a mensagem que Jaime desejou que soubessem sobre ele.

Entretanto, havia um último ponto de resistência: o castelo de Almudaina, que se localizava dentro da cidade. Durante a fuga, muitos sarracenos se protegeram nessa fortaleza, uma vez que ela era uma morada protegida.[413] Após ter-se encontrado com o rei de Maiorca, Jaime voltou para essa fortificação e iniciou as negociações com os fugitivos.

Jaime solicitou a eles que entregassem reféns e que saíssem para a muralha velha para negociar. Eles entregaram o filho do rei de Maiorca, que de acordo com o rei devia ter treze anos, e disseram que abririam a porta. Em seguida, Jaime enviou dois frades pregadores e dez cavaleiros com seus escudeiros para velar o local. Tal atitude foi tomada pelo rei por que "estávamos todos cansados e nós queríamos descansar, pois o sol já estava posto."[414]

4.8. ENFRENTAR AS CONSEQÜÊNCIAS DO *PRIMEIRO GRANDE FEITO DE ARMAS*

412 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 87, nota 1.

413 PESEZ, Jean-Marie. Castelo. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 153-172.

414 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 87, nota 1.

O rei conquistara a cidade. Um dia que jamais esqueceria e que freqüentemente foi recordado no *Livro dos Feitos*. Depois da conquista da cidade de Maiorca os sarracenos estavam debilitados e ofereceriam certa resistência até a tomada definitiva da ilha. Porém, para Jaime, o mais importante estrategicamente fora realizado.

Os feitos acontecidos entre o dia seguite à conquista e o retorno do rei para Barcelona são narrados entre os capítulos 88 e 104 do *Livro dos Feitos*. Estes nos passam algumas informações sobre os momentos posteriores à conquista da cidade, principalmente os primeiros problemas relativos à conquista que o rei enfrentaria: o reparte do butim, dos cativos e as estratégias para conquistar o resto da ilha.

Um rei feliz poderia ou não significar que seus nobres também estavam; ao menos neste momento, os seguidores de Jaime estavam. Acabaram de ajudar ao rei a realizar sua primeira grande e arriscada conquista, e agora usufruíam de um dos momentos das batalhas: o saque. Referimo-nos aqui ao dia posterior à tomada da ilha, quando Jaime nos passou a informação de que os guerreiros cristãos encontraram tantas riquezas que cada um recolheu para si aquilo que desejava.[415]

A vontade de Jaime era continuar a conquista contra os sarracenos que se refugiaram nas montanhas, uma vez que os mesmos estavam apavorados; um importante pensamento estratégico. Por outro lado, Dom Nuno, Dom Bernardo de Santa Eugênia, o bispo de Barcelona e o sacristão de Girona, Bernardo de Montgrí, que desejavam o leilão e a repartição do butim, eram contrários à proposta do rei. Provavelmente diante da pressão dos nobres sobre Jaime, a opção que restou ao rei fora seguir este último conselho.

Se observarmos a narrativa, veremos que desde a conquista de Maiorca (31 de dezembro de 1229) até a Páscoa (7 de abril de 1230), os ataques aos sarracenos que fugiram para as montanhas da ilha não foram empreendidos. O leilão e a repartição do butim foram realizados durante este período. Porém, aqui surgiria um problema: não satisfeitos com os resultados das repartições, os cavaleiros e o povo

---

415 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 88, nota 1.

se organizaram e saquearam as casas de Gil de Alagón e do preboste de Tarragona, Ferrer de Palarès.

Devemos entender este acontecimento como uma fraqueza do rei Jaime? Acabara de conquistar uma cidade e agora seus vassalos fazem uma revolta oriunda de uma suposta má repartição do butim. O que fazer diante dessa situação?

Depois do *primeiro grande feito de armas*, Jaime passaria pelas conseqüências desse *grande feito*. Pelas proporções de Maiorca, é bem provável que houvesse um butim muito considerável na cidade. Seguramente isso chamou a atenção dos guerreiros cristãos, que, nas próprias palavras do rei, investiram na pilhagem dos bens encontrados na cidade. Porém, ciente de que aquilo não poderia continuar, pois era totalmente indesejável uma revolta por parte dos soldados cristãos naquele momento, Jaime convocou seus barões e preparou uma estratégia para ser utilizada caso aquilo continuasse:

> Barões, não podemos concordar com isso, pois se concordássemos nenhum de vós permaneceria vivo ou sem ser saqueado. Nós vos mostraremos um bom conselho para receber: à primeira coisa que eles começarem, estejais aparelhados, vós e vossos cavalos, e estejais rapidamente na praça, onde não há barreira nem cadeia; daqueles que fazem mal que nós encontrarmos, tomemos vinte por nossa conta, e se não os encontrarmos, tomemos os primeiros que encontrarmos e os enforquemos, para que sirvam de exemplo. Se não fizermos isso, todos nós estaremos em grande trabalho. Além disso, mudemos a parte que nós temos na Almudaina para o Templo, e nós, nossos corpos, a escoltaremos até lá para que fique guardada.[416]

Jaime utilizaria a cavalaria para combater as atitudes de parte do seu exército e enforcaria alguns para que servissem de exemplo. Essas foram as primeiras conseqüências da conquista da cidade, uma vez que, pelas palavras do rei, podemos conjecturar que o butim presente na cidade era grande e que a vontade de alguns cavaleiros e do povo (provavelmente referindo-se aos peões) era saquear tudo aquilo que pudessem encontrar.

---

416 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 91, nota 1.

Desse modo, em meio a uma situação de guerra e com uma parte territorial considerável da ilha a ser conquistada, Jaime decidiu utilizar uma tática extrema com aqueles que tentavam desviar os andamentos da conquista, de acordo com o planejamento do rei. Este concedera a permissão para que a repartição dos bens, dos sarracenos e do butim fosse realizada; agora, em decorrência disso, ocorria algo que não seria bom para o andamento da conquista. Dessa forma, em meio a uma conquista, em meio a uma ilha em pleno Mediterrâneo, Jaime optou pelo castigo extremo contra aqueles que saquearam as casas de Gil de Alagón e Ferrer de Palarès.[417]

Mesmo assim, instantes depois de ter explicado a situação aos seus nobres e ter traçado uma estratégia para combater aqueles cavaleiros e o povo que saqueavam a vila, Jaime convocou a estes e lhes fez um discurso com boas palavras:

> Barões, vós iniciastes uma nova obra que nunca existiu, isto é, saquear as casas, e mais ainda, as daqueles que nunca lhes fizeram nada de errado, nem pouco nem muito. Assim, faço-vos saber que, de agora em diante, isso não será tolerado, pelo contrário, os penduraremos tantos pelos caminhos que a vila ficará empestada. Além disso, eu e os ricos-homens que aqui estão desejamos que seja dada a vossa parte, tanto de haveres quanto de terras. Quando ouviram estas boas palavras que eu vos dizia, eles se acalmaram e deixaram a maldade que começaram. Contudo, nós aconselhamos tanto aos bispos quanto ao preboste que não saíssem da Almudaina por todo aquele dia até que o povo se aquietasse, pois dissemos que contaríamos tudo e depois daríamos a sua parte. À noite, quando o povo ficou mais calmo, cada um foi para sua casa.[418]

Depois desse discurso, este problema não é mais comentado no *Livro*. Além disso, vemos que Jaime soube se posicionar em relação ao mesmo. Por outro lado, outra conseqüência grave aconteceria: a morte de vários nobres e cavaleiros que participaram da conquista ao lado do rei. Estes eram: Dom Guilherme de Claramunt, Dom Ramon Alamano, Dom Garcia Perez de Meitats, Dom Guerau de Cervelio e o conde de Ampúrias.[419]

---

417 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 91, nota 1.
418 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 91, nota 1.
419 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 92, nota 1.

Juntamente com Dom Nuno e com o bispo de Barcelona, Jaime convocou a Dom Ato de Foces e Dom Rodrigo Lizana, os quais estavam em Aragão, para servirem ao rei pela honra que tinha por ele, pois eram seus vassalos. Enquanto estes problemas se resolviam, o rei decidiu retomar os ataques que eram realizados. Nesta empresa, o exército de Jaime se dirigiu para uma alcaria chamada Inca.[420]

Depois de alguns combates e investidas, tanto dos cristãos como dos sarracenos,[421] Jaime e seu exército retornaram para a vila e encontraram o mestre do Hospital, Dom Hugo de Forcalquier e quinze cavaleiros de seu séquito. Nesse momento, Jaime teria que resolver mais um problema. A Ordem do Hospital não participara da conquista da ilha; consequentemente não teria nenhuma parte das terras a serem divididas. Diante disso, o mestre solicitou a Jaime que o Hospital pudesse ter uma parte das terras de Maiorca, pois, caso contrário, essa falta seria uma vergonha para a Ordem:

> E se o Hospital não tiver alguma parte de vós, que tem sido nosso senhor, da ilha que Deus vos deu para tomar, dirão as gentes a partir de então: 'Nem o Hospital nem seu mestre estiveram em tão grande feito como aquele de Maiorca', o qual Deus quis que vós fizésseis. Assim, por todos os tempos estaríamos mortos e envergonhados.[422]

A resposta de Jaime foi imediata: faria o possível para que o Hospital tivesse uma parte na conquista para que a honra dos mesmos fosse elevada. É bem provável que, como não estivera presente antes da conquista da cidade de Maiorca, o mestre Hugo de Forcalquier fizera um acordo com o rei de que participaria na conquista das demais partes da ilha, uma vez que seu nome aparece várias vezes ao lado do rei nos capítulos finais da narrativa sobre a conquista.[423]

Novamente, o rei se encontrava diante de um problema pós-conquista, pois, ao reunir seu Conselho, observou que seus homens se opunham àquela proposta.

---

420 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 93, nota 1.
421 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 94, nota 1.
422 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 95, nota 1.
423 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., caps. 98, 101 e 102, nota 1. Ver este último capítulo em especial, onde Hugo de Forcalquier utilizou uma estratégia para destruir o acampamento sarraceno.

Além disso, havia outro problema, pois a maior parte dos ricos-homens se fora da ilha.[424] Diante disso, Jaime propôs uma nova divisão, sendo que ele forneceria a maior parte para o Hospital:

> Nós temos a metade da terra. Daremos uma alcaria nossa, boa e honrada, como nossa parte. E vejamos Ramon de Ampúrias, que sabe as partes de vós. Contudo, vós não podeis dar uma alcaria que não tivésseis tomado, mas dividais as terras conforme as partes que vós haveis tomado. Com a terra e a alcaria que nós lhes daremos, terão sua parte convenientemente. Espero que isso vos agrade de tal maneira que nem com esta nem com outra ordem fiqueis enojados, pelo contrário, cumprais a sua vontade, e nós não faremos nada.[425]

Jaime procurou uma solução que pudesse agradar a todos, e encontrou: os nobres a aceitaram sem nenhum problema. Ademais, depois disso, os freires que estavam com o mestre Hugo de Forcalquier disseram que desejavam também uma casa para que pudessem habitar. Da mesma forma Jaime o conseguiu.

O restante da narrativa trata do combate contra a resistência muçulmana na ilha de Maiorca, principalmente as ações levadas a cabo na localidade de Inca, de onde as tropas cristãs partiram contra as montanhas de Soler, Almerug e Bonalbahar, locais de resistências muçulmanas onde, de acordo com as informações do *Livro dos Feitos*, havia mais de "três mil mouros de armas". Devido a essa quantidade, o rei foi aconselhado por Dom Nuno, Dom Jimeno de Urrea e pelo mestre do Hospital que não empreendesse aquela ação, pois poderia entrar em uma grande aventura. Jaime acatou o conselho, mas se lamentou de "não poder ter feito aquela façanha."[426]

Diante da impossibilidade do ataque, o rei consultou os guias que conheciam aquela região sobre os prováveis locais onde os sarracenos estavam escondidos. Um deles indicou a montanha da terra de Artana e disse que neste lugar havia sarracenos refugiados.[427] Diante da resposta, Jaime convocou Dom Nuno, o mestre do Templo,

---

424 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 96, nota 1.
425 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 96, nota 1.
426 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 98, nota 1.
427 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 99, nota 1.

Dom Jimeno de Urrea e alguns cavaleiros que estavam com o rei nesta parte da ilha, e acordaram que primeiramente enviariam corredores para que impedissem a fuga dos sarracenos; assim, logo em seguida a hoste o rei chegaria ao local.[428]

Nesse instante, a participação do mestre do Hospital foi decisiva, o que alegrou muito a Jaime:

> Enquanto comíamos, o mestre arriou suas bestas, uniu uma com a outra e, com uma boa corda, amarrou um homem na extremidade do arreio e acendeu um fogo de lenha seca em um caldeirão. Com muito cuidado deixaram esse homem vir com esse fogo aceso. Quando ele viu que as barracas estavam à direita, colocou fogo em uma. Como fazia um forte vento, acenderam e queimaram cerca de vinte. Quando vimos aquele fogo enquanto comíamos, tivemos uma grande alegria.[429]

Imaginemos. Visualisar esta cena pode ser um pouco difícil, mas, o pouco que nos esforçarmos poderemos compreender toda a tensão que havia no momento em que o mestre do Hospital baixou aquele homem por meio de cordas. Primeiro a tensão; depois a alegria quando viram as barracas sarracenas queimarem.

Aqui também observamos a tentativa de pleitos estabelecidos entre os cristãos e os sarracenos para que se rendessem como cativos. Por exemplo, depois que o acampamento sarraceno fora incendiado pelo mestre do Hospital, este mesmo tentou estabelecer um pleito com os refugiados, que tentaram estabelecer um prazo de oito dias para que fossem socorridos pelos sarracenos de outras partes da ilha. Passado o prazo, uma mensagem foi enviada aos sarracenos para que se entregassem: no total mil e quinhentos sarracenos foram presos, além de animais como vacas e ovelhas.[430]

Outro exemplo em que os sarracenos foram feitos cativos: em outra localidade da ilha, Jaime nos contou que Dom Pedro Massa fizera “uma cavalgada com cavaleiros e homens da hoste, além de almogávares” e combateram sarracenos em uma cova.

---

428 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 99-100, nota 1.
429 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 102, nota 1.
430 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 102-103, nota 1.

Resultado: depois do combate conseguiram como cativos cerca de quinhentos sarracenos.[431]

Estes foram os momentos finais da conquista de Maiorca. Depois da conquista da cidade, Jaime sabia que realizara seu *primeiro grande feito de armas*. A investida contra os refugiados nas montanhas de Maiorca representa a vontade do rei em conquistar a ilha por completo, exterminar toda crença islâmica da ilha. Estava acabado. Agora, devia retornar ao continente.

4.9. O RETORNO AO REINO: UM NOVO REI?

"Pois acrediteis, de boa fé, que não haverá momento no mundo, nem de dia nem de noite, em que a maior parte do nosso pensamento não estará convosco". Estas foram as palavras que o rei Jaime, neste momento, o grande conquistador de Maiorca, pronunciara em seu discurso aos nobres que o acompanharam durante alguns meses naquela conquista dentro do Mediterrâneo. O rei desejava retornar ao continente; os nobres permaneceriam sob o comando de Bernardo de Santa Eugênia. Porém, o pensamento de Jaime permaneceria conectado àqueles homens, aos seus problemas e às suas vidas. Era a preocupação que o senhor demonstrava com os seus vassalos, os quais permaneceram com o mesmo durante muito tempo em seu *primeiro grande feito de armas*. O rei guardaria esta conquista em sua memória por muito tempo, até o fim da sua vida. Agora podia proclamar, como o fez, a sua vitória aos outros reis cristãos.

Por exemplo, na preparação para a tomada de Valência, o rei não se inibiu em dizer que as palavras pronunciadas por Dom Sancho de Horta, ainda durante a tomada das baleares, desprezavam *seu primeiro grande feito de armas*:

---

431 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 103, nota 1.

> Nós nos inquietamos com estas palavras porque louvavam Valência e desprezavam Maiorca.[432]

Ou em outro momento, no sítio de Burriana, quando recordou do

> Mestre de Albenga de nome Nicoloso, que fez nosso trabuquete de Maiorca.[433]

Ou ainda neste outro, na construção de um castelo móvel:

> Enquanto ele vinha, nós explicamos a maneira como isso poderia ser feito, assim como havíamos visto em Maiorca.[434]

Ou ainda no sítio de Burriana, quando utilizou seu *primeiro grande feito* para impor sua autoridade ao ser contestado por Dom Bernardo e Dom Pedro Martel:

> Dom Bernardo, vós que sois um homem tão honrado, e Dom Pedro Martel, um homem bom da cidade, deveis guardar a minha honra por toda a vida. Por quanto desejaríeis que eu partisse e não tomasse este lugar? Além disso, eu e minha hoste receberíamos um grande dano e afronta. Pois se eu, que tenho o meu reino pelo qual lutei e submeti Aragão e Catalunha daqueles que se levantaram contra mim e, além disso, venci o condado de Urgel e Maiorca, tiver que me retirar nesta primeira ocasião do assédio do reino de Valência, não o farei. Contudo, se não tivesse do que comer, eu teria que fazê-lo. Por isso, vos peço, por Deus e pela natureza que tendes comigo, que não deixais que eu sofra um dano tão grande e uma afronta tão grande.[435]

---

432 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 130, nota 1.
433 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 157, nota 1.
434 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 158, nota 1.
435 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 164, nota 1.

Ou no monte de Santa Maria, quando os cavaleiros estavam prestes a abandonar o lugar:

> Barões, conhecemos e acreditamos que vós e todos aqueles que estão em Espanha sabeis a grande graça que Nosso Senhor nos fez em nossa juventude com o feito de Maiorca e das outras ilhas, além da conquista de Tortosa até aqui. Vós estais aqui reunidos para servir a Deus e a nós. Esta noite, frei Pedro de Lérida nos disse que, se nós fôssemos embora, a maior parte de vós também iríeis. Nós nos maravilhamos muito sobre isso, pois, se fôssemos, pensávamos em fazer disso um proveito para vós e para a nossa conquista. Mas, como entendemos que a nossa partida pesa para vós – nos levantamos e dissemos – nós prometemos a Deus, diante deste altar que é de Sua Mãe, que não passaremos para Teruel e para o Olho da Cona até que Valência seja tomada. Além disso, convocaremos nossa mulher, a rainha, e nossa filha, que agora é rainha de Castela, para que venham, e que assim entendais a grande vontade que temos em permanecer aqui e conquistar este reino. E que isso seja a serviço de Deus.[436]

Ou quando acusou Zahen, rei de Valência, de romper com um pacto estabelecido:

> Em seguida perguntamos o que ele desejava falar e ele respondeu que Zahen se maravilhava o quanto nós o odiávamos, pois fizemos com que nossas hostes e nosso poder viessem contra a terra e o poder que ele tinha. Além disso, ele pensava que não fizera nada contra nós para receber tanto mal de nossa parte. Ao escutar isso, nós respondemos que havia um mal, pois, quando estávamos na conquista de Maiorca, ele entrou em nossa terra e foi até Tortosa e Amposta, e o mal que ele e seus homens puderam fazer aos nossos homens e ao nosso bestiário, o fizeram. Dessa forma, ele combateu no Olho da Cona, o qual estava dentro de nosso reino. Além disso, nós o tínhamos por errado em outra coisa: pois nós lhe enviamos nosso mensageiro dizendo que desejávamos ter paz e trégua com ele e, como em nossa infância costumávamos ter e tomar as quintas de Valência e de Múrcia, que assim ele nos dispusesse aquilo que nos faltara das de Valência e faríamos um pleito de cem mil besantes. Desse modo, enviamos Dom Pedro Sancho como nosso mensageiro, pois era nosso notário, e ele, menosprezando o nosso amor, ofereceu-nos somente cinqüenta mil besantes. Depois disso rompemos com ele e com o seu amor e por isso viemos contra ele, pois amou mais os cinqüenta mil besantes que o nosso amor.[437]

Ou durante a repartição das terras de Valência:

---

436 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 237, nota 1.

437 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 275, nota 1.

> Agora nós vos mostraremos como repartir a terra; e fareis da mesma forma como se fez em Maiorca, pois, não há como fazer de outra forma.[438]

Todas estas partes selecionadas demonstram a importância que o feito de Maiorca representava para Jaime. Dessa forma, sempre acreditando na proteção divina, Jaime utilizou seu *primeiro grande feito* em muitas ocasiões.

Jaime, acreditando no auxílio divino, conquistara a ilha de Maiorca. Realizara um *grande feito de armas*, o primeiro, e poderia, sempre que fosse necessário, recordar o mesmo diante de qualquer situação. Depois disso, provavelmente o rei acreditara que diante de seus nobres sua imagem estava fortalecida; diante de sua linhagem, sua imagem estava reconhecida, pois fizera o que nenhum antepassado conseguira.

Antes, porém, de se despedir de seus vassalos, Jaime necessitava receber reforços para a ilha, uma vez que perdera muitos homens, fosse pelas batalhas, fosse pela mortandade causada pela epidemia logo após a conquista da cidade.[439] Os reforços chegaram através de Dom Rodrigo Lizana e Dom Ato de Foces, vassalos do rei que estavam no continente.[440]

Após a chegada destes reforços, Jaime resolveu se retirar. A conquista estava feita. Terminara o seu *primeiro grande feito de armas*. A maior parte da ilha de Maiorca estava conquistada. Os sarracenos que se refugiaram nas montanhas ainda ofereciam uma intensa resistência; porém, não ofereciam perigo à conquista da ilha.[441]

Diante disso, o rei refletiu e pensou que a melhor opção fosse retornar ao continente, uma vez que outros assuntos faziam com que sua presença fosse necessária:

---

438 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 289, nota 1.
439 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 92, nota 1.
440 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 104, nota 1.
441 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 114, nota 1.

> Depois de estarmos todo aquele verão em Maiorca, veio a nós Dom Bernardo de Santa Eugênia, que era senhor de Torroela. Nós rogamo-lo que, como estivemos em Maiorca por um longo tempo depois que ela foi tomada, desejávamos ir para a Catalunha; mas, para isso, ele deveria permanecer em nosso lugar em Maiorca. Para isso, ordenaríamos aos cavaleiros e a todos os outros homens que fizessem por ele o mesmo como fariam por nós.[442]

Antes, porém, devia deixar um representante: o escolhido foi Bernardo de Santa Eugênia, senhor de Torroela, o qual permanecera na ilha e exercera um importante papel na representação do rei, inclusive no desenrolar da conquista da ilha de Minorca.[443] Preocupado com o que poderia ocorrer em Maiorca depois da partida do rei, Bernardo de Santa Eugênia solicitou que o rei lhe doasse um castelo simplesmente para que o significado simbólico dessa doação, ou seja, o estabelecimento de um pacto entre Jaime e Bernardo de Santa Eugênia fosse percebido pelas gentes que permaneceriam em Maiorca.[444]

Assim, o rei, em suas reflexões, sabia que o momento de abandonar Maiorca chegara. Ele a conquistara para o seu reino e iniciara a futura expansão da Coroa de Aragão em direção ao Mediterrâneo; ele conquistara Maiorca para a Cristandade e contribuíra para no processo que chamamos modernamente de Reconquista na Península Ibérica. Conquista e Reconquista, duas palavras importantes para se compreender o que significou aquele feito no século XIII.

Depois de estabelecer o seu representante, Jaime reuniu um Conselho Geral com todos os cavaleiros e povoadores que estavam em Maiorca. Cavaleiros (conquistadores) e povoadores (colonizador): palavras significativas. A primeira representa o contexto que estudamos até o presente momento; a segunda representa a intenção de Jaime: povoar a terra de cristãos para que por meio deles o Cristianismo se estabelecesse naquela ilha que retornara para o reino de Deus.[445] E definitivamente. Àqueles que permaneceriam na ilha, Jaime pronunciou estas palavras:

---

442 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 105, nota 1.
443 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 115 e 117, nota 1.
444 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 105, nota 1.
445 BENNÀSSER, op. cit., p. 33-51, nota 182.

> Barões, nós estivemos aqui quatorze meses, e nunca desejamos partir de vós. Agora que chega a entrada do inverno, parece-nos que a terra não teme nada, à mercê de Deus. Porém queremos ir, pois poderíamos aconselhar melhor de lá, coisa que não faríamos aqui convosco, além de enviar a vós companhias para que as ilhas possam se defender, ou então vir nossa pessoa, caso seja necessário. Pois acredites, de boa fé, que não haverá momento no mundo, nem de dia nem de noite, em que a maior parte do nosso pensamento não estará convosco. Depois que Deus nos fez tanta graça ao nos doar um reino dentro do mar – coisa que nunca um rei da Espanha pôde concluir – nós edificamos uma igreja de Nossa Senhora Santa Maria, além de tantas outras que ali haverá. Saibais que não vos desampararei, mas sim que, por minha ajuda e por minha pessoa, muitas vezes nos veremos e nos teremos freqüentemente.[446]

Depois de sua primeira conquista, depois de seu amadurecimento na prática das armas, Jaime retorna para o continente. Porém, o laço vassálico permaneceria. Desde seu reino continental o rei forneceria a ajuda necessária para aqueles que permanecessem em Maiorca, principalmente porque havia a suspeita de que a ilha poderia ser atacada pelos sarracenos da Berbéria.

Duas frases marcam o seu discurso: “um reino dentro do mar” e “coisa que nunca um rei da Espanha pôde concluir”. As duas, referindo-se à Maiorca, nos trazem muitas reflexões. Em relação à primeira, já fora pronunciada pelos nobres durante o encontro com Pedro Martel e por Guilherme de Montcada, nas Cortes Gerais realizadas em Barcelona, em 1228. Em relação à segunda, nos adiciona uma informação: aqui vemos que Jaime não se refere à sua linhagem, ou seja, aos condes de Barcelona, e sim aos reis da Espanha; ou seja, a toda Península Ibérica. A partir de então todo o território peninsular conheceria Jaime como o grande conquistador de Maiorca. Esta seria a sua grande conquista, a qual, como observamos anteriormente, utilizara diante de muitas situações.

Comentamos rapidamente sobre os povoadores. Porém, o discurso do rei nos chamou a atenção por um fato importante para este contexto: “Depois que Deus nos fez tanta graça ao nos doar um reino dentro do mar – coisa que nunca um rei da Espanha pôde concluir – nós edificamos uma igreja de Nossa Senhora Santa Maria, além de tantas outras que ali haverá”. Edificar uma igreja; um local santo, um local

---

446 **Llibre dels Fets del Rei En Jaume**, op. cit., cap. 105, nota 1.

cristão, um local onde Jesus Cristo, filho do Salvador, seria louvado e glorificado por todos os tempos. Restabelecer a fé cristã: eis o grande motivador da conquista de Maiorca, o grande momento em que Jaime restabelecera sua fé naquele território, fé à qual acreditara que o ajudara naquela conquista e que conseqüentemente fortalecera sua imagem e sua autoridade. Em sua grande devoção à Santa Maria, Jaime aproveitou o momento precioso que vivia para estabelecer nesta terra reconquistada para o Cristianismo o culto à mãe de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o nascimento de Jaime até a realização do seu *primeiro grande feito de armas*, representado pela conquista de Maiorca, observamos o desenvolvimento de um personagem que de pouco a pouco vai tomando contornos na condução de seu reino, diante de seus vassalos e também na aplicação de seus valores cavaleirescos. Antes, aquele rei impotente que não sabia aconselhar seus vassalos nos primeiros anos de seu reinado; agora, o grande conquistador de Maiorca.

Ao narrar seus feitos, o rei organizara as informações de modo que todos soubessem que suas conquistas foram realizadas com a ajuda da Divina Providência. Em um momento em que o contexto era dominado pela reconquista das terras frente aos muçulmanos, compreendemos que o *Livro dos Feitos* esteja permeado de referências providencialistas, as quais sempre enobrecem a imagem de Jaime e o apresentam como um rei preparado e guiado pela Divina Providência. Seu objetivo era que as pessoas que lessem ou escutassem suas histórias o vissem como um rei designado por Deus. Como dissemos, as notícias sobre esta conquista foram divulgadas por muitos lugares, como Castela e França e, com isso, Jaime seria conhecido como o grande conquistador de Maiorca e reconhecido por este feito de armas.

Para apreendermos sua imagem de *rei natural*, *rei feudal* e *rei cavaleiro*, nos detivemos nos primeiros anos de seu reinado e logo em seguida realizarmos uma análise sobre os acontecimentos que ocorerram em Maiorca. Juntamente com estas três facetas de Jaime, as quais se desenvolveram também no decorrer da conquista de Maiorca, devemos acrescentar a crença do rei na Divina Providência, a qual o rei acreditara que o auxiliara durante toda a empresa maiorquina. Assim, inserido em um processo legitimado por Deus, Jaime realizou a *passagem* para o reino de Maiorca.

Como vimos, Jaime apresentara a conquista de Maiorca como uma vontade de Deus. Em suas primeiras palavras sobre a reunião dos nobres na casa de Pedro Martel, o rei deixou claro que este era o motivo daquela empresa. Além disso, o rei

fora motivado pelas palavras de seus nobres, os quais, ansiosos por conquistar novas terras e por feitos de armas, incitaram o rei a conquistar aquela ilha. Assim, temos um rei que se acreditava legitimado pelos céus, através da vontade divina, e também pela terra, pelas suas vitórias obtidas durante a conquista da ilha de Maiorca.

De acordo com a narrativa, a Divina Providência exerceu um papel chave na formação do rei, pois o mesmo narrou que seus feitos eram orientados por ela: quando estava diante de uma situação de perigo, como na travessia para Maiorca, Jaime voltava-se para a mãe de Deus; quando estava diante da morte de seus vassalos, recordava que os mesmos morreram a seu serviço e a serviço de Deus, e que assim seriam amparados com as recompensas do Paraíso.

Considerando o *Livro dos Feitos* como um texto formulado em um determinado momento e inserido em contexto específico, tentamos nos aproximar da imagem de Jaime I em seu processo de legitimação diante de sua nobreza e de sua linhagem através da conquista de Maiorca, seu *primeiro grande feito de armas*. Compreendemos que esta grande conquista foi narrada com o intuito de legitimar-se perante sua nobreza opositora e também diante de sua linhagem como continuador da casa dos condes de Barcelona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

De FULBERT DE CHARTRES ao Duque de Aquitânia GUILHERME V (1020). In: PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: textos e testemunhas. São Paulo: Unesp, 2000.

Gestes dels comtes de Barcelona i Reis d'Aragó (A cura de Stefano Maria Cingolani). València: Universitat de València/Monuments d'Història de la Corona d'Aragó, 2008.

Jaime I. Libro de los hechos (Introducción, traducción y notas de Julia Butiñá Jiménez). Madrid: Gredos, 2003.

Llibre dels Fets del Rei En Jaume. v. 2 (A cura de Jordi Bruguera). Barcelona: Barcino, 1991.

RAMON LLULL. **O Livro da Ordem de Cavalaria** (Tradução, revisão e notas Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Giordano, 2000.

FONTES SECUNDÁRIAS

ALVIRA CABRER, Martín. **Muret 1213.** La batalla decisiva de la cruzada contra los cátaros. Barcelona: Ariel, 2008.

ARÁNDEZ, Alvaro Santamaría. Determinantes de la conquista de Baleares. **Mayurqa**: revista del Departament de Ciències Històriques i Teoria de les Arts, Mallorca, n.º 8, p. 65-133, 1972.

AURELL, Jaume. From genealogies to chronicles: the power of the form in medieval catalan historiography. **Viator**, Berkeley, n.º 36, p. 235-264, 2005.

BALCELLS, Albert. **Història de Catalunya**. Barcelona: L'esfera dels llibres, 2004.

BEJDER, Maria Silveira. A disputa entre *Bellatores* e *Oratores* na Castela do século XIII. **Atas da III Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Rio de Janeiro, p. 111-117, 1995.

BELENGUER, Ernest. **Jaume I i el seu regnat**. Lleida: Pagès Editors, 2007.

BENNÀSSER, Pau Cateura. Jaume I: conquesta i organització del regne de Mallorca. In: COLÓN DOMÈNECH, Germá i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (Eds.). **El rei Jaume I**: fets, actes i paraules. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 33-51.

BERGER, Peter L. y LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1968.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BONNASSIE, Pierre. Feudalismo. In: **Dicionário de História Medieval**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

BOUREAU, Alain. Fé. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 411-422.

BRESC, Henri. Mar. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 95-104.

BRUGUERA, Jordi. Vocabulari marítim de la Crònica de Jaume I. In: **Randa.** Homenatge a Francesc de B. Moll III. Barcelona: Curial, 1981, p. 63-69.

BURGUERA, Jordi. Vocabulari militar de la Crònica de Jaume I. In: **Homenatge a Josep M. de Casacuberta/1**. Estudis de Llengua i literatura catalanes I. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1980, p. 39-64.

CAPDEFERRO, Marcelo. **Otra historia de Cataluña**. Barcelona: Acervo, 1990.

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 473-487.

CAYO CORNELIO TÁCITO. Germânia. In: **Obras Completas**. Madrid: M. Aguilar Editor, 1946.

CAWSEY, Suzanne F. **Reialesa i propaganda.** L'eloqüència reial i la Corona d'Aragó, c. 1200-1450. València: Publicacions Universitat de València, 2008.

CHACÓN, Jorge Maíz. La argumentación filosófica del Caballero medieval. El modelo e ideal luliano en el Libre del Orde de Cavaleria. COSTA, Ricardo da. TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana. **Mirabilia.** Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, nº 05, 2005. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num5/art4.htm. Acesso em 05 de Fevereiro de 2008.

CINGOLANI, Stefano Maria. **Historia y mito del rey Jaime I de Aragón**. Barcelona: Edicions 62, 2008.

CINGOLANI, Stefano Maria. **La memòria dels reis.** Les Quatre Grans Cròniques i la historiografia catalana, des del segle X fins al XIV. Barcelona: Base, 2008.

CINGOLANI, Stefano Maria. De historia privada a historia pública y de la afirmación al discurso: una reflexión en torno a la historiografía medieval catalana (985-1288). **Talia Dixit**: revista interdisciplinar de retórica e historiografía, Cáceres – Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, ano 3, n.º 3, p. 51-67, 2008.

CINGOLANI, Stefano Maria. Seguir les vestígies dels antecessors. Llinatge, reialesa i historiografia a Catalunya de Ramon Berenguer IV a Pere II (1131-1285). **Anuario de Estudios Medievales**, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, v. 1, n.º 36, p. 201-240, 2006.

COSTA, Ricardo da. **A Guerra na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998.

COSTA, Ricardo da. A violência da cavalaria medieval e o processo civilizador dos *oratores*. **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n.º 13, p. 174-186, 2001.

COSTA, Ricardo da. Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de *Alarcos* (1195) e *Las Navas de Tolosa* (1212). In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (Org.). **Guerras e Imigrações**. Campo Grande, Editora da UFMS, p. 73-94, 2004.

COSTA, Ricardo da. Apresentação: pensar como na Idade Média. In: **A árvore imperial.** Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316). 2000. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

COSTA, Ricardo da e NUNES, Daniele Werneck. As funções sociais e políticas do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (c. 1279-1283) de Ramon Llull. COSTA, Ricardo da. TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana. **Mirabilia**. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, nº 05, 2005. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num5/art9.htm. Acesso em 05 de Fevereiro de 2008.

COSTA, Ricardo da. O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras. In: ZIERER, Adriana (Coord.). **Outros Tempos**. Pesquisa em Foco – História. São Luís, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), v. 1, n.º 1, 2004, p. 53-65. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/volume01/vol01art04.pdf. Acesso em 15 de Fevereiro de 2008.

COSTA, Ricardo da. O Espelho de Reis (Speculum Regum) de Frei Álvaro Pais (1275/1280-1349) e seu conceito de tirania. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). **Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, p. 338-344, 2001.

COSTA, Ricardo da. **Ramón Llull y la Orden del Temple (Siglos XIII-XIV)**. 2003. Tese de Pós-Doutorado. Universitat Internacional de Catalunya, Barcelona, 2003.

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo.** As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Diccionari catalã-valencià-balear. Disponível em: http://dcvb.iecat.net. Acesso em 12 de Março de 2008.

DUBY, Georges. Castelos: poder e soberania. **Revista História Viva**, São Paulo, ano 2, n.º 18, p. 60-64, 2005.

DUBY, Georges. Los Feudales. In: **Obras selectas de Georges Duby**. México: Fondo de cultura econômica, 1999.

DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines**. 27 de Julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais**. Lisboa: Estampa, 1978.

FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o Estudo da Idade Média. LAUAND, Luiz Jean (coord.). **Revista VIDETUR**, n.º 6, 1999. Disponível em: http://www.hottopos.com.br/videtur6/raul.htm. Acesso em 16 de Fevereiro de 2008.

FERNÁNDEZ, Emilio Mitre. **História del Cristianismo.** v. 2. El mundo medieval. Madrid: Trotta, 2004.

FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 185-199.

FLORI, Jean. Jerusalém e as Cruzadas. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 7-24.

FLORI, Jean. **La Caballería**. Madrid: Alianza, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média:** nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Peregrinos, monges e guerreiros**: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval. São Paulo: Hucitec, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GANSHOF, F. L. **Que é o Feudalismo?** Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.

GARCIA FITZ, Francisco. **Las Navas de Tolosa**. Barcelona: Ariel, 2008.

GAUVARD, Claude. Justiça e Paz. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 55-62.

GAUVARD, Claude. Violência. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 605-613.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 167-181.

GINZBURG, Carlo. Introdução. In: **Relações de força**: História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONZÁLEZ ANTÓN, L. La revuelta de la nobleza aragonesa contra Jaime I en 1224/1227. **Homenaje a Don José María Lacarra en su jubilación del profesorado**. Zaragoza, 1977, p. 143-163.

GONZALVO I BOU, Gener. Les Constitucions de Pau i Treva. **Documents jurídics de la història de Catalunya**. Barcelona: Generalitat de Catalunya/Departament de Justícia, 1992.

GRABOIS, Areyh. Militia and Malitia: The Bernardine Vision of Chivalry. **De Re Militari**: The Society for Medieval Military History. Disponível em: http://www.deremilitari.org/resources/articles/grabois.htm. Acesso em 20 de Fevereiro de 2008.

GUERREAU-JALABERT, Anita. Parentesco. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 321-336.

GUICHARD, Pierre. Islã. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 633-648.

HAUF, Albert G. Més sobre la intencionalitat dels textos historiogràfics catalans medievals. **Medieval and Renaissance Studies in honour of Robert Brian Tate**. Oxford: The Dolphin Book Co., 1986, p. 47-61.

HEERS, Jacques. **A Idade Média, uma impostura**. Lisboa: Asa, 1994.

HEERS, Jacques. **História Medieval**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

HEYD, G. **Storia del comercio de Levante nel medioevo**. Torino: Biblioteca del Economista, 1912.

HILLGARTH, J. N. **El problema d'un imperi mediterrani català – 1229-1327**. Palma de Maiorca: Moll, 1984.

HILLGARTH, J. N. Vida i Importància de Ramon Llull en el context del segle XIII. **Anuario de Estudios Medievales**, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, v. 2, n.º 26, p. 967-978, 1996.

IOGNA-PRAT, Dominique. Ordem(ns). In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 305-319.

JOHNSON, Allan G. **The Blackwell dictionary of sociology**: a user's guide to sociological language. Cambridge: Blackwell, 1995.

JOHNSON, Paul. **História dos Judeus**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KEEN, Maurice. **La Caballería**. Barcelona: Ariel, 1986.

KRIEGEL, Maurice. Judeus. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 37-53.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. v. 1. Lisboa: Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques. Além. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 21-34.

LE GOFF, Jacques. Centro/periferia. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 201-217.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LE GOFF, Jacques. Le roi dans l'Occident Médiéval. In: _____. **Héros du Moyen Âge, le Saint et le Roi**. Paris: Gallimard, 2004.

LE GOFF, Jacques. Maravilhoso. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 105-120.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LE GOFF, Jacques. Rei. In: _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 395-414.

LEHMANN, Johannes. **Las cruzadas.** Los aventureros de Dios. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 1**. Da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MACHIRANT, Francesc. Introducció. **Llibre dels fets.** Jaume I. Alzira: Bromera, 2008.

NAVARRO, Francesc. **Historia Universal.** La expansión musulmana. Madrid: Salvat, s/d.

PERARNAU I ESPELT, Josep. De Catalunya als estats de la nació catalana. In: COLÓN DOMÈNECH, Germá i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (Eds.). **El rei Jaume I**: fets, actes i paraules. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 115-126.

PESEZ, Jean-Marie. Castelo. In: LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 153-172.

PORREDON, Romi. Introducció. In: **Jaume I.** La conquista de Mallorca del Llibre dels fets. Barcelona: La Magrana, 1997.

PREVITÉ-ORTON, C. W. **Historia del mundo en la Edad Média**. Ramon Sopena: Barcelona, 1995.

REBOIRAS, Fernando Domínguez. Introducción. In: COSTA, Ricardo da e VENTORIM, Eliane. **Raimundo Lúlio e a idéia de Cruzada**. Rio de Janeiro/São Paulo: Angelicvum/CEMOrOc, 2009.

REBOIRAS, Fernando Dominguez. La España medieval, frontera de la Cristiandad. In: **Critianismo y Europa ante el tercer milenio**. Salamanca: Bibliotheca Salmanticensis. Estúdios 196, 1998.

RODRÍGUEZ-PICAVEA MATILLA, Enrique. **Los monjes guerreiros en los reinos hispánicos**. Las órdenes militares en la Península Ibérica durante la Edad Media. Madrid: La esfera de los libros, 2008.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. Salvar la imagen del caballero. In: **Jaime I, Rey y Caballero.** Los arneses y la cultura caballeresca en el siglo XIII. València: LAIMPRENTA CG, 2008.

RULLAN, Onofre. Una aproximació a la geografía històrica de Mallorca. In: **Treballs de la Societat Catalana de Geografia**, n.º 57, p. 85-109, 2004.

SALOMA, Martín F. Rios. De la restauración a la Reconquista: la construcción de un mito nacional (Una revisión historiográfica. Siglos XVI-XIX). **En la España Medieval**. Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, n.º 28, p. 379-414, 2005.

SÁNCHEZ, Esteban Sarasa. Aragón y su intervención militar en el Mediterráneo medieval. **Militaria**: Revista de Cultura Militar, Madrid, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, n.º 12, p. 31-48, 1998.

SANTAMARIA, Alvaro. La expansión político-militar de la Corona de Aragón bajo la dirección de Jaime I: Baleares. In: **Jaime I y su época**. X Congreso de Historia de la Corona de Aragón. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", 1979, p. 91-146.

SCHMITT, Jean-Claude. Deus. In: LE GOFF, Jacques. & _____. (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 301-317.

SCHMITT, Jean-Claude. Ritos. In: LE GOFF, Jacques. &_____. (Coords.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** v. 2. São Paulo: Edusc, 2002, p. 415-430.

SOLDEVILA, Ferran. **Els grans reis del segle XIII.** Jaume I i Pere el Gran. Barcelona: Vicens-Vives, 1965.

SOLDEVILA, Ferran. Introducció a les Quatre Grans Cròniques. In: **Les Quatre Grans Cròniques**. Barcelona: Selecta, 1971.

SOLDEVILA, Ferran. La Crònica de Jaume I i el manuscrit de Poblet. In: **Cronistes, joglars i poetes**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrart, p. 53-59, 1996.

SOLDEVILA, Ferran e VALLS I TABERNER, Ferran. **Història de Catalunya**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2002.

SOLER I LLOPART, Albert. **Literatura catalana medieval**. Barcelona: UOC, 2003.

SPIEGEL, Gabrielle M. Genealogy: Form and Function in Medieval Historical Narrative. **Hystory and Theory**, Middletown, v. 22, n.º 1, p. 43-53, 1983.

SPIEGEL, Gabrielle M. Political Utility in Medieval Historiography: A Sketch. **History and Theory**, Middletown, v. 14, n.º 3, p. 314-325, 1975.

SPIEGEL, Gabrielle M. **Romancing the Past**: the rise of vernacular prose historiography in thirteenth-century France. Berkeley: University of California Press, 1995.

SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais.** Ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Pedro. **História e Mistérios dos Templários**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

STRAYER, Joseph R. **As origens medievais do Estado moderno**. Lisboa: Gradiva, 1972.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. A repressão à heresia na Baixa Idade Média. **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n.º 13, p. 146-156, 2002.

TOURTOULON, Ch. **Don Jaime I el Conquistador, rey de Aragón.** v. 1. Valencia: Frederico Doménech, 1874.

TUCHMANN, Barbara. **A prática da História**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

TYERMAN, Christopher. **Las Guerras de Dios**: Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2007.

UTRILLA UTRILLA, Juan F. Jaime I (1213-1276): aspectos más sobresalientes de un reinado. In: COLÓN DOMÈNECH, Germá i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (Eds.). **El rei Jaume I**: fets, actes i paraules. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 53-73.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIANNA, Luciano José. A redefinição de fronteiras entre cristãos e muçulmanos: a reunião das Cortes Gerais para a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos de Jaime I, o Conquistador (1208-1276). Trabalho apresentado no **VI Encontro Regional da ANPUH-ES. Territórios e Fronteiras: limites e deslocamentos**, 2006, Vitória.

VIANNA, Luciano José. O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: a conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1276) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador. Trabalho apresentado no **XII Encontro Regional da Anpuh.** Usos do Passado. Universidade Federal Fluminense, 2006.

VIANNA, Luciano José. Simbolismo e naturalidade nos primeiros tempos do reinado de Jaime I (1208-1276), o Conquistador. **XIV Seminario Académico APEC**. Compartiendo el Conocimiento. Barcelona: Casa Amèrica Catalunya, p. 109-118, 2009.

VILLACAÑAS, José Luis. **Jaume I el Conquistador**. Barcelona: Espasa Calpe, 2004.

ZIERER, Adriana M. S. **Paraíso, Escatologia e Messianismo em Portugal à época de D. João I**. 2004. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo